

A MARMOTA MARANHENSE.

FOLHA LITTERARIA, E RECREATIVA.

Publica-se uma ou duas vezes por semana, na Typ. Constitucional do Sr. I. J. Ferreira, rua da Paz n. 23, onde se recebem assignaturas a 480 réis por 9 numeros, pagos á entrega do 2.º numero, folhas avulsas 60 réis.

Minha linguagem será
A linguagem da verdade,
Pois sobre modo do recto
Tudo quanto é salidade.

Heide os vicios abater —
A virtude heide exaltar,
Sem dos vãos da decencia
Um só ponto discrepar.

A MARMOTA.

ANNO NOVO.

O FELIZ ANNO DE 1851.

Anno novo p'ra os viventes
Stá com nosco, é já chegado:
É provavel que elle seja
Alto, alto do que o passo.

Pois, como diz o proverbio,
— De hora em hora Deos melhora —
Quanto heide de mais do que antes
Entregar-nos a peitora!

Com o coração cheio do mais completo prazer saudamos a todos os viventes que chegaram a gozar a dita de ver apparecer a aurora d'esse dia, o primeiro que marca o novo anno que temos de seguir, se Deos quizer. Irmãos do mundo inteiro, cruvemo-nos diante do Altar, e vamos dar graças ao Omnipotente por nos conceder ainda este regosijo; os trabalhos, fadigas, incommodos, zangas e despezas do anno passado já estão pelas costas, já cahiram no somidouro do esquecimento, até mesmo os maiores prejuizos que tivéssemos não devemos mais sentir por estarmos de posse do maior bem, mais importante riqueza que ha na vida. Esse é o dia em que os inimigos devem perdoar uns aos outros, para se fraternisarem como Deos manda; e o dia em que os parentes e amigos se devem reunir com os braços de amizade por estarem vivos; é esse o dia em que se devem praticar todos os actos de humanidade, e até mandar presentes aos conhecidos para principiar-se o anno com boas obras. As moças que n'esse dia rezarem um rosario com devoção casará infallivelmente até o meio do anno; os negociantes que derem esmolas á pobreza acharão no balanço do fim do anno muitos contos de réis de lucro.

Este anno é sem duvida mais feliz que o passado, é na realidade anno novo, differente de todos os que temos visto até hoje: a sua numeração mudou de letra (0) para 1. letra esta mais bonita, e que indica o anno da felicidade.

Sirva tambem o dia de anno bom para pensarmos nos erros que commettemos durante o anno passado, e n'este corrigirmos; e por isso bem util é que a gente se confesse logo no principio da quaresma, para purificar o alma.

Parabens pois damos em primeiro lugar a todos os Maranhenses que gozam de vida, porque muitos d'ellos só se dá parabenar, a todos os Brasileiros, e a todos os viventes em geral que n'esta terra gozam do globo terrestre; e Deos dá a todos saude, felicidade, prazer tranquillidade e doçura

E boas creaturas

P'ra terem que gozar;

Pois n'este anno,

Se não me enganar,

Heide ver muita cousa!... o que é não digo,
Por ser de novidades pouco amigo.

AMEN.

ROMANCE.

Um enterro

NO RIO DE JANEIRO.

Os estados variam do hora em hora:
Sábio o Mortal, q' em um, q' em outro estado
(Disposto a tudo) a Providencia adora!
(Bocage)

I

O astro luminoso havia já terminado sua carreira, e trevas lentamente se aproximavam; eu atravessava o campo da Honra, quando lançando casualmente os olhos divisei muitas luzes junto a igreja de Santa Anna: despertada a minha curiosidade,

cidade dirigi-me áquelle lugar: a medida que me aproximava, fui tambem distinguindo um grande numero de segos, carruagens; cavallos, e grupos de homens, cujos vestidos eram pretos: um rico coche estava parado á porta principal do templo: e os sinos dando compassadas badaladas annunciavam um funeral.

Entrei na igreja, que estava simplesmente ornada: sobre uma eça, em torno da qual quatro torcheiros espalhavam uma luz fêa, e amortecida, se achava collocado um caixão, onde vi uma joven, e bella creatura, que parecia dormir placidamente. Proximo a um dos altares um mancebo, que me pareceu ter 22 a 24 annos, se conservava de pé; longos, e negros cabellos caíam-lhe pelo rosto, ainda mais palido, e desfigurado, que o da mesma defuncta; suas faces estavam humedecidas pelo pranto, que de continuo borbulhava em seus olhos, os quaes senão dispregavam do caixão. Quem será, dizia eu comigo mesmo, este moço, a quem uma dôr cruel parece assassinal-o?

II

Requiescat in pace, dizia o sacerdote, que já pela ultimo vez aspergia o cadaver.

O caixão ia a fechar-se, quando o mancebo, despertando da sua immobildade, corre direito a elle, faz um gesto rapido, estende as mãos, e quer impedir que se feche a sua tampa; saltam-lhe as forças, cohe desfallcido,

Varios individuos levaram-no a uma botica proxima, onde todos os cuidados lhe foram dirigidos. Accumulado de dôr, e lamentando o desditoso joven fui um, dos que se acharam na dita botica. Um homem avançado em idade estava encostado ao balcão, soluçava, e não tirava os olhos do moço. Não pude por mais tempo reservar o silencio; cheguei-me a um sujeito, e perguntei-lhe, quem era aquelle joven, que sem duvida me parecia victima de uma paixão.

— Aquelle homem, que ali vodes, me disse elle, encostado ao balcão, é um antigo negociante d'esta capital, pai d'aquelle mancebo, que parece lutar com a morte, o qual se chama Carlos. O cadaver que vistes no caixão, era d'uma joven, que só contava tres lustros de idade, por nome Luiza, prima do desgraçado Carlos. O amor ha muito tempo que prendia seus corações; hoje era o dia destinado para o hymeneu, e hontem a noiva foi victima d'uma apoplexia.

Quando o individuo, que baptiszei a minha curiosidade, finalison o seu discurso, o joven tornava a si. Aborto na mais silenciosa desesperação, não derramou uma lagrima, não pronunciou uma palavra, nem mesmo d'ella fallou. Um medico,

que chegava n'aquelle momento, o fez logo conduzir para casa.

III.

Eu soube que Carlos se havia retirado para uma chácara, e que o caracter de sua dôr nada tinha variado. Passeando pela sua camara apenas abre a bocca para pedir agua; quando a garrafa, d'onde bebe sem cessar, se acha vazia: uma chicara de caldo é o seu sustento. Algumas vezes no meio do seu constante passeio pára, cruza os braços, cae-lhe a cabeça sobre o peito, e por algum tempo permanece n'esta attitudão; pega no retrato de Luiza, que constantemente se acha sobre uma mesa, beija-o, contempla-o, levanta os olhos ao Céu, arranca um suspiro, com o qual parece exhalar a vida, e começa de novo a andar. De quando em quando dormita, ou no meio do dia, ou na sua declinação, e raras vezes, durante a noite: deita-se sobre um sofá, ou, para melhor dizer, cahe n'elle abatido de fadiga, pouco dorme, recorda como desvairado, olha para todos os lados, como se visse algum fantasma, e encostando a cabeça sobre as mãos, esconde o rosto, e permauece na mais dolorosa debilidade.

O medico, que nunca sahia do seu lado, começou a perceber nelle uma grande inquietação: parecia formar um projecto, cuja execução o atormentava, e que não queria communicar; não ousou interrogar-o receando augmentar o seu desasosiego. Carlos passou a noite sem dormir, o medico sentado em sua cadeira não perden o menor de seus movimentos, que bem mostrava inquietação do seu animo.

IV.

Eram 8 horas da manhã quando Carlos pediu papel, penna, e tinta o que immediatamente se lhe deu; rogou ao seu assistente que se retirasse por um momento, e apenas este sahio fechou-se por dentro.

Teria decorrido uma hora, quando se ouviu um tiro; o medico correu a porta do quarto, chamou-o, porem Carlos nada respondia. Arronbado a porta, entra, e que espectáculo se lhe apresenta!... Carlos estendido no pavimento, uma pistola descarregada, cujo cano ainda estava morno, achava-se junto d'elle! Em cima d'uma mesa estava uma carta para seu pai, cujo conteúdo é o seguinte:

— Meu querido pai, e unico amigo. — Quam variavel é a sorte dos mortaes!... E quam impenetraveis são os seus futuros!... Quando o prazer nos corôa com suas grinaldas, prepara já o cypreste, que deve substituí-los!... Seria preciso que me tornasse insensivel, para não a-

» agradecer, o que o amor vos tem feito praticar.
 » Tendes empregado todos os meios a fim de me-
 » llorar a minha cruel situação, mas isso é im-
 » possível!... Longe de mim a ingratiidão, sem-
 » pre vos amei com um affecto!... Porém a mor-
 » te tudo destruiu! Ella despedaçou os laços,
 » que me uniam ao mundo,—ella m'obriga a a-
 » bandonar-o. Que será de mim sem Luiza? El-
 » la já não existe!... Só esta idéa me assassi-
 » na!... Quando lerdes esta carta, sim, meu pai,
 » Carlos estará junto da sua Luiza. Com este
 » doce pensamento não sinto os horrores do tu-
 » mulo Permitti que nesta hora suprema vos sup-
 » plique uma unica graça;—na mesma igreja...
 » junto da sua catacumba... uma só urna deverá
 » encerrar nossos ossos; não negueis senhor, o
 » que um filho vos pede como ultimo favor!...
 » Não choreis a minha falta, nem tão pouco la-
 » menteis a minha sorte!... Eu morro, porém a
 » morte é para mim um prazer! Adeus meu
 » caro pai, quando acahardes a leitura desta car-
 » ta, rogo-vos que lanceis a vossa benção a um
 » filho, que sempre vos tributou uma cega obedi-
 » encia, e que imploreis a Deus pelo vosso desdi-
 » toso—Carlos.»

*R. J. de S. N.
 (Ret.)*

Sonetos.

Se a pesca vou, não acho algum peixeado;
 Se a caça, de mim se arreia a caça;
 Se planto, de colheita nem fumaça;
 Se negoceio, fico endividado:
 Se ao jogo lanço mão, perco dobrado;
 Se escrevo, em paga tenho só trapaça...
 Oh! será isto influxo da desgraça,
 Que me põe desta sorte maltratado!

Eu vejo por ahí tolos de maço,
 Que sem custo amontoam o dinheiro,
 E os cargos se lhes pregam no cachaço.
 Penso que isto é nó gordio verdadeiro,
 Que me faz resolver, sem embaraço,
 Que é melhor ir servir de alcoviteiro.

J. R. da R. A.

Requiescat in pace!

Não ha gosto perfeito n'este mundo.

GLOZA.

Tenho a vida passado sem sabor
 Por não ter um só gosto, uma ventura;
 Pois supponho que toda a creatura,
 Ao menos tem sabido o qu' é amor:

Porém eu?... somente o amargar
 Bebido hei na taça da tristura;
 Pois quanto sympathiso, a desventura
 Vem por fim terminar; Oh! grande dor!

Gostei d'uma Donzella,—pereceu;
 Amei outra mulher,—golpe segundo;
 Eu tive um grande amigo,—falleceu.

Gostava de um papel—(um pouco iminundo,
Camar'Optica chamada);—já morreu!!!...
 Não ha gosto perfeito neste mundo.

Ricardo A. C. de F.

Correspondencias.

Srs. Redactores da Marmota—Ahi vai essa es-
 pírradeira para a Sra. Maxixe, que ficou toda es-
 turradinha com a simples verdade da mesma pre-
 sente glosa: quem sabe se lhe coube a carapu-
 ça? Tia Rosa, vá resar, ou curar dos sobrinhos,
 e deixe-me avizar as moças, que com isto muito
 lucrarão, Creio que depois da minha critica já
 alguma deixou de ser tafula.

NOTTA.

*Toda moça mentirosa
 Fica velha sem casar;
 Fica mágoa catatônica,
 Fica aspecto de cartão
 Nada dá que não se expõe
 Toda moça mentirosa:
 Passa a vida desgozosa
 Diz e jura sempre amar
 Sem ninguem acreditar
 Faz-se logo chocarreira,
 Toma officio de parteira
 Fica velha sem casar.*

Aristarco das moças.

—Srs. Redactores da Marmota—Li em uma de
 suas jocosas folhas um mote do nosso *Aristarco*,
 e com quanto não tenhamos forças intellectuaes,
 assás sufficientes; para combatermos com o dito
 Senhor, com tudo pedimos-lhe que não seja tão
 maromba, por outra, meia cara, isto é, quando
 está com nosco, nos lisongeia, e longe de nós diz,
 o que diz: mesmo com isto não insulta a

Solitaria.

NOTTA.

*Toda moça virtuosa
 Fica velha sem casar.
 Não é bella, nem garbosa,
 Perde todo o romantismo,
 Passa para o faqatismo
 Toda moça virtuosa.*

A MARMOTA MARANHENSE.

FOLHA LITTERARIA, E RECREATIVA.

Publica-se uma ou duas vezes por semana, na Typ. Constitucional do Sr. I. J. Ferreira, rua da Paz n. 23, onde se recebem assignaturas a 480 réis por 9 numeros, pagos á entrega do 2.º numero, e lham avulsas 60 réis.

Minha linguagem morá
A linguagem da verdade,
Pois sobre modo detesto
Tu o quanto é falsidade.

Heide os vicios abater—
A virtude heide exaltar,
Sem das raizs da decencia
Um só ponto ducrepar.

A MARMOTA.

Um nosso assignante, pessoa em que muito confiamos, mandou-nos um logogripho para o publicar-mos no nosso jornal, o que com effeito fizemos no n. 23. Quando o recebemos desfilamo-lo sem ser preciso fazer a combinação de todas as syllabas, e por isso não demos com um descuido do author; que vem no mesmo logogripho. Porém este descuido que para nós, assim como para muitas outras pessoas passava desapercibido, foi apegando ao *Porto-Franco* n'um artigo do Promotor, publicando a grande immoralidade. Ora não se vê que o *Porto-Franco* está ligurada, e tão ligurada que o author do tal aviso, posto que a achasse muito immoral sendo publicada na *Marmota*, não teve inveja de a tornar a publicar naquella folha, copiando a figura palavra por palavra!

Diga-nos pois aqui em segredo *Sr. Censor*, V. S. não tem medo tambem do Promotor Publico? ou dar-se-ha o caso que V. S. julgue, que o que é immoral em um papel não o seja tambem em outro qualquer? Mas para que estamos com tantas perguntas? Quem diz que na *Marmota* só se publicam artigos offensivos da moral, e dos bons costumes, tem carta branca para dizer o que quizer.

A Companhia.

Uma simples companhia
É ás vezes proveitosa;
Porém a má companhia
Para todos é damnosa.

Logo que Deos formou o mundo e tencio-
u habital-o de gente, formou o Pai Adão,
e depois deu-lhe uma mulher, porque o

crianço teve medo de dormir só no Paraíso terrestre, e por isso pediu a Deos uma companhia, d'onde já podemos concluir que o gosto da companhia é muito antigo; e desde então para cá tem-se tornado tão commum, ou tão geral o tal uso ou reunião, pelo menos de dous, isto é de casal; por exemplo: chicara com pires, bule com tampa, garrafa com rolha, pipa com batoque, etc., etc.; e estamos tão acostumados a ver isto, que quando falta um dos dous faz grande differença.

O certo é que de boas companhias tiramos utilidades e serviços preziosos: do casamento ou companhia da mulher, que é a melhor, vem os filhos que augmentam a população, vem os commodos da vida quando a esposa trata de suas obrigações e não é vadia; e se a companhia é de mais pessoas, e estas dignas de attenção, utilisamos em civilisar o nosso espirito, aprendendo as regras da polidez da boa sociedade, a qual não pode existir sem companhia, e da boa companhia tiramos o precioso lucro de augmentar-nos os conhecimentos scientificos; quando não é companhia que só serve para ajudar a comer, ou encher a sala de pernas; quando não é companhia de homem estúpido que nada sabe dizer porque então falta a boa conversação, pasto do recreio e adiantamento das idas, mas infelizmente poucas companhias boas se acham, e isto pode bem adirnar qualquer pessoa que tiver a sua *salla franca* para receber as visitas que apparecem, as quaes, pela maior parte, servem para tomar o tempo e enjoarem o dono da casa, porque o dote de ter uma companhia útil e agradável é para poucos. Em geral os bons homens que todos os dias vão dar *visitas* de fazer companhia

uns alardeando seus feitos heroicos, e serviços passados, principalmente depois destes ultimos despachos; onde pretendiam mamar, porém ficárao logrados; outros se inculcando pela surdina homens de muita importancia pelos seus muitos afazeres, e pelos grandes beneficios que tem feito, pelos muitos dinheiros que tem enpreslado e dividas que tem a cobrar; outros até contando a sua descendencia, que é de raça fidalga e pura; e outros finalmente até querendo que se saiba o que elles comem em suas casas, as molestias que tem, as questões com seus parentes etc., etc., tomando inteiramente o tempo dos pacientes ouvintes que os aturam.

E que diremos de algumas mais e pais tolerdes, que levam uma noite inteira a contar ás visitas na sala as gracinhas do seu menino Cazuzo, e as innocencias de iayá Mariquinha, que perguntou se caranguejo era peixe?!...

Ha certas velhas curandeiras que moçam a gente a contar historias de curativos que fizeram, roturas que taparam, espinhelas que levantaram, umbigos estufados que recolheram, &c. &c. (isto só respondido a clyster de pimenta)

Ha ainda mais insuportavel que todos estes é o estúpido mal educado, que, além de se metter atrevidamente a fallar em tudo, dizendo burrices que revolta, de vez em quando nos seus accionados, bate no hombro da pessoa que o atura, falla-lhe tão de perto e tão apressado que cospe-lhe a cara, e tudo porque está pensando que brilha em fallar muito. Os homens que tem casas publicas, hem como lojas, escriptorios, e boticas, pela maior parte são martyres d'estas sarnas.

E eis-aqui porque muita gente tem feito protesto de não admitir companhia de qualidade alguma, porém nisto são tambem rigoristas de mais, porque em toda a regar geral ha suas excpções, e uma companhia é o melhor agrado que ha.

Dizem alguns que gostam de estar sós inteiramente (com o que não combino; porque acredito que só deseja estar unicamente o homem perverso ou estúpido, um enristecido pelos reuversos e outro com receio de fallar, por nada saber dizer); e por tanto adopto sempre a boa companhia, tanto d'alma, como de corpo, e de láte; e por isso não me brevo me com uma mesma esporta que se sabe contar historias e dar calúnias, porém que me dá a companhia,

tanto na presença como na ausencia, para eu não ter dores de cabeça pelo peso dos desgostos.

ROMANCE.

As Catacumbas

DE S. FRANCISCO DE PAULA

NO RIO DE JANEIRO.

No dia 12 de maio de 1838 entrei na igreja de S. Francisco de Paula, templo soberbo, e magnifico, depois de haver observado toda a sua grandeza, e magnificencia, encaminhei-me ao logar, onde descansam os mortos; uma das cosas que mais atrahiu a minha curiosidade foram ricas urnas, e monumentos de pedra. Em um grande pateo, cujas paredes estão cheias de catacumbas, estavam dous homens, um dos quaes maior em idade contava com bastante interesse a outro, que o ouvia com attenção o acontecimento seguinte:—

—Naquelle que alli vês, apontando para uma das catacumbas, que pela cal do reboco mostrava ter sido fechada havia poucos dias, descansa uma victima da falta de reflexão, quanto mais digno era d'uma vida feliz!... porém o desejo de possuir as riquezas, isso que tanto allucina os mortaes, o fez talvez cair na maior das desventuras; elle era digno de melhor sorte, porém a dor! a Parca cortou o fio de seus dias. Eis aqui o caso:—Uma Senhora de 60 annos de idade, e no estado de viuva, conhecendo o infeliz Guilherme, joven de muitos merecimentos, e dotado de todos os encantos da natureza, tentou unir-se a elle; um dia, quando Guilherme passava pela rua, em que habitava esta Senhora, um preto, seu escravo, sae-lhe ao encontro, e entrega-lhe uma carta; Guilherme aceita-a, pergunta-lhe quem alli o mandava, e o negro nada lhe diz, desaparecendo; apenas Guilherme chegou a casa abra-a, e lêo o seguinte:—*Ha muito tempo, Senhor, que vos conheço; estou cabalmente sciante do vosso estado, e honrado caracter; e como vos amo, tenho a honra de vos offerter a minha mão.*

Elle sabendo ser esta Senhora muito rica, logo annuo á sua offerta; este joven que só via a immensa fortuna desta mulher, pintou-lhe em sua resposta um amor quimerico; nem ella nunca até então occupou suas idéas.

Chegou finalmente o dia do consorcio; o pretor não reinou entre elles mais que dous dias, e um filho, que esta Senhora tinha, fructo de suas primeiras nupcias, rapaz de 24 annos, levava

quanto a mal o casamento de sua mãe, e antipathisava com seu padrasto.

Guilherme tinha sido militar, tinha viajado pelas provincias do imperio; frequentava os theatros, e os bailes; e sua esposa, tendo em vistas a desproporção das idades, julgava que lhe não guardava a verdadeira fé conjugal; ella era assaz ciosa; seus receios, e seus mal fundados crimes affligiam, e desgostavam o desgraçado Guilherme. Seu filho, conhecendo a indisposição de sua mãe para com seu padrasto, fomentou uma intriga, da qual só Guilherme foi a victimas; elle fazia com que sua mãe recebesse cartas fantasticas dirigidas a seu padrasto, fingindo ser d'esta, ou d'aquella amante; dirigida pelo crime ella aborrecia seu marido o mais possivel, malhõs de vezes praguejava a hora de seu consorcio; seu filho lembrava-se que por morte de sua mãe elle era o unico herdeiro, e que o casamento de Guilherme lhe havia tirado metade d'uma riqueza, que toda lhe pertencia. Eu não pretendo, dizia o bom velho, entreter-vos mais tempo com uma longa serie de fatalidades; só vos digo que Guilherme era um galante joven, e apenas contava 26 annos d'idade: todo quanto n'elle se admirava devido á natureza havia desaparecido; elle tornou-se á planta arrancada, á brê a qual caem em vão os abrazadores raios do sol, ou os doces orvalhos da madrugada; começou a cair, e em pouco tempo co-nheceu achar-se enfermo. Buscando os soccorros da medicina; esta facilmente descobriu os symptomas d'uma tísica tuberculosa; no dia 30 de março foi elle victima d'uma febre abrazadora, deitando ao mesmo tempo grandes golfadas d'um sangue negro, e corrupto; sua doença foi-se aggravando, e o infeliz falleceu no dia 22 de abril de 1838; affirmam que lhe ministraram algumas doses de veneno no alimento; toda via o que vos posso asseverar é que sua mulher nenhum sentimento teve pela sua perda: eu não quero horrorizar-vos declarando-vos quem servio de instrumento á sua morte.

As horas iam avançando, a noite começava a estender seu estrellado; um acompanhamento tenebroso conduzia umpeixão a uma d'estas catacumbas, que se achava aberta, eu deixei esta morada silenciosa, onde ainda ficaram os restos humanos, de quem fallei, permanecendo com esta terrivel narração impressa em meu pensamento.

Ó vós inexperientes! vós que iam atrevidamente, e até sem a existencia d'uma leve sympathia, vos entregais ao hyimeneo, não tendo em vista as riquezas, sepultais no esquecimento

honra, a virtude, e a mesma amizade, fivai, ainda que momentaneamente, vossos olhos no quadro horroroso que vos apresento, e talvez possa colher algum fructo do fim desastroso do infeliz Guilherme.

R. J. de S. A.
(Ext.)

A vida Humana.

.....
O homem nasce e vive um só instante,
E morre até morrer.
A. G. Dias.

O' vida humana, que ligeira vós!
Que breve instante vae do berço a campa
Da vida a eternidade!
Da infancia á juventude nos separa
Profundo, immenso abysmo;
Mas quão facil se torna essa passagem,
Que mal a percebemos!
Apenas a razão em nós sentimos,
E temos consciencia
De nosso pensamento e liberdade,
Tocamos á velhice,
E sempre debruçados sobre a campa,
Dés que mal despontamos!

Um complêxo de dores—de pezares,
De magmas—de tormentos;
Um contraste de choro e de sorrisos,
Incansavel correr por entre espinhos,
Um longo padecer entre amarguras,
Um combate infernal, insana luta,
Entre as loucas paixões, que em nós sentimos,
Se a virtude seguimos,
Apparentes doçuras, que acobertam
As fezes d'amargura;
Prazeres que suffocam cruéis dores,
Da consciencia os brados penetrantes,
Se trilhamos do vicio a larga via;
E depois? . . um sepulchro—a eternidade. . .
Eis pois a vida humana!

Março 26.

F. A. Ferreira Lima.

As Lagrimas.

A lagrima, dizem os classicos, que é um humor aquoso que cabe dos olhos; mas eu diria que é um producto liquido que irradia com a força do calor quando o corpo entra a sofrer por causa de alguma perturbação. As lagrimas são produzidas por diversos motivos, e são de diversas cores e sabores. As lagrimas de alegria, são brancas e doces; as lagrimas de tristeza, são azules e amargas; as lagrimas de amor, são vermelhas e doces; as lagrimas de dor, são negras e amargas. As lagrimas são a linguagem do coração, e são a mais doce e a mais amarga das lagrimas.

... o diabo nos negros de cadeira não esperarem por ella na subida, a moça que chama diabo ao sapato que calça só porque se rompo e não resistio aos seus saracoteios e pinotes. Corre-se á Igreja, e inda ali se ouve chamar diabo aos sinos porque tocam muito; diabo ao sacristão porque maneja os seus badalos, ao proprio padre porque demora um pouco a missa sem ter consideração com os ouvintes. Assim pois, o nome do diabo é o mais pronunciado de todos.

Vai um homem caçar, e nada matou: foi o diabo do cachorro que não soube procurar a caça; foi o diabo da pólvora que era ruim; e o diabo da espingarda que não deu fogo.

Entra-se em uma casa, e ali vê-se que a mãe, enraivada, chama aos meninos diabo, ás negras diabo, á carne que veio do açougue diabo, e só tem na bocca, como se fosse algum queimado ou torrão de assucar a palavra diabo.

Os sugeitinhos que chamam diabo até ás moças bonitas, fazendo-lhes porém o favor de dar-lher o diminutivo, e então dizem:—Fulana é muito bonita, é mesmo um diabinho.—As moças chamam a *Marmota* diabo, quando lhes falla nos namoros, nos pinotes, e nas anáguas &c.

Dizem que este senhor diabo se alegra quando fallam no seu nome. A ser assim, parece-mos que é o sugeito mais alegre que ha, porque muito se fallia n'elle. Enfim; tudo é o diabo; até este artigo foi escripto por não saber que diabo de artigo mandaria eu para a *Marmota*.

AS MODAS.

Com licença, amaveis leitoras; quremos vos roubar algumas linhas, para empregar-as com nosco; tambem quremos saber o que vai pelo mundo *fashionable* a respeito de nossas modas. Assim como as vossas cinturas perderam um pouco do seu cumprimento, as nossas casacas adquiriram o gosto inglez, mais curtas, mais justas ao corpo e mais airtasas.

Não seria para admirar que as modas dos homens continuassem no gosto das casacas e calças polka, paletós-sacs, &c., tomando vulto á proporção que a sciencia aerostatica vai fazendo progressos; mas aconteceu inteiramente o contrario: os botões cresceram a ponto de viajarem de Madrid para Londres, conduzindo até artilheria; e as casacas e as calças enmagreceram de uma maneira espantosa!

Nas casacas as cinturas subiram tres dedos, as abas são curtas e estreitas, e os botões uma simples ordem de quadro. Os coletes já não tem o eterno bico, e já muitos dos *bênes* de Paris qurem abotoar o ultimo botão, pretextando que é moda que tem sido repetida por tempo nunca visto nos annos *hom tem*. A respei-

to das calças é que se deu revolução extraordinaria, total! Agora as calças são um pouco largas nas coxas, e do joelho para baixo quasi justas, com presilhas mui estreitas, presas simplesmente por dous botões; são em tudo conformes ás que ultimamente tem o J. Charles cortados á vista dos ultimos figurinos francezes; assim como as casacas, para as quaes tem elle uma thesoura incomparavel.

Os chapéus pouco alteração tem tido, depois da ultima moda: os ultimos que vimos são mais baixas, com a aba mais larga, e um pouco voltadas para dentro.

Eis o que de novo nas modas dos homens, sobre as quaes voltaremos ainda.

C.

CORRESPONDENCIA.

O que soffrem as senhoras aos homens.

Mui nos tem agradado agora esta folha; por alguns artigos que tem publicado, em que certas amantes *beijaflor* tem chuxado para seu tabaco. Algumas de nós, é verdade que dão pannos para mangas e sabem pentear os taes bichinhos: porém elles tambem por sua vez fazem o que podem, e triste do que cahir na esparrella!...

Já antes do tempo do João Jacques Roseaux era moda dizer se que as moças são volúveis, que tem dois e trez amantes que repartem seus agrados com todos, e que é rara a que sabe ser fiel, &c.: porém como se quer que uma moça esteja a gastar sua humanidade, seu tempo e seus carinhos com um namorado que jurando-lhe todos os dias—paixão sem limites e fidelidade sem conta—apenas nos deixa em casa de nosos paes, ou d'aquelles que nos governão, vai para a de outra companhia e ali repete as mesmas palavras, faz os mesmos protestos, e assim por entretidas duas e trez victimas, por espaço de mezes e annos, e, quando Deos quer, passa ao poder de uma terceira ou uma quarta: que ás vezes é a ditosa que chega á senatoria ou ao antigo desembargo do paço, a que enfim tem a dita do proferir o—*Recebo a vós por meu legitimo marido, assim como manda a Santa Madre Igreja!*—E quem pilhou, pilhou: quem não pilhou, pilhasse!....

Se os homens fossem mais sinceros, e consequentemente mais constantes; se elles mesmos não andassem guerreando uns aos outros, conquistando nossos affectos por mil differentes maneiras, não nos porião na dura alternativa de não sabermos a quem dar preferencia, ou por outra, de procurar escapar á tyrannica machinação dos ingratos.

Como se sabe, nunca é a moça, salva alguma aberração da natureza contra os usos e costu-

mes sociaes a que provoca o homem; é sempre elle o que desafia com palavras, e compromette com actos a reputação de uma joven: havendo tantas infelizes, victimas de suas machinações, deve-se contar que em cada um anno, tantos são os homens perversos, tantas forem as victimas de que se tiver noticia, e que apparecerem expostas á censura publica; porque não havendo seductores, não haverão seduzidas.

Não he este o unico mal causado pelos homens em companhia dos seus. Uma moça por que tem o uso dos cinco sentidos—vê, ouve, cheira, gosta, (*) segundo nos ensina a cartilha, apaixonando-se por seu bello que todos os dias a procura, que lhe dirige palavras cheias de interesse, vistas cheias de fogo, que a mimosa, que a obriga a uma justa compensação de obsequios, de affectos, vê enfiarem-se as horas pelos dias, os dias pelas semanas e mozes e os mezes pelos annos; constante e sincera ella deixa mil vezes de corresponder a iguaes favores, e de aceitar promessas que outros lhe fazem, porque enfim já gosta de um ente no mundo: suspira por elle, já se penteia com cuidado para vel-o, veste-se com gosto para appresentar-se-lhe, prepara com accio a boca para fallar-lhe, limpa os ouvidos para ouvir-o, corta as unhas para não offendel-o, por um acaso qualquer enfim, já não se julgando mais inútil sobre a terra, feliz por que considera que ha um ente que vive por ella, que nella pensa, e que por ella suspira, olha para o mundo com o interesse de poder breve entrar nelle, preenchendo o fim da sua horrosa missão.

Levada porém assim ao ultimo grão do suas esperanças um dia, outro se passa em que já ella não vê o objecto que a encantára; um pretexto qualquer (se o amante reconhece ainda o mal que causa) o faz desapparecer, e outra que foi preferida, é a que vai merecer a gloria de esposa, sendo o abandono o premio de tantos sacrificios, de tantos suspiros e lagrimas que soltou deitainou em segredo, de tantas privações porque passou, vindo a morte ou dura e cruel enfermidade, que equivale ao mesmo, a pôr termo a uma vida gasta toda intetra em constante dedicação, com absoluta privança dos appeteciveis gozos.

A constancia he uma virtude, é verdade, e a virtude um esforço sobre nossas paixões. Já se vê pois, que para uma moça ser constante, e como tal acreditada, quantos esforços não faz sobre si mesma!... As mais constantes não são as mais felizes; porque desgraçadamente os homens, quando solteiros, se deixão sempre prender por essas demonstrações do jovial affecto,

por esses olhares rapidos e desafiantes, por esses motejos picantes e significativos, por essas constancias, que em creaturas deste genero são um erro, pondo-as fora das obrigações da decencia, e muitas vezes da modestia; proporcionando todos os dias novas conquistas, com o effeito de um amor constante e extremo, de uma dedicação a toda prova; males estes do que os homens, sendo causa, querem fazer-os reverter sobre nós outras, que por elles e só por elles nos sacrificamos, sem sabermos se o que nos dizem e o quer por nós fazem é uma verdade ou um artificio para chegarem ao fim de seus desejos, depois do que somos para todos elles uns objectos de escarneo e de desprezo, por nossa desgraça, desgraça de que elles e só elles forão os causadores!...

(Ext.)

Renascença.

Como os taes versos—*se eu fôra*—
Muito em voga agora estão,
Dos quaes tem cheias as pastas
Da Marmota a redacção;

Escolheu d'entre os melhores
(Ao menos metrificados)
Estes que abaixo se seguem,
Suppondo-os bem acabados,

*No album de uma belleza,
Dos annos indo na flor,
Escreve estes pensamentos
Seu mimoso trovador.*

*Si eu fôra de coiro pequeno capato
Havera apertar constante o teu pé;
Si eu fôra caxorro, ou mesmo algum gato
Havera de noite lambes teu chulé:*

*Si eu fôra colete de mil barbatanas,
Havera por gosto teu corpo arroxar;
Si eu fôra agua morna, em quatro semanas
Sómente uma vez te *havera* banhar:*

*Si eu fôra gusmoso sabão hespanhol;
Havera esfregar teus sujos lençoes
Si eu fôra entre as flores um bom gyra-sol,
Havera encaixar-me nos teus canções:*

*Sem ser de palacio, *se eu fôra* retreta,
Havera teu peso com geito aguentar;
Do velho bofete *si eu fôra* gaveta,
Havera teus ovos inteiros guardar;*

Mas eu não sou coiro, caxorro, nem gato,
Gaveta, agua morna, sabão, gyra-sol,
Colete ou retreta:—sou mesmo um gaiato
Que quero a peixinho cahido no anzol!...

(*) Perdõe-nos o illustre correspondente, ás vezes tambem apalpa, porque *apalpar* é o 3.º estado corporal.

A uma Virgem

Tu formosa como um anjo,
As tuas os encantos teus.
Que és tão bella, como é bello
Um pensamento de Deos!

Simplex como a flor do prado,
Luz pura como uma estrella,
És tão joven como a Aurora,
Parece mais linda do que ella!

N'essa idade dos prazeres,
N'essa idade dos amores,
Se tu olhas, quanto vês
São odoríferas flores!

Atende pois, bella virgem;
Nessa tua fresca idade
Raras vezes uma moça
Escuta a voz da verdade!

Nos bailes, passeios, festas
Luz não vês senão flores,
E só ferem teus ouvidos
Músic refinados louvores!

Para mulher bella e rica
Há sempre louvores fixos,
Para a que tem, para o que não tem,
Há sempre os seus caprichos!

Deus, deus, virgens bellas,
Quem vos ensina as flores;

Quem vos ensina a mentira,
Quem vos ensina a verdade,
Quem vos ensina a mentira,
Quem vos ensina a verdade,

Quem vos ensina a mentira,
Quem vos ensina a verdade,
Quem vos ensina a mentira,
Quem vos ensina a verdade,

Quem vos ensina a mentira,
Quem vos ensina a verdade,
Quem vos ensina a mentira,
Quem vos ensina a verdade,

Quem vos ensina a mentira,
Quem vos ensina a verdade,
Quem vos ensina a mentira,
Quem vos ensina a verdade,

Quem vos ensina a mentira,
Quem vos ensina a verdade,
Quem vos ensina a mentira,
Quem vos ensina a verdade,

Quem vos ensina a mentira,
Quem vos ensina a verdade,
Quem vos ensina a mentira,
Quem vos ensina a verdade,

Quem vos ensina a mentira,
Quem vos ensina a verdade,

Amor toda de virtude,
Amor que detesta o vicio
É que a honra não illude.

Amo as tuas perfeições,
Tuas virtudes venero;
Eis-aqui como te adoro,
Eis-aqui como te quero.

Ha tres entes só que gozam
N'este mundo os cultos meus,
E queres saber quaes são?
E' minha irmã, tu, e Deos.

A Deos, os meus cultos todos;
A minha irmã, amizada,
A ti, tudo quanto dá-se
Ao depois da Dinvidade!

Fogo pois, virgem, de ouvir
Perverso amor lisongreiro...
Constante amor só eu tenho,
Puro—fiel—verdadeiro!

MOTTE.

*Passo os dias divertido
Tocando minha rabeca
Dando disfructes ao mundo,
Passando a mão na careca.*

GLOZA.

Conheço que sou bem tolo,
Sei que sou intranquillo;
Amando sem ser amado,
Passo os dias divertido.

Tenho raça de maracá,
Parentesco com marrecá;
Muitos pagam para ver-me
Tocando minha rabeca.

Se vejo moça bonita,
No namoro sou profundo;
Sou tolo, por isso vivo
Dando disfructes ao mundo.

So imagino no que faço,
Sei que um dia levo a breca;
Esta ideia se dissipa
Passando a mão na careca.

M. N. B. M.

Coitada!

Minha amante porque choras
Tão sentida,
Essa lagrima que vertes
Tão doída!

Esse orvalho me parece
Hum brilhante,
Enganado no teu rosto
Minha amante.

Essa lagrima que vertes
Consternada!

No meu peito vem cravar-se
Minha amada.

Essa perola mimosa,
Esse lago
De perfume crystalino?...
E' afago!

Sim, afago ao teu pensar
Expressivo,
Esse pranto de ciúme
Sem motivo.

Que se mostra no teu rosto
Moreninho,
Nessas freix purpurinas
Meu benzinho.

Teus ciúmes! quem te move?
Teu amante?

Oh! não julgues minha bella
Sou constante.

Supprime as lagrimas sorrindo
Q'eu desejo.

Nesses labios de coral
Dar-te um beijo.

Ricardo.

CHARADAS.

Como para o paladar
Eu não influo, nem sirvo,
Tambem da sua terceira
Sem algum pazar me privo.

Como ella prorome sou;
Porém d'ella não careço,
Porque sou tanto d'um'ave,
A quem dá algum apreço.

Sendo signo... não celestrel;
Não me profiras dobrado!
Sentido, não cuide alguém
Que és marujo embarcado.

Eu não sou bon,
Nem d'isso me gabo;
Se me não conheces,
Decerto és bem parvo.

Desejo nos olhos sande;
Mas com a Santa nada quero,
Porque nenhum bem nos faz,
Nem d'olla algum bem quero.

Animal amphibio 6—2
E' quadrupede animal—2

Amibas dão filhas ao mundo,
Mas de modo desigual;
Aquelle, ás gentes é util,
Esta, nos viventes faz mal.

Sou do mephitico gues
Rindoa de tonagão,
Mas o vulgo me tem dado
Outra significação.

Animal amphibio 6—2
E' quadrupede animal—2

Tempo em que hup por
P. Ramos Rua Formosa n.º

A MARMOTA MARANHENSE.

FOLHA LITTERARIA, E RECREATIVA.

Publica-se uma ou duas vezes por semana, na Typ. da Temperança do Sr. M. P. Ramos, rua Formosa n. 9, onde se recebem assignaturas a 480 reis por 9 numeros, pagos á entrega do 2.º numero, folhas avulsas 60 reis.

Minha linguagem será Heide os vícios abater—
A linguagem da verdade. A virtude heide exaltar.
Pois sobre modo *como* Sem das raías da decência
Tudo quanto é falsidade. Um só ponto disrepar.

A MARMOTA

As Mães, e as Filhas.

Por um dever imposto pela natureza, por Deos, e pela gratidão, deve a creatura reverenciar, acatar, e respeitar muito aquellas de quem recebeu a existencia, cujo rosto jámais se lhe apresentou senão fagueiro e encantador com esse sorriso de mãe para filho. É principio impresso pela natureza no proprio coração humano, que não pode o homem jámais olhar para o rosto d'aquella que o amamentou sem commover-se; e quando, diz Eugénio Sue, perdido o desvairado, depois de haver corrido tortuosas veredas, elle parece haver-se esquecido do nome de Deos, lembra-se sempre com amor, e gratas lagrimas, do nome de mãe.

Hoje, porém, parece que na geral corrupção das cousas, assim já não acontece. Isto de mãe é péta, e uma vez a creatura chegada á certa idade, que se importa ella do saber, e muito mais de olhar para quem lhe acalentou no seu chorar de infancia, no seu precisar de tudo? Muitos até se envergonham de dizer em publico o nome de suas mães; e muito figurão ha por ali, que, em quanto roda em rico coche, ao lado d'elle, aquella de quem recebeu a vida, estende a mão de pedinte ao viandante, e vegeta na miséria e na crapula!

Tambem, seja licito dizer, a educação que as mães dão aos filhos, e filhas, principalmente, muito concorre para o que se vê; em parte, são ellas culpadas dos despezos que soffrem, por que deixaram seus filhos sempre á vontade, praticando actos conforme seus naturaes instinctos.

Deixando o bicho homem, fulta-se aqui sómente das mães e das filhas.

Nasce uma menina, mamama, engorda, cresce, e principia a andar. Já pela sociedade em que vive, já pelos exemplos que vê, vai ella se industriando em certas cousas, que não deveria conhecer. Uma criança aprende facilmente tudo

o que lhe querem ensinar; e as mães, doudas em sua amizade de mãe, principiam desde logo a ensinar-lhe certas cousas, que são aprendidas e praticadas pela menina como uma gracinha, e recebidas sempre com applauso e riso: não é raro, e eu tenho visto em muita casa o dizerem as mães:

— Sinhasinha é muito engraçada! Minha filha namore, ande, pisque uns olhinhos para o Sr. doutor. Bravo!... é muita facelra!

— Como é galante, minha senhora! diz logo o tal ouviante, por essa complascente adulação do tempo presente.

Inda V. S. não viu tudo! Ande, minha filha: tire tabaco: dê ao Sr. doutor. Forte bregeira!..

O Sr. doutor ainda não ouviu nada: quer ver como ella falla, e o tino que tem? dê-lhe uma pitada, e pergunte-lhe:

— Quem foi que botou o habaco no seu ualiz?

Apenas isto feito, responde a engraçada menina: —foi o sinhô!.. —Bravos! que retentiva!..

E a menina, que inda nada estudou, que apenas principia a entrar na vida, sabe já namorar, piscar um olho e abrir outro, e dar pitadas aos circunstantes, que applaudem-na, e dão os parabens á mãe por ter uma filha tão esperta e engraçada: quando melhor seria que se lhe applicassem boas palmadas pelas taes intituidas gracinhas. Ora, é preciso notar, e acontece quasi sempre, que os que presenciam estas graças, sahem d'ali criticando; mas, manda a etiqueta, requer a civilidade, que se louve a menina porque a mãe está presente.

Assim vai a filha crescendo, e ao chegar á idade dos amores, quando não sabe nem bonzer-se, já conhece a arte de sorvir dos olhos para dizer — eu te amo! — está persuadida que o namorar é cousa boa, pois que de tão cedo lhe ensinaram. Dança, canta e toca; conhece os segredos do toucador, e ouve todos os dias a sua mãe que lhe diz ser preciso — agradar para casar — tudo mais ignora, e se a levam á Igreja, é somente para que a vejamos.

Ora, que respeito esta filha pode ter á sua mãe! a sua mãe!... que a ensinou a namorar, que namora ainda, e que fez d'ella uma mercadoria? nenhum; se acaso de posição infima chega a fortuna, despreza a mãe, não sente por ella respeito algum, e não quer mesmo que saibam que ella é sua mãe! Viva a educação moderna!

Isso se vê nas classes altas. Nas classes baixas da sociedade, então as filhas são creadas de maneira a darem ás mães para o futuro o sustento, a roupa e a casa. Quando não tem vin-tem para comer, fazem sacrificio para comprar uma viola, e gastam antes o que podem arran- jar, em banha cheirosa e flores para o cabello, do que remediarem as necessidades.

Os tempos correm, as filhas dão dignos fructos da educação que receberam. Assim, não é raro entrar-se por ali em muita caza, e encontrar-se a dona d'ella enfurecida contra a mulher que tem na cosinha, a quem trata com desprezo, e a quem passa repelliões uns atraz dos outros; e essa mulher, se quer o leitor saber quem é—é a mãe da dita, que alli serve como escrava! São os fructos das lições de viola, e das pitadas de tabaco! Quem semeia ventos, colhe tempestades. E a mãe que se remine contra os tempos, vê a filha, ou quem d'ella se tornou, a fazer a mesma coisa.

Nas leis de Solon não havia lei contra o partido. Era contra do homem, que se não podia casar com a filha de um homem de bem. Mas, é porque naquelles tempos as mães tinham a culpa de serem desobedientes. Solon assim legislou, porque em seu tempo talvez as meninas não piscassem olhinhos por mandado das mães, nem dêssem *babaco* aos doutores para lhes causar praser.

A Marmota não sabe fallar senão a verdade; quem se quizer zangar com ella, que se zangue; porque é o mesmo. Uma mãe deve ser muito respeitada sempre: uma filha, para que desempenhe sua missão de filha, deve ser educada no temor de Deos, e na presença de bons exemplos.

A VIDA DO LOGISTA.

É indizível a paciência e bom humor que são necessarias a um logista, ou outro qualquer vendedor que tem casa aberta de negocio; alem do trabalho de trançar e aferrolhar as portas com trinta mil fechaduras, por causa dos ladrões nocturnos, atura por penitencia uma quantidade de freguezes que dão prejuizo de tempo e massadas insupportaveis. Logo que o logista se encosta ao balcão, sequioso por vender alguma coisa, eis que chega um gamenho ocioso querendo alardear riqueza, procurando fazendas caras e esquizitas que em toda sua geração nunca foram vestidas, se lho dizem que não

ondo haverá? Responde o logista: na casa de Fnão; mas a essa não vai elle, porque deve um calote muito antigo.

Dahi a pouco chega o roceiro querendo campar de esperto e grande negociador, apresenta uma receita mal escripta; os caixeiros o o amigo da casa entram a traduzir a tal tachygraphia do sertão, n'este interim o sertanejo passa a visita pelas taboletas para se familiarisar com as fazendas; lido o rol, pergunta elle os preços e por prevenção vai dizendo que tudo é caro; pede para ver as fazendas, leva á porta da rua, encosta os olhos, passa a lingua por cima para ver se está podre, e depois de toda esta séca desanima na compra, sahe apressado e vai á loja vizinha; assim corre todo o commercio até levar a espiga, e da casa onde leva maior bucha é donde se retira mais alegre, dizendo: *adeus até a volta*. Findo este sinapismo de impertinencias, ali vem uma mulher de mantilha campando de sabixona, e logo dizendo que está com muita pressa, porque sahio de dia sómente para comprar aquella encomenda: procura cassa de raminhos miudos, e recommenda que seja bem fina; sobem os caixeiros até ultimas prateleiras, logo se abate quanta fazenda ha, a busca entre os ociosos, puxa e fê do mesmo, entrega ao mão, medita um quarto de hora, e depois manda cortar mais cinco, que é para dar pagar os freguezes de uma casinha com tudo de scripta ao logista, e diz que não tendo mais nada, volta-se a repontar de novo a casa todo o trabalho baldado.

Chega depois o estudante sem muda, e per- dulario, finge-se muito amigo da casa, cita o nome do correspondente, e trava uma conversa a ver se fisa um calote. Chegam certos esper- talhões trapaceiros, ajustam varias fazendas, mandão cortar e depois de estar tudo prompto, dizem com uma voz muito doce—amigo Fnão, eu levo isto, Vinc. bem sabe que eu só recebo dinheiro no fim do mez, e portanto do meu or- denado vonho trazer-lho o importe; mas sumindo-se pelo caminho nunca mais apparece.

É que diremos d'uma quantidade de sujeitos ociosos que vão só por luxo perguntar preços de fazendas estando ácos de dinheiro o phytis- cos de credito? alem d'estes, outros ha que le- vam os dias inteiros nas lojas observando quem entra e o que compra; outros, aproveitando a posição por ser defronte da casa de sua namo- rada. Outros, descompoem o caixeiro de cobran- ça, porque os foi incommodar levando contas quando estavam no banho, ou dormindo a cê- ta da especulação.

Mas tudo isto é justo, e ainda mais flagellos deviam ter alguns logistas velhacos e ambicio- sos em extremo, que vivem estudando centenas de annos para poder, um dia, apresentar

fazendas, formando uma confusão de pannos e chitas desenrolando para embatacar os olhos dos compradores. Eis aqui pois um dos motivos porque elles se queixam de não haver negocio, ou influencia de commercio.

MA' LINGUA.

Esta senhora sempre é uma coisa terribilissima!... Não ha memoria de que houvesse ainda outra tão perigosa como esta, e então com mais outra circumstancia—mesmo preso no luto de quem a tem!... Não ha portas, não ha paredes, não ha muros, não ha solidas fortalezas, não ha segredos que ella não vença; até ao céu ao inferno esta maldita vai! Jesus, Nome de Jesus!

Ainda se pudesse, cada um que a tem, conhecê-la tal; mas, não; todas a tem, a qual melhor; agora, aquelles que são victimas dos seus golpes, esses sim, que infelizes d'elles quando chegam a saber aonde ellas estão!...

Entra qualquer malevolo, por pessoa de bem, em casa de qualquer familia honrada, é recebido talvez não como merecia, mas como ordena a probidade d'aquella casa, e quando fora, ou quando lá, o que elles quizerem que seja, familia uma pra-

... com suas con-
... dentes com seus
... a seus pais,
e tanta discórdia derramada entre tantas familias!...

Infeliz donzella, que não pudeste corresponder aos affectos que te jura o homem que tinha entrada em casa de tens pais!... Tu vás andar na boca de todos; vás ser apregoada como uma devassa; és uma grosseira; és uma estúpida; és malcreada; és tudo quanto uma lingua danada puder dizer que tu és.

Não tens remedio, has de soffrer, e has de morrer manietada ao pelourinho da deshonra!...

Chefes de familias! policias as pessoas que nos fazem a corte; os homens de honra não se podem escandalisar dos vossos escrúpulos, antes devem ser os primeiros a apoiá-los; limitai vossas liberalidades; comedi vossas franquezas, ou sereis victimas. Vós tendes a experiencia da idade e dos acontecimentos, apresentai-a, o sabe a ministrar bem regulada a vossos filhos.

Nada de oppressões com elles, porque as amarras muito esticadas arrebentam; liberdade quanto lhes deixe estudar o mundo e conhecê-lo; uma liberdade, como a liberdade de todas as coisas razoavelmente entendidas, e methodicamente observadas. Estudai bem as pessoas que vos derdes para amigos, que outros taaes elles se-

ração; e na sua lingua, que quando mais, nullo generoso de mortes que houvera seria pouca para soffrê-las.

R.

SONETOS.

Offerecido a um certo Padre confessor... tributo ao bom gosto.

Namoro senhor Padre, — isso é geral;
Porem para cazar; — é mui custoso;
Mas elle promettou... — em fim brioso...
E jurou-me tambem, — isso o que val!

Se visseis como é tão estremo,
Quando junto de mim... — é natural;
Por isso julgo que... — oh! pensas mal,
Dize... dize... — ser elle meu esposo.

E pensas?... (coitadinha)! — sim eu caso;
E muito bello moço, mui constante...
Porem de ti menina; não faz caso.

Absolve-te — porem se o teu amante
Te doixar... — oh! não deixa! — por accaso...
Vem amar-me mulher, que sou constante.

Ricardo.

Suspiros de uma Viúva.

Oh! Morte, quanto és dura, e sem remorso,
Que a vida d'esta vida me arrebatas.
Meu esposo fiel!... Quem assim
Mocidade, e consorcio, em seu com-

Ai, meu Deus! Ai de mim, triste! Endoudeço!...
Charo bem, que nest'alma te retratas,
Quanto eras amoroso! Ancias ingratas...
Doco praser! de ti... ai! me despeço!...

Aonde! onde acharei eu compaixão?!...
Oh gente! Oh mundo! Oh Mães da humanidade!
— Truz, truz, truz. — Quom está ahí? — Sou em Janjão!
— Suba. — O que, senhora!... inda anxiedade?!...
Mais não chora, que eu dou-lhe a minha mão!...
— Pois bem, não choro mais!... Vai-te, saudade!...

O. P. BUREL.

MORTE.

*Quem não gosta da Marmota,
Não gosta da cousa boa.*

GLOZA.

E' um perfeito idiota,
Refinado toleirão,
E' carranço, e jarrelão
Quem não gosta da Marmota.
Diz minha prima Lolota,
(Que não é moçinha a tôa,
Pois viu Paris e Lisboa,
E opusculos d'algum moço)

Primo:—Quem a não estimar,
Não gosta de cousa boa.
J. B. de S.

MOTTE.

Vai-te ingrato fementido
Já de mim não és senhor

GLOZA.

Es por mim já conhecido;
Por insigne tratante,
Queres ser de novo amante?
Vai-te ingrato fementido;
Sempre foste mui fingido
No tempo de nosso amor,
De novo queres impor?
Ingrato, cruel, tirano,
Homem astuto e deshumano
Já de mim não és senhor.

Ricardo.

Convite para a Valsa.

Minha senhora, é servida
Dançar a valsa pulada
Com este seu criadinho,
Se não quer estar parada?

Por modestia ella aceitou,
Elle a valsa foi romper.

Deu com a dama no chão;
Perdê... não foi por querer!..

Os nossos salões agora
O mundo quer dançar,
E um sujeito a uma dama
A honra de ser seu par:

Acceito a moça o convite,
(Coitadal o que ha de fazer) l..
Diz o marmanjo, opprimindo-a:
Perdê... não foi por querer.

É dos salões etiqueta
A dama não recusar
O cavalleiro que a pede
Para uma valsa pular:

Aperta-a pela cintura,
Fala-a máos tratos soffrer,
E diz quando ella o repelle:
Perdê... não foi por querer.

Pelo braço de um estranho,
Sem nenhuma educação,
E' moda andar a danzella
Passeando em um salão:

Ouve insultos do seu páz,
Que graças julga dizer:
E, se ella cõra, responde:
Perdê... não foi por querer.

Com viuva, honesta dama,
Passeava um cavalleiro,
Que só saber procurava
Quanto ella tinha em dinheiro:
Não sabendo conversar,

Para a senhora entreter,
Vexou-a, e disse auituando-a:
Perdê... não foi por querer!..

A senhora é muito bella,
E' uma moça bonita;
Mora só? já lhe prometto
Ir fazer lhe uma visita:

Como a moça repellisse
Tão grosseiro pretender,
Elle acabou com a desculpa:
Perdê... não foi por querer!..

Seja tratante, perverso,
Seductor, ou linguarudo,
Em tendo boa presença,
Os bailes recebem tudo:

Quando a desgraça succede
A qualquer máo proceder:
Respondo o crime á innocencia:
Perdê... não foi por querer!..

A FLOR SAUDADES.

Vem cá minha saudade
Vem fiel, neste retiro;

Sentir do peito exhalar-me
Hum magoado suspiro.

Vem ser minha companheira
Linda flor, tu não padeces,
Só tens da saudade o nome
Mas a dor tu não conheces.

Exprimes só mudamente
O que eu sinto dentro d'alma,
Mas não soffres, não padeces
O sentir que em mim não calma

Tu és flor muito estimada
Por donzella, no jardim,
Não soffres a dor saudade
Essa dor só dada a mim.

E' punhal que me traspassa
Que te não posso explicar;
Vem oh! flor, fiel amiga,
Vamos juntos desfinhar.

E' curto o viver da vida
Expiremos oh! saudade,
Hum por outro demos cabo
Como finda a humanidade.

Ricardo.

CHARADAS.

1
Subo sem azas tor aos altos ares, —
Sou um, e existo só sendo dobrado, — 1
Dizem que ja por mim em outro tempo
Um Deos Menino' fora visitado.

2
De capêlo o animal vem a meu grito, — 1
E pára o de cabresto a meus clamores, — 1
Sou arvore dos homens estimada,
Mas não produzo fructo, nem dou flores.

3
A homens e mulheres agasalho, — 2
De compassivo tenho a natureza, — 1
Pacs crueis me fizoram desgraçado
Para que tivesse applausos e riqueza.

4
Sou uma flor e um vivo, — 3
Possuo sempre alegria, — 2
Fogem de mim os rapazes,
Sou das velhas companhia.

5
Sou opprobrio e ornamento, — 2
Sou abundancia, e traslado, — 3
Aquelle sobre quem caio
Fica logo afortunado.

Sig. das charadas do n. antecedente:—a 1.ª é:—Saguarema
—a 2.ª —Palarata—.

Maranhão: Typ. da 'Temperança. 1961. Imp. por. M. P.
Ramos, rua Formosa n. 9.

A MARMOTA MARANHENSE.

FOLHA LITTERARIA, E RECREATIVA.

Publica-se uma ou duas vezes por semana, na Typ. da Temperança do Sr. M. P. Ramos, rua Formosa n. 9, onde se recebem assignaturas a 480 reis por 9 numeros, pagos á entrega do 2.º numero, folhas avulsas 80 reis.

Minha linguagem será Heide os vicios abater—
A linguagem da verdade, A virtude heide exaltar,
Pois sobre modo detesto Sem das raízes da decencia
Tudo quanto é falsidade. Um só ponto discrepar.

A MARMOTA.

A INVEJA.

Sempre a inveja assim foi, sempre ella investe
Aquem mais por virtude se distingue.

A inveja he a mais sordida, vil e degradante das paixões... Oh! aborrecer um homem a seu semelhante porque elle é virtuoso, instruido, e porque possui emfim qualidades, que o põe acima d'elle—invejoso—é o cumulo da perversidade, da immoralidade... E em quanto a inveja se alimenta com os crimes das paixões!

—A inveja he a mais sordida, vil e degradante das paixões... Oh! aborrecer um homem a seu semelhante porque elle é virtuoso, instruido, e porque possui emfim qualidades, que o põe acima d'elle—invejoso—é o cumulo da perversidade, da immoralidade... E em quanto a inveja se alimenta com os crimes das paixões!

cer a outra para que o mesmo n'esta fação—
elle quando é injuriado, quando é intrigado e calumniado busca desafrentar-se—embora o preceito de Deos—neste caso o homem obrando contra elle, pratica com alguma razão—seu fim não he deprimir o merito de alguém—; mas aborrecer a outrem, intrigal-o, calumniar-o só porque elle goza de outras vantagens, que as não tem elle—elle o injurioso... oh! é ser um demonio—é commetter um crime de lesa divindade....

E a inveja é uma paixão tão má, que a Santa Igreja a poz entre os peccados mortaes....

E de que armas não uza o invejoso—esto ente desprezível, degenerado, quando quer pôr em exercicio sua idole infernal!... Se aquelle de quem é inimigo, tem sellado os actos de sua vida por meio de beneficios, de acções verdadeiramente nobres—ei-lo que arteiro as denigra—ei-lo que as conspurca revestindo-as de negras formas.

Se, o de quem tem inveja, é um bom amigo, e ama a alguém, que lhe não dá ouvidos—ei-lo que caviloso busca derramar a rixania entre os dous amigos, entre as dous amantes.

Se é um sábio, um escriptor... chama-o uma

nullidade, um ladrão de escriptos—elle que nem se quer, muita vez, tem capacidade sufficiente para produzir outra cousa além de intrigas, de vis libellos—porque o invejoso é sempre um homem obscuro; porque elle é tão fraco, que não ousa atacar a sua victima de frente—porque é ordinariamente na escuridão da noite, que elle põe em contribuição os damnados sentimentos de seu coração....

E acaso o invejoso sabe, o que seja amizade, amor, honra, virtude e saber? Acaso elle diz elle sabe, o que é ser virtuoso? Acaso elle sabe o que he a honra? Acaso elle sabe o que he a amizade, quando quer desaccusar a algum?

Oh! que terra digna de se chamar o homem, que aqui atassalla a honra, as virtudes de um amante para vel-o aborrecido de sua amante—desta amante a quem elle inveja—e que o despreza—ali desune a dous amigos, e acolá inculcando-se de critico—pedante que é elle—taixa a este de estúpido—e aquelle escripto de plagiato, como se fora elle alguma cousa, como se o campo da sciencia não fora de todos—como se por este ter plantado o quer que seja em um terreno—aquelle outro esta mesma cousa em seu terreno não possa cultivar!...

E quereis pela physionomia conhecer ao invejoso?... tocei elogios a alguém, e vereis, que sua face empalidece... elle não poderá dissimular a afflicção e o despeito, que o rala—elle buscará contradizer as vossas palavras—e uma potencia occulta o levará até a reclamar contra os elogios, que vós prodigais a outrem que não elle....

E porque o espirito humano tem uma tendencia extraordinaria para o mal—eis o invejoso triumphante—eis desligados talvez para sempre os dous amigos, os dous amantes—eis o homem virtuoso desacreditado, e aquelle que começava de ser admirado por seu talento dando de mão a seus estudos, ao todo

mentos fugindo de apresentar suas produções—para elle—o invejoso, talvez, dal-as á luz depois debaixo do seu tecto!...

Agora ido buscar a elle, ao invejoso, e o vureis ancho, satisfeito, e fransindo nos labios um rir do inferno!...

Mas quanto este rir será ephemero!... Elle dando pasto a sua paixão dominante sem duvida gozará alguns instantes de alegria barba-mas sóra desta occasião elle não terá um momento de tranquillidade sobre a terra—sua vida será um suplicio—e na hora do passamento, o remorso ainda o virá tornar mais miseravel!

E a animadversão publica!... Oh! quanto ho digno de maldição, e ao mesmo tempo de dô o invejoso!... Socrates foi intrigado—foi calumniado, e por fim uma taça de cicuta deu-lhe cabo da vida...mas os seus inimigos? ah! estes fôrão tidos em tanto aborrecimento pelos Athenienses, que nem lhos era permittido fallar com os outros que não seus cumplices—a elles se recusava todos os misto-res da vida—nem por seus escravos podião ser servidos—os Athenienses tinham mais medo delles que os Judeos dos leprosos—e que foi feito dalles? todos estes miseravos se derão a... tel!...

ROMANCE.

1850.

OS MYSTERIOS DE UMA TARDE.

Onda vais ó Cavalleiro?

—Ver quem de amor me matou.

—Ves este cadaver?—Vejo.

—E vais a entrevista?—Vou.

(J. F. da Serpa Pimentel.)

A penna do Romancista, ainda o mais apto será capaz para definir a pompa de uma tarde que se goza do *Alto-da-Carneira*, nesta pitoresca Cidade do S. Luiz: é d'esse tanto levadico; que se pode admirar os prodigios da natureza, cazando-se com a simplicidade dos ornamentos da filha da Santa Cruz; da-é que se desfructa á larga os ultimos crepusculos do sol, adormecendo ao som das vagas! Por n'uma dessas tardes do mez de Abril do... que me achando melancolico, e sentindo o amago da alma opprimido de um certo indefinivel, sahi da minha habitação para avançar as ideas que me cubatão na mente dirigindo-me para esse logar porque achei o mais apropriado; alli só havia o silencio interrompido pelo pipitar das aves, ou pelo sibar dos ventos. Cheguei, volvi os olhos em torno de mim, a fim de vér se havia algum... que me observasse; e quando me sup-

puz á sós, assentei-me em uma pedra junto á uma laranjeira, que exhalava grato aroma; meo tranquillillo, comeei a examinar os pontos salientes pela fôrmozura e amenidade dos contornos. Distavão de mim não muito longe, as margens do rio Anil, que se roçavão por sobre arêa tão alva como o alabastro; e um sem conto de passaros, valsavão magicamente, correndo uns á pós outros como a porfia. O rei dos astros dictava no horizonte os ultimos decretos: os raios havião-se apagado; a tarde tornava-se côr de chumbo pelo contacto da noite que já se avisinhava; o azul-setim do firmamento, de estrellas embutido, brilhava como se fosse a cauda de um pavão. Por allem do espesso bosque espargia-se o desmaiado clarão que annunciava a apparição da pallida Diana! E dentro em pouco ergueo-se do leito verde-negro, envolta nos lenções de nuvens transparentes, como se fôrão ballão aerostatico, disprendendo melancolicos sorrisos; a meiga pequapé carpia a auzencia d'esse dia: julguei-me um poeta, ao todo daquella paizagem aonde só via a mais sublimada poesia! Quanto nos enleva um quadro tão maravilhoso como este! O zefiro roçava as sitas ázaz na superficie desse rio, modulando como as cordas de uma arpa; e esse susurro mavioso, agitava graciosamente as aguas do Anil, parecendo aos olhos meus, um tanque d'esmeraldas e de perolas; ou como uma d'essas maravilhas que nos sonhos vem acalantar a fantasia. Do sinistro lado da minha posição ergnia-se elegante palmeira, com o seu leque meio aberto sobre a fronte, parecendo ser a filha de Tupá, guardando as mattas dos Tamoyos; o leque em que viravão os froxos raios da lua, formavão um lindo resplendor como laminas d'espadas desafiando á quem ousasse profanar á natureza. Entregue á estas distrações... indifferente ao resto do mundo, sem nada mais invejar... dirigindo os meus olhares ora para o norte, ora para o oeste... achava em tudo sublimidade! sublimidade tal, que seria mister elevar o pensamento as inexplicaveis regiões da arte, para la buscar a definição de um quadro todo cheio d'inspirações, de vida, e de amor. A Cidade, prateada por esses raios da luz que tremolava na alampada da abobada celeste, repouzava ao longe profundamente agasalhada. Que de ideas suscita o seu aspecto á tales horas! Lá se devia o pharol de S. Marcos, do lado do occidente, contemplando admirado a paz, o o silencio. A voz de uma mulher ou a de um cimo, aspirou a melodia de sua alma, trinando a danta gutural no punhir das suas recordações; arrebatado por essa força occulta, fui levado a saber o como, á um lugar de minha alvaglia! não me

Que é fazenda avariada
Moça que passa dos trinta.
Torna-se magra, e faminta,
Entra a ter lepra, e siguaes,
E outros males ignaes,
Começando a parecer,
Marido não chega a ver,
Fica velha sem casar.
T. de L.

A conjectura Amorosa.
Bella virgem quem me dera
Quem podera,
Teu amor feliz gozar;
Mas não pode o desditoso
Venturoso
Ter a gloria de te amar.
Se de teus labios sahisse
Que eu ouvisse
Uma palavra de amor;
Mudar-se hia o meu fado
Desgraçado,
Teria fim minha dor.
Bella virgem vem findar,
Vem mudar
O meu viver de tristeza;
Com teu olhar, teu sorriso
Eu diviso
As graças da natureza.
Sê commigo compassiva
Decisiva
Neste amor que tanto almejo,
Eu desprezo quanto encerra
Toda terra
Para ser do teu desejo.
Não procures esquivaça,
Que a tardança
Do teu sim, faz-me penar;
Vem fagueira com caricias
Dar noticias
A esta vida de pesar.

Aviso interessante.

*D'uma menina bonita
Tem-se grande precisão
Para esposar um bom moço
Vindo ha pouco do Sertão.*

Um joven prendado o bello;
Que de nada necessita,
Precisa, p'ra sua esposa,
D'uma menina bonita.
Quem quizer que se aproveite
Da feliz occasião:
"Chega, chega, minha gente,"
Tem-se grande precisão.
Ninguém supponha levar
Porquilha ou gancho ao peçoço;

Pois que só quer-se a pequena
Para esposar um bom moço.
Mas s'exige qu'ella seja
Da mais fina educação,
P'ra bem morecer um joven
Vindo ha pouco do Sertão.
O moço além de bonito.
Tias consigo um fiador,
Steve dous mezes em França,
Trouxe carta de doutor.
Requer que a moça não tenha
O vicio da gullezina,
Qu' seja moça bem feita
E não tenha perna fina.
Qu' saiba cozer, bordar,
E que faça bons vestidos,
Qu' tenha cintura fina
Sem ter os pontos cahidos.

Desabafo Poetico.

Ingrata, infiel, perjura,
Vária, perfida, inconstante,
Fica embora, que te deixo
Gozar o teu novo amante.
Em quanto cuidei que tinhas
Puro amor, terra lá pura,
Adorei, sem esta mancha,
Tua gentil formosura.
Mas hoje que te conheço
O baixo e vil coração,
A voz da razão escuto;
Manda deixar-te a razão.
Saiba o indigno, que estima
Uma ingrata sem limite,
Que não é capaz de amor,
Que és toda um inero apetite.
Eu conheço os teus defeitos,
Eu já sei que és mentirosa,
E a núdoa d'esta vileza
Te faz ser menos formosa.
Não tenho vaidade alguma
Em gozar dos teus favores,
Que a minha gloria consista
Em achar puros amores.
Gostei mas era enganado,
Se de ti tanto gostei!...
Venceu-se este triste engano;
O gosto em pozar troquei.
Se tu fôras do amor digna,
Como eu então te julgava,
Ao teu venturoso amante
Livro o lugar não deixava.
Mas, enfim não me arrependo
Se assim me desenganou
Elle, tarde, inda hade achar
O que eu a tempo inda achei...
Quem perde o teu coração
Chorar a perda não deve.

Que te perde n'uma ingrata?
Nunca a fortuna mais lêve.
Eu podera, cruel, ficar vingado
Te dando a conhecer ao mundo inteiro
Mas espero que o tempo justiceiro
O premio te dará do falso agrado!..
A. de P.

LOGOGRIPO.

Cinco syllabas;—hi vai
Um pequeno logogripbo,
Saia á luz inda mais este
Que de á muito o tenho em gripbo
1.º o 2.º falla,
Tambem foi muito constante,
A 3.º dezojava
De Hyminéo, c'o seu amante.
La na musica está á
Minha 4.º como nota,
Assim como p 5.º existe
Aqui mesmo na Marmota.
A 1.º sempre afirma.
A 5.º junto a 3.º,
Com mais uma consoante
Mede o tempo na carreira.
T'ó verás 3.º e 4.º
Mesmo aqui dizendo Armin,
4.º e 5.º, faz palavra
Que não falla, mais não pia.
A 2.º e 4.º faz
Um qualquer sendo vivente,
A 2.º junto á 5.º
Faz o pano de repente.
A 5.º e 4.º á 2.º
E' palavra italiana,
Não julgues agora amigo
Que vos fasso ver campanna.
A 3.º c'o a 1.º
Pela barca é conhecido,
1.º 2.º e 5.º
Faz o son ser conhecido
A 4.º com a 3.º
Juntando um (a) no fim,
Se não me engano, foi rei;
O que diz, não foi asun?
Reverte minha 2.º
Qu' é uma fruta Brasileira,
Serás capaz d'ir boçal'a
D'um só pulo, ou de carreira?
Se fizeres á 3.º
O que antes te mandei,
Hum Pio, terás de certo
Satisfeito ficarei.
As vezes vem regular
Augmento para as Nações,
Quando ha zelo... (alto lá)
Em certas repatições.

Ricardo.

Sig. das Charadas do n. antecedente—
1.º Gaspar—2.º Freixo—3.º
Capão—4.º Rozario—5.º Cornu-
pia.

Maranhão. Typ. da Terraplenia—

Soffreu a curiosidade sem perguntar á mim
 mesmo: do quem será esta voz?

" Abrigado em longo sombra
 " Um caçador repouzava,
 " Sentado sobre alta pedra
 " E lá aonde descansava:
 " Naquelle bosque tão grato
 " Era ali onde caçava.

" Arzente da cara amante
 " Meditava elle saudoso;
 " Por que em breve seria
 " Da donzella seu esposo;
 " Laço da tanta doçura
 " Que o tornava venturoso.

" Mancebo esbelto engraçado
 " Era Henrique, o caçador,
 " De meditar tão sozinho...
 " Entregou-se á sua dór,
 " Pensava na sua amante,
 " Se era firme o seu amor.

" Rosalia, se chamava
 " Essa mulher, sua amante;
 " N'ella pensava saudoso...
 " Por estar d'ella distante:
 " Mas Rosalia, emfim,
 " Era firme, era constante.

(Continuar-se-há)

Ricardo.

SONETOS.

Meu bem, quando te vejo eu arrebento;
 Dou pinotes, carmiras, assovio,
 Eu sinto convulsões, e tenho frio,
 De gosto estremeço, e não me aguento.

Dou gritos, e patadas de jumento,
 Meu terno coração perde o pavio,
 Fazendo brincadeiras de vadio,
 No bojo da barriga eu sinto o vento.

Quizera transformár-me em caranguçojo,
 Morder-te o calcanhar ntimoso e bello;
 Mas os dentes procuro, e não os vejo!....

Por ter uma desordem eu me pello;
 Gosar moça bonita é máo desejo:—
 Não é p'ra mim, Jarreis, o xaramello!...

Tá, Marilla cruel me tens ferido
 Com ríva, com furor, com todo apuro;
 Não te move esse peito, ingrato e duro,
 A tens pés por amor me ver rendido?..

Mil angustias por ti tenho soffrido...
 É verdade, meu bem; por Deos o juro!
 Não queiras piorar o meu futuro;
 Não queiras á uma vez me ver perdido!...
 Só tenho como triste maldadade,

Em troca d'esta minha sympathia,
 A magoa de me ver tão desprezado!
 Assim mesmo inda estou, do dia em dia
 Cada vez mais babão, o mais babado
 Morrendo pela tua companhia!

Acredita, arronegada,
 Na minha paixão damnada!
 O firme infartavel.

FRAQUEZA.

Quanto custa soffrer dentro do peito,
 Triste recordação que a mente lembra;
 Não ha dór que se iguale ao soffrimento
 De uma ingratidão!

Soffrer destino igual ao que eu suporto,
 Sentir ágro tormento me arrastando?...
 Só tu mulher, poderas afundar-me
 No chaos da perdição!

Soffrer uma tortura incomparavel
 Não secça o coração já denegrido;
 Quanto custa o despreso, ou revendieta
 D'aquella que amamos!

Entre os braços d'um fútil seductor,
 Soffrendo a lavão se... zostando;

(Quanto para mim... Costas sorrindo
 Matarão-me de modo?)

Alguém me segure... não posso mais
 Que viver de não perta d'uma mulher
 E assim ágro d'uma e não d'outra...
 De tal ingratidão?)

Ricardo.

MOTTE.

Ha n'um sitio aqui bem perto,
 Menina, que amor excita.

GLOZA.

Escutem que o caso é certo,
 E não é nenhuma asneira,
 Uma joven feiticeira
 Ha n'um sitio aqui bem perto.
 Sendo eu menino esperto
 Só declaro que é bonita:
 A morada onde ella habita
 Não me faz conta explicar,
 Que pode alguem desejar
 Alguém, que amor excita.

MOTTE.

Moça que passa dos trinta
 Fica velha sem casar.

GLOZA.

Me disse D. Jacinta,
 Mulher muito acastada,

A MARMOTA MARANHENSE.

POEZA LITTERARIA, E RECREATIVA.

Publica-se uma ou duas vezes por semana, na Typ. da Temperança do Sr. M. P. Ramos, rua Formosa n. 9, onde se recebem assignaturas a 480 reis por 9 numeros, pagos á entrega do 2.º numero, folhas avulsas 60 reis.

Minha linguagem será Heide os vícios aliter—
A linguagem da verdade, A virtude heide exaltar.
Pois sobre modo detesto Sem das raias da decência
Tudo quanto é falso e le. (Ha só ponto de reparar.

A MARMOTA.

A PERDA DE TEMPO.

E' sem duvida o maior prejuizo que se pode ter, a perda de tempo, visto que com o tempo é que se ganha o dinheiro, e o tempo é necessario para todos os actos da vida; e por consequente, sendo elle mal repartido ou muito desperdiçado com um só objecto, claro está que sofreremos transtornos na economia do trabalho. Ha de outros muitos pontos em que se perde o tempo n'esta nossa terra; um dos principaes motivos inconvenientes é a economia do arranjo familiar, o qual, pela miseria e estado de atraso em que nos achamos, torna-se mortificante e difficilissimo, como passamos a mostrar.

Principia-se a perder o tempo por se acordar tarde, uso este até prejudicial á saude; accorda o pai de familia são sete horas da manhã, quer tomar um banho, mas não ha ainda agua; porque o negro foi buscar, e ainda não veio; procura pelo almoço, ainda é cedo, porque está a espera. que o pão chegue da padaria: ás oito horas chega o panacê do pão; falta a lenha que a dona da casa esquecendo-se de mandar comprar de vespera, ali vai a negra buscá-la; porém achando uma conversa na taverna vizinha, ali fica boa meia hora; volta com a lenha, e pergunta-lhe a senhora—que estivesstes fazendo, como tardastes tanto?

Responde a negra—estive esperando troco que o homem da venda não tinha.

Pois bem, acendo já o fogo para se fazer o almoço, que teu senhor quer sair.

Falta o café.

—Pois vai á venda do Sr. João, e traze um vintem de café; vai depressa; é um pé cá outro lá.

Chega o café; porém falta o leite, torna a sair a preta, e lá se vai mais tempo.

Falta a manteiga para o pão, porque o resto

da do dia antecedente as baratas comeram á noite.

Diz a dona da casa—vai depressa á venda e traze uma amostrinha de manteiga.

Volta a negra e diz—sinhã, o homem diz que não dá amostra não; porque sinhã todo dia manda buscar amostra e nunca manda comprar.

Depois de mil gritos e descomposturas á cozinheira, chega o almoço e vêce-se a primeira batalha; porém já são 10 horas do dia!

Principia a vestir-se a dona da casa, e precisa cuidar nos seus affazeres; mas tira-to a camisa de garatão, põe-a com botões de couro, e por isso não pôde apertar a garrucha; aqui temos mais demora em quanto se põe uma o'cesto da costura, e lá he o agulha.

Já por aqui se vê que a principal parte do dia, que é amanhã; vai perdida com estas chapates, e d'aqui por diante continuá o vexame, como mostraremos na segunda parte deste artigo.

ROMANCE.

1230.

OS MYSTERIOS DE UMA TARDE.

(Continuado do n. 29.)

Não fui senhor de mim durante o tempo em que a sua voz representia por todo aquelle lugar maravilhoso; achava-me como estatua petrificada, bebendo gotas do prazer que me prodigalisava uma casualidade tão feliz; magnetizado por esses sons que não é dado á linguagem definir, pela mesphora de fructos proprias para exprimir technica de uma alma em commoções tão doces... límpidas abstracções. Com os olhos ávidos procurando a crystallina fonte desse mystico narcotico: que, a não receiar o labéio de audacioso, ter-me-lhe afogado em busca d'uma cantata do diabo. Enfim, diverte-me da margem opposta do And, como garça

acocorada, essa caza que guardava o talismam dos vates; não trajava luxo algum no exterior, poreu lhe ornava modesta simplicidade que se coadunava muito com a magnetica voz, e com a amenidade do lugar. Quando achava-me saboriando as notas que no ar se esvuião... tomando o paladar do coração que se explicava... querendo traduzil'as... forão os meus ouvidos açoitados pelos écos de outra voz! poreu, não com aquella melodia, e serenidade emanada das candidas palavras, mais sim, com certa expressão synistra... de labios ameaçadores!—Era um trovão que rebombava, depois que o céu havia rido. A' vista do que então observava, instei commigo mesmo para disvenudar a consequencia de semelhante inignia; combinei as minhas idéas que se achavão naufragadas, mas embalde; nada pude conseguir a excepção de conhecer que a segunda voz, éráo brados de ciume: Ella, com essa linguagem feitiçeira (que só tendo por dictionario a mente do Trovador apaixonado, poder-se-ha discrever) revelava ao sen amante protestos de constancia; poreu, esse, havendo conhecido a infidelidade do anjo, que outr'ora fôra no céu dos seus amores, afôitadamente a desmentia:

- " Constante só quando o via
 " Rendido junto á sen lado,
 " Pois augente della então...
 " Éra logo atraídoado
 " Porque certo cavalleiro...
 " Foi-lhe mais alleídoado.
 " Henrique nada sabia
 " D'esse outro cavalleiro.
 " Pois se sabe, elle veria
 " Mostrar-se tambem guerreiro;
 " Por que o amante offendido
 " Quer vingar-se,—vem ligeiro.
 " Um companheiro d'Henrique,
 " Que lhe foi sempre fiel...
 " Por saber do tudo corre
 " Montado no seu corcé;
 " Corre á ver o seu amigo
 " P'ra acuzar a infiel.
 " Contou-lho todo o successò,
 " Chorando d'Henrique, a sorte;
 " Poreu elle mal que sabe
 " Protestou lhe dar a morte;
 " E jurou que a infiel
 " Soffreria o mesmo córte.

Callou-se a voz, e a taça da minha curiosidade completamente encheu-se. Exforcei-me por alcançar alguma couza que se relacionasse com o que se acabava de passar, ao occorri a novidade, ou se era somente as revelações ouvidas. O urobom da natureza caprichosa, que

te abrilhantava mais as suas scenas, não se ouvia mais do que o resonar dos vejetas embaldados pelo sopro da aragem engolfando-se nos odores que, com o orvalho transpiravão; as rurinas, poquapás, e rôlas, de vez em quando afinavão-se com a melodia do silencio...

.....Hera uma orchestra!.....
 O bronze santo, deu onze badaladas. Fatto de me haver demorado longo tempo, curei de retirar-me; e quando estava para proseguir na minha volta, ouvi morrer nos meus ouvidos, sepultar-se na minha alma, os sons de uma flauta suspirando...

Embalada pelas aguas do Anil, do lado da Cidade, avesinhava-se uma canoinha com dous vultos trazidos pela correnteza, como fragil florinha em lucta com os elementos, galgavão a proximidade desse sitio aonde por felicidade ouvi o discante da bella enamorada.

Mancebo (disse um delles) vós para quem a mocidade ha sido extensa primavera, vós para quem a vida é um sorriso, não comprehendéis como eu, as bellezas destes arredores; vós para quem o ceu sempre é brilhante, não avaliaes a significação do silencio d'estas mattas.

Velho, (disse o outro) aferremo-nos aqui.

Sim, mais haveis de cantar que muito folgo em vos ouvir; oh! não toqueis mais essa flauta. aqui tendes o violão, tangei as cordas o cantai.

Nisto ouviu-se o ferro da canôa mergulhar com rapidez, e logo após as ondulações d'esso instrumento.

Velho, ves tu aquella caza aonde brilha como estrella aquella luz?

Sim.

Ah! ves?... pois é lá que deparo o objecto da minha predilecção; é alli... que como a minha voz, dezejava ter a felicidade de chegar bem junto d'ella; mas como não me é dado o prazer de a taes desoras destruir... por indescricção nossa velho, por já ser tarde! oh! mas so cantar....

Hei-a sus, que esperaes?

Se cantar... de certo conhecerá a minha voz, chegará na janella... dar-me-ha signal... oh! cantemos! cantemos!

Faço-me de vela; com presteza chegaremos até lá se assim for.

Mas o que hei de eu cantar? oh! seja o fim do Romance que discreve os amores do Henrique.

E cantou! e a sua voz de tãôr, era afinada pelos sons que vibra a minha alma, quando aqta-se ao vêr... os olhos que conversão com os meus olhos.

Shakespeare, interprete do coração humano, diz com razão:—*"o homem que não tem no coração musica alguma, e que não é commovido pela harmonia, por ternos accordos, e capaz de*

traição, de estratagemas, de injustiças. Os movimentos de sua alma são lentos, e silenciosos como a noite: não vos fieis de um semelhante homem.—” A’ essa philosophia dos filhos de Apollo, as portas da minha alma, estarão sempre abertas para recebê-la; sempre franca aos gozos dos prazeres puros, porque nella mora Deus! —sim; a alegria, o enthusiasmo, a coragem, a admiração, a colera, o desespero, o furor, e todas as mais paixões, que os physiologistas chamão alegres, são despertadas do leihargo em que dormitão, por esses sons tão cheios de arrebatos!—A virtude mora no homem arrebatado pela harmonia, quando a sua imaginação vóa á regiões desconhecidas; não ha um só pensamento, uma só idéa, que não esteja relacionada com o Creador! quem á ouvir os arpejos do um coração vibrando sons que mal podem-se julgar, não sinto todos os gritos da sua alma! Deus, flores, mulher, amor, e poesia, de tudo estava eu farto quando ouvi cantar a esse homem!

E o canto d'elle era assim:

"Vem correndo feroz tigre
"Buscar a preza fatal,
"Mas temeu sóo leão
"Que também tinha punhal.
"Ambos elles se encontrarão
"Resolutos para a guerra;
"O leão assanha a fúria
"Contra o inimigo se aferra:
"Luctaram! — misero tigre
"Vencido ficou por terra.

A sua voz como o aroma da flor que se eleva na imensidão e lá se perde... havia-se calado entre as paginas do silencio; e n'essa janella aonde vira-se brilhar o clarão da luz, no lugar opposto a esse rio, chegou o vulto de pessoa curiosa: distante mesmo assim podia-se distinguir que era mulher.

Velho, ves tu aquelle vulto recostado na janella que alem ves?

Parece uma mulher. (dizem o outro)

Enganas-te, (tornou-lhe a mesma voz) aq-
le vulto que alli ves, é um anjo!—hei-a com
presteza, ergue o ferro da canoa, abre as velas
ao vento, dá azas ao meu corpo.

E ouviu-se o som da corrente, resvalando na borda da canoa, como quem puxava: e o outro vulto, desceolava com ansiedade a vela que estava amarrada ao mastro.

Como horrivel phantasma, impellido como lavas do vulcão, ligeiro como o relampago, terrivel como o raio, negro vulto galgou a praia: envolto em pardo albornoz, com desabado chapéo na cabeça que lhe occultava parte das feições, e a barba longa que lhe varria os peitos... bradou com voz horripante:

Julio, previne a tempestade

O eco foi que lhe respondeu: 'Tempestade!'

— És pó já nessa vida, se por ventura seguirez
nessa empresa: (foi como anathema, de novo
proferido por esse vulto ouzado;) tenho na von-
tade um soepto, posso dar-te o abyssmo!

A sua voz perdia-se nos campos do passado sem que ninguém lhe respondesse: e a vela branca tufada pelo vento, levava mansamente a canoinha, como se fora garça banhando-se n'um lago.

De subito este vulto arrojou por terra o albornoz e o chapéu, lançando-se ao rio!--na mão direita lusia-lhe um ferro, como fora cometa, e a esquerda luctava com as aguas do Anil: os da canôa poserao-se de pé, ao aproximar-se o vulto que imprudentemente acompanhava-os. Lucta renhida ao longe se escutava, e depois... --nem mais se vio vela branca!

No dia seguinte houve quem denunciasse que se tinha achado o corpo de um velho, já pasto pelos cõrvos, enterrado no mangal; e em uma das corôas do mesmo rio Anil, o cadaver de Julio!—Contava elle 17 annos de idade, estava nos sorrisos do viver, e foi a sua vida como a flor, ceifada quando apenas dispontava: depa-rou-se com um retrato que trasia ao pescoço preso á um trancelim de cabello, o qual foi conhecido ser de Adelaide! (causa unica de tal assassinato;) porem o auctor de tão nefando crime, ainda não foi possivel descobrir-se. Adelaide a unica sabedora dos amores que intrituiha, poderia ser a delatora do rival; mas essa, havendo sabido do que se acabava de passar... oh! bella creatura, enlouqueceu.....

..... Dois mezes haviam decorrido depois do assassinato de Julio; os sinos da cathedral, e de diversas Igrejas da Capital, choravão lagrimas do dôr pela morte dessa infeliz amante; ella foi sepultada no mesmo cemiterio á par do tumulo de Julio: se na vida não se unirão, unidos jazem os ossos d'ambos n'uma lapide singular.

Heloisa e Abailard, assim reponzão;
Iguaes no tanto amar.
Ide amantes n'essa lousa
Humra rosa desfolhar.

Ricardo J. C. do F.

MOTTE.

*A dama que não for bella
Tem de selha a condiguo.*

ULCZA.

Sómente sebo de vella
Por sustento deve ter
Muitas caretas soffrer
A dona que não for bella.

A MARMOTA MARANHENSE.

FOLHA LITTERARIA, E RESPECTIVA

Publica-se uma ou duas vezes por semana, na Typ. da Temperança do Sr. M. P. Ramos, rua Formosa n. 9, onde se recebem assignaturas a 480 réis por 9 numeros, pagos á entrega do 2.º numero, folhas avulsas 60 réis.

Minha linguagem será Heide os vicios abater—
A linguagem da verdade, A virtude heide exaltar—
Pois sobre modo detesto Sem das mias da decencia
Tudo quanto é falsidade. Um só ponto discrepar.

A MARMOTA.

O que é um baile?

É um pedaço da noite que cada pessoa, que a elle vai, passa com differente modo de sentir.

Vamos porém entrar por esse pedaço de noite a dentro; vamos a um baile; vamos ver o que nelle se passa, para vermos nelle o que sente cada um que ali vai.

Logo que se annuncia o baile, os socios, que pela maior parte são moços solteiros, entram a fazer por casa das familias conhecidas a pedir, a insistir que lhe queiram honrar o seu baile com suas agradaveis presenças: os velhos fazem-se rogados pretextando uma immensidade de motivos porque, em fim, o baile sempre vai trazer alguma despesinha para as meninas; mas os rapazes atirando-se aos pés d'estas, imploram por aquelles que ellas amam mais, e as meninas, como se lhes tocou na tecla, vão já fazendo suas tenções, e os paesinhos não tem remedio senão anuir; porque, em fim, são meninas.

Ahi começam ellas a apromptarem-se, e são poucas as negras e os moleques para irem comprar tantas cousas que se precisa, por mais que o cartão de convite diga que é expressamente prohibido armamento de luxo ou de maior preço—. Isto vai assim desde a ultima inte a penultima, como diz a carta do Tio Antonio.

Chega-se ao dia desejado, é todo consagrado áquelle importante objecto; não ha tempo para correr, nem ha fome, nem se come para não engrossar muito a cintura, chega a noite, e lá se encaminham para o salão.

Quanto mais se aproxima, mais cresce a ansia de chegar; todas levam em mente a cada qual maiores aventuras; entram e cresce a satisfação ao presenciarem o gosto, a boa ordem, o cuidado e zelo que observam em tudo. Encaminham-se as senhoras para o quarto da dona da casa, e augmenta-se o prazer ao verem

tão bem dispostas tantas cousas quantas lhes possam ser precisas.

Por ora não necessita-se de cousa alguma, e lá sahe tudo para o salão. Agora, aqui permitta-se-nos que o digamos, parece-nos aquillo a modo de uma exposição!... mas não pode ser de outra maneira.

Está tudo á vista: velhos e velhas, moços e moças, tudo neste momento enche a sala. As velhas sentam-se pelos cantos, os velhos tam bem por ali, de qualquer maneira; em quanto os moços passeiam aos dous, aos tres a consultarem sobre qual é das moças a mais bonita. Cada um lá deitou as suas vistas, e separar-se para tomarem pares.

Deixemol-os nos seus empenhos, e attemtemos um pouco para aquelles que dizem:—ai meu tempo!... Aquellas que já vão muito pelo inverno dentro ainda se consolam, porque já estão desenganadas; mas algumas que ainda vão pelo verão, ainda que com filhas já com filhos, não cedem a sua vez a ninguém; e esperam, esperam, e tornam a esperar, e nunca chega uma almasinha perdida, ou, como ellas dizem, se ella lá chega, um moço muito agradável, muito bem educado que as tire para par.

O baile a estas não agrada muito, e quando se vai ali pela terceira contradança, se ainda não dançaram, dizem logo:—Vamos-nos embora, minhas filhas.—E não ha fazel-as esperar.

Os velhos, esses sabem bem o que são filhas, e para as consolar, ainda que preciso fosse estarem toda a noite ali a ferros, de bom grado o fariam, porque isso algum dia se havia de acabar....

As moças feias, mormente se os rapazes não são muitos (coitadinhas!) desesperam; vingam-se então em esconder-se pelos quartos, em quanto as outras dançam, para que ninguém saiba que ellas não dançaram. Mas lá chega um dia de chuva, que é o dia das feias, então, como ha pouca gente no salão, e ellas tambem tiram o seu ventre da... Mas ainda assim, ah!

infelizes!.... em quanto se dança ajuda ellas tem um cavalheiro; mas em quanto se dança só pensa esto que a quadrilha está levando muito tempo e mal acaba—vê a senhora para seu lugar.—Ora, é verdade que nas occasiões de carnestia as feias são as que fazem-se rogadas, passam até a ser grosseiras; e por isso então fica uma cousa pela outra. As moças feias fazem-se sempre mais notaveis do que as bonitas; por exemplo: são mais escarminhas; quando passam por alguma parte em que ha moços, viram a cara para a banda; nunca acham moça que lhes agrade; nunca querem casar, &c., e tudo isso as torna mais notadas.

Quanto ás bonitas, as rainhas das assembleas, essas então a maior parte dos cavalheiros regalam-se e fartam-se; mas é de vel-as ao lado de outros que, como elles, se tivessem a ventura de as alcançar para uma quadrilha, por sua vontade mais as não deixariam.

Quando estas apparecem, o primeiro que lhes põe a vista em cima corre logo a ellas: lá está uma que é vaidosa, e quando o cavalheiro, chegando á sua frente e fazendo a sua inclinação lhe diz: V. Exc.... etc.; ella, se lhe agradou, para se encarecer, diz que já tem tres pares para a que elle pede: mas se elle chegar primeiro... Para que chegar primeiro, isto era de o fazer passar por cima das muitas cabeças de homems que se acham sentados acima dos hombros, e ahi fica o sujeitinho de sentinella, como o perdigueiro a abocar ao primeiro signal. Se não lhe agrada porém o cavalheiro, a menina dá a resposta que todas ellas tem mais prompta:—Já tenho para todas—, desengano que para uma das mais doces esperanças é fatalissimo.

Lá vem porem, como aqui para o fim d'este artigo, o melhor d'esta funcção: são aquellas moeinhas a quem não se faz favor nenhum, nem se lhes dá nada mais em se lhes chamar—Anjos.

Dizem que os semelhantes se attrahem; não sei se assim é; mas ás vezes assim bem o parece.

Olham-se, e no mesmo momento parece que ha um ser occulto que ao toca. Chegam-se, como que sem querer; fallam-se, como que insensivelmente; para ellas não ha falsos pretextos, nem palavras fingidas: procedem naturalmente. Dirige-se o cavalheiro, pede com simplicidade natural uma contradança, ella com a mesma franquesa lh'a concede; chega-se a occasião, portam-se na roda, e não sei que ha nestas alminhas que, em quanto juntas, tudo n'ellas é aprazimento. Vão as cinco contradanças, acabam, e este par não tem vontade de separar-se; troca-se outra quadrilha, e já agora fica-se para dançar mais esta. Acaba-se o baile, e, ou por tralhas ou por malhas, o cavalheiro soube a que familia pertence aquella moça, e onde mora; já não pôde passar um dia sem que

a veja ou lhe passe pela porta. Está para haver outro baile; mas entro elle ainda se collocam não sei quantos mil seculos, e o mancoço receia até que morra antes que elle chegue. Chega a final, e é de suppor quão cedo ou cuidados de ambos! É uma das maiores bemaventuranças d'esta vida o avistarem-se!.... Como que se abrirem diante de ambos de par em par as portas do céu!.... Parcu-lhes acharem-se em um Paraíso!....

Diga este par o que é um baile!....

SONETO.

Adeos cara Marilia!—Inda aqui vem?
Sim, porque quiz te ver.—Quem o chamou?
Como estás raivosa!—Muito estou.
Mas eu não te fiz mal—Nem me fez bem.
Cruel! Quanto és amada!—Mas por quem?
Por mim, fêra, por mim.—Quem o mandou?
Porem és tão ingrata!—Pouco o sou.
Tal não devera ser—E isso que tem?
Tã fazes-me infeliz—A culpa é sua.
Não tens remorsos disso?—Não me importa.
Marilia isso é verdade?—Nua e crua!
Meu Deus! que triste vida—Vai bem torta!
Vou-me embora, Marilia? E' franca a rua.
Adeos perfida, ingrata!—Encoste a porta.

X. Y. Z.

Devagação.

Feliz quem amor sentir não sabe
Porque tarde ou nunca tem desgosto,
Encara sempre o mundo com desprezo
E traz consigo sempre alegre rosto.

Mas tal não me acontece que gemendo
Por amar uma mulher que me foi falsa,
Traidora, fementida, até ingrata,
Me faz hoje sofrer tanta desgraça.

Porém quem foi disto culpado,
Para que lhe declarei o meu amor
Thesouro precioso dos humanos
Que deve ser tratado sem rigor.

Loucura foi minha em entregar-lhe
Porque não procurei eu indagar
Se tinha qualidades que podesse
Um terno coração se lhe ofertar.

Mas que valem pesquisas quando amor
Se entranha de repente no mortal,
Expulso o jamais pode o peito humano
Sair embora que dahi parte seu mal.

M. A.

O Carnaval

Meinas da grande rua
É o tempo do estufo,

Esta quadra minhas bellas,
E' mui bella para tudo!

Os amantes se desforrao
Dos gustosos apertuxos;
Hei-a sue, oh! namorados
Bahi da vda esse luxo.

Brincai sim, que o tempo é proprio
Mas guardai sempre o decoro,
Pois abusos semelhantes
Entre nos en já deploro.

Homens ha tão atrevidos
Que n'essas occasiões,
Chogão ter a unção
De nstentarem beliscosos...

Meninas, se algum sujeito
Praticar d'esta maneira,
Esse entrudo não é bom
Deixai d'essa brincadoiro.

Consenti as tapiocas,
As cheirosas cubacinhas,
Azêrru, mel, vermolhão
Mas sentido nas unquinhas!

La um beijo... pode ser
No rapaz que é da affeição,
Porém isto não se veja
Seja dado em confusão.

E demais,ahi vem chegando
O tempo de confessar;
Vede lá vossos peccados,
Vede lá vosso brincar!

Seja licito o brinquedo
Que é bem bom, é divertido,
Mesmo em pernas bem pregadas
Ri-se a gente, do cahido:

O papel mui bem pindo
Entre o corpo e a camisa,
Encommoda!—hei-a sus
No brinquedo se precisa.

Botar gomina no chapéo
Sem que o dono isto perceba,
Quando for pôr na caveira,
Faz que o riso se conceda.

Os filhós de algodão
Sendo mui bem temperados
Oferece aos conhecidos
Que sahirão todos logrados.

No beijo do copo d'agua
Se esmagares a pimenta,
Oh! que peiza bem pregada!
O sugento se afugenta.

Porém eu, que tudo sei
A cerca da brincadeira,
Estou livre da cahir
Em qualquer da ratoeira.

Lado agata este versinho
Depois de lido haver tudo;
Ea nas versos também sei
Fazer pernas do entrudo.

Aurei um funão verde

No peito do meu ninor.
Que ficou toda enfiada
Sem querer fazer as pazes!
Ail nil ail cahio! enhiol bravo! bravo!
Que tal foi a pessa?
Cumprí c'n promessa;
Consinta-me agora
Que eu já me despeça.

MOTTE

Lembranças de uma paizão.

GLOZA.

Oh! tempo que tudo mudas
Que opprimes o coração,
Porque não riscas do peito
Lembranças de uma paizão!...

Sim, uma ingrata adorei
Para causar-me utilieção!
E tú não podes fender
Lembranças de uma paizão!...

Apaga d'esto meu peito
Sua esa recordação!...
Faze com que se es aneçam
Lembranças de uma paizão!...

Uma lembrança me afflige,
Lembranças da ingratição!...
Tô sonhando me atromentam
Lembranças de uma paizão!

Ah! meu fado, tú que adverso
Me roubaste o coração,
Porque também me não roubas
Lembranças de uma paizão?...

Foge, para sempre, foga
(Oh! cruel recordação!)...
Eu detesto até da ingrata
Lembranças de uma paizão!

Assim viveo illudido
Pobre do meu coração!...
Causam-me angustias de morte
Lembranças de uma paizão!

Adeus, falsa amante, adeus!...
Eterna separação
Hade apagar-me de todo
Lembranças de uma paizão.

M. P. F. J.

NOTA DA REPAÇÃO.

—Perdõe nos o Sr. corresponden-
te nuncu estivemos mais apaixon-
da do que agora; nunca mais vivas
sentio

As lembranças da paizão.

Si aborreces esta ingrata; porque
lhe diz ainda adeus? Deixa-a hir-
se embora, deixa-a amar a outro,
que é o unico meio de extinguir em
seu peito

as lembranças da paizão

Pobre moço!... talvez que bem

fiel e constante recebe estes versos
em troca de sacrificios que tenha fei-
to!... Hei homens tão injustos!
Como a *Marmota* é conciliadora; lá
vão também gloriadas

Lembranças de uma paizão!

Quem ama sincero e quer
De hymno duar unção,
Não pede ao tempo que apague
Lembranças de uma paizão.

Quem promette a muitas bellas
Votos do seu coração,
E' que destróe muitas vezes
Lembranças de uma paizão.

D'uma, recorre-se um beijo,
D'outro, um aperto do mho;
Com isto se neutralizam
Lembranças de uma paizão.

Apenas por moço nova
Toma-se nova inclinação;
Destroem-se as existentes
Lembranças de uma paizão.

Como os homens sobre amores
Mais ou menos assim são;
Por isso nunca conservam
Lembranças de uma paizão.

AOS OLHOS DELLA...

Que olhos, ah! céos, qu'eu vi,
Que olhos tão formosíssimos!
São olhos, são olhos d'ella,
São olhos os mais fagueiros.
Que olhos!... São de rubinha,
Que olhos!... de beija-flor;
São olhos que ainda não vi,
Olhos qu'exprimem amor,
Que olhos pardos, e bellos
Que encerram meiga paizão,
São olhos de casta virgem,
São olhos do coração.
Que volver tão bonancoso,
Que tremido de candura!
São olhos, que quando vi
Morio liques de ternura.
Que olhos!... visto de lado!...
Que olhos!... quem os gozara!...
São olhos de fada arista,
São olhos!... quem os tocara!
Que olhos tão luzios,
Que o noz qu'eu não vi!...
São olhos d'uma Donzella,
São olhos por quem morri!

L. J.

MOTTE

*Amar de longe faz mal
Paizão de perto é a paizão*

GLOZA

Amar de velha é enredo,
De matuto é presunção,

Amor de gato arranhão,
Amor de frade faz medo.
Amor de moça é brinquedo,
De soldado é cassuada,
Amor de tollo é pancada,
De poeta é fingimento,
Amor de doudo é tormento
Fujdo delle a desfilada.

MOTTE

*E' das moças ciumentas,
E' hypocrita, ansoncira.*

GLOZA.

Mulher velha é rabugenta,
E' beata, é santarrona,
E' coruja, é feiarrona,
E' das moças ciumentas.
Toma ajuda de pimenta,
Traz seringa n'algibeira,
E' bruxa, e é feiticeira,
E' cascuda, e é córoca,
E' pascassa, como móca,
E' hypocrita, ansoncira.

J. A.

QUEM DIZ NÃO SEI, DIZ QUE SIM.

Quem diz não sei, eu quero um beijo,
Como o d'outro, tal e qual:
Tens medo de dar-me um beijo?
Um beijo só não faz mal.

D'aquelle, que hontem me deste,
Gostei tanto!... oh! se gostei!...
O que nós ambos sentimos...
Nem tu sabes, nem eu sei!

Tu coraste?... isso é verdade;
Dize lá? Também correi:
Não respondes?!... és maldósa...
Não fui eu que te ensinei.

Quando teus labios, tão meigos,
Eu senti nos meus roçar...
Que emoção terna e suave
Fez de amor meu peito arfar!...

Descrevert'a eu desejara,
E não posso tal fazer;
Mas dando-te outro beijinho
Poderás comprehender?

? Queres fazer a experiencia,
Cara Joaninha, meu amor?
Falla?... dize... anda depressa;
Não tens de que ter temor.

Não sei, me dizes!... o a furto
Olhas, Joaninha, p'ra mim?...
Ah!... comprehendo o teu mysterio:
Quem diz não sei, diz que sim!

LIVRE-NOS DEOS!...

De homem que mente sem necessidade.
De esposa infiel, ciumenta, ou desregrada.
De menino malcreado.
De medico a quem é indifferente a sorte do
enfermo.
De taverneiros que comprem furtos aos es-
cravos.
De mulher má, morando na visinhança.
De namorada esperta, que não tem zelon do
amante.
De mulher com falla de homem.
De quem falla muito em honra, e chora, por
qualquer cousa.
De velha mexiriqueira em casa de familia.

CHARADAS.

Dá-me a existencia a dôr, a pena, e susto; 1
Mas me apura quem mais me mortefica; 1
Tenho uso nas mezas delicadas,
E tambem sou remedio na botica.

Fructo mimoso de flexivel vara; 2
Campo em que espalha seus thesouros 2
Faz perder ao incauto navegante
Muitas vezes co'a vida os seus louvores.

Na escoria meu principio começou;
Neutra ao ferro, pois nada d'elle quero;
Nas náos, fragatas e brigues sempre estou,
E, como especifico, o effeito l'asnevero. } 2
Se eu não fôra na embarcação,
O mar a ivadira até o porão.

Sou fluido insipido e transparente. } 2
Que da terra oriunda o nome tenho;
Não sou eu, nem elle; mas em frente. } 1
Ou segundo entre os dous eu sempre venho. } 1
Se não puderes na musica m'encontrar,
Lembra-te que sou adverbio de lugar.
Instrumento eu sou de botica,
Que do marfim ou páu se fabrica.

Brilhando o actor em scena, } 2
Assim s'exprime o espectador. } 2
Em mim. Côres off'rece ao lavrador
O resultado de colheita amena. } 2
Pela policia sendo encontrado,
Sou preso, e desde logo atado.

Em esquina e esboço sô eu moro. — 1
Em mim vem residir muito mortal. } 2
Sem o que não verá o Deos que adoro,
Inda que m'ache no solo do coral.
Sou de—lito,—e (não sou de diuio),
O instrumentu que o pélla agitou.

A sig. das Charadas da a antecedente — a 1.ª Ma-
canga — a 2.ª Jacaré — a 3.ª Marfim.
Maranhão Typ. da — Temperança — 1881.

A MARMOTA MARANHENSE.

FOLHA LITTERARIA, E RECREATIVA.

Publica-se uma ou duas vezes por semana, na Typ. da Temperança do Sr. M. P. Romão, rua Formosa n. 9, onde se recebem as assinaturas a 480 reis por 9 números, pagos á entrega do 2.º número, folhas avulsas 500 réis.

Minha linguagem será Hoje os vícios abater—
A linguagem da verdade. A virtude hei de exaltar.
Pois sobre modo detesto Sem das tates da decencia
Tudo quanto é falsidade. Um só ponto dis-repar.

A MARMOTA.

A Perfeição.

Esta palavra que na lingua portugueza quer dizer exactidão, limite do apuro, extremo do bom gosto, e ultimo toque da mão da graça, não pode jamais ser applicada senão ás obras materiaes quanto aos objectos do mundo; e quanto aos homens ou creaturas em geral só se pode encontrar a perfeição, e essa ainda assim inexacta, na parte moral, e unica na parte phisica dos viventes; porque este bom bocado reservou Deos para si, o que vemos claramente se observarmos com apurada analyse qualquer pessoa; e n'esta mesma occasião cada um que lê este artigo considere bem em si mesmo que se convencerá desta verdade notando as faltas de perfeição ou defeitos que tem no seu corpo; as pessoas vaidosas, principalmente certas mulheres tolas que se tem em conta de bellezas perfeitas não faz conta esta opinião; porem examinemos de perto essas vaidades que havemos encontrar defeitos enormes escondidos no colorido dos ornatos e no folhado dos postigos; e quantas andam por ahi nas salas parecendo muito bonitinhas na cara, e entretanto, uma tem o umbigo estufado, outra uma ferida antiga na perna, esta um xulézinho nos pés que incommoda as camaradas, ou certa morrinhasinha de não lavarem bem o corpinho, ás vezes engraçado e digno de melhor açoit., &c., &c.? E por tanto, n'este caso, contentemo-nos de conseguir uma perfeição ao menos approximada na parte moral; mas, nem essa podemos por desgraça nossa e facilidade do tempo gozar, por que tudo n'este seculo anda em abreviaturas, tudo é fantasmagorico e quasi nada de realidade; e como pois teremos uma verdadeira civilização se tudo marcha para o atrazo em vez de seguir para o adiantamento da perfeição!

Dos homens que no publico representam, n'esses lugares de importancia, bem poucos são

os que se podem chamar perfectos, porque uns são imperfeitos na probidade e honra de seu cargo, e outros são imperfeitissimos na intelligencia do seu serviço; e quanto é prejudicial á sociedade ter-se homens estúpidos, ou velhaes!!

E já que o homem não pode ser habil em muitas cousas, o seja ao menos em uma só, que assim estariam felizes, desempenhando cada um os trabalhos de sua repartição ou incumbencia: bem poucos são os que no tempo presente, entre nós, merecem o nome de—absolutos;—este termo italiano assás expressivo, que quer dizer—completo ou perfeito,—e este mal é procedido de que na época actual não se preparam os homens para os fins que se quer, como, por exemplo, o nosso lavrador em vez de mandar o filho estudar lavoura, manda estudar mathematicas; o negociante que deve criar o filho estudando o commercio, e praticando, para que esteja habilitado quando herdar o seu escriptorio ou armazem, manda-o estudar philosophias; e por esta fórma só temos homens improprios dos lugares que occupam, e é sem duvida a idéa mais triste que se pôde dar de um individuo—dizer-se que elle não sabe do seu officio; porque, se não presta n'elle não pôde ter o credito de fazer boas obras, e ganhar a palha de *absoluto*. Ah! e quanto é bello, quanto é estimavel, util e brilhante o cidadão que é completo n'aquelle lugar que exerce! Então vale o homem mais do que na realidade é: e bem se pôde affirmar que um vigário, ou mesmo um simples padre, que seja bom padre, vale mais que um máo bispo, um bom carapina vale mais que um máo ourives; n'ultimo exemplo que citamos, as officinas entre nós tem retrogradado, principalmente algumas, como sejam a de marceneiro, &c., &c., porque os de hoje não executam as obras que nossos antepassados fizeram, e tudo assim vai para diante; até as casas são mal edificadas, o que se observe na fraqueza dos soalhos que hoje em dia não ha sala de casa nova que o soalho não estremeça quando se anda.

Os antigos conseguiam tudo perfeito porque

Além disto, actualmente a mania é cada um quem se tornar universal, o que é impossível: que já ser forte ou perfeito n'um só ramo é custoso, e isto se vê em todas as classes, por exemplo, homens que querem ser negociantes, apregados publicos, thesoureiros de irmandades, directores de sociedades, officiaes de guarda nacional, e finalmente querem servir de sal para temperar quanta panela ha, acontecendo por fim não prestar elle para nada, porque tantos usos procura que não pôde dar conta d'elles.

Tambem é moda na educação das moças ensinar-se umas trintas mil cousas para ellas saberem quatro palavras de cada uma, sem ter o conhecimento de perfeição em uma só: e a proposito d'isto, que é tão bella a perfeição, que ha poucos dias ouvimos em uma casa uma moça perfeita pianista tocar a polka com tal graça que吸引了 a attenção de todos, e sendo uma execução de pouca difficuldade, ella brilhou por causa da perfeição e bom gosto com que se desenvolveu; assim seria bom que todas cuidassem em primar n'um só ponto, e não como acontece, que aprendem tudo para nada saberem perfeitamente: e como alguns homens perfectos como os nossos actores, que com as redacções da Manhã e da Tarde, e das noites, escrevem com graça.

Os homens de letras — os de forquilhas;

São homens que fazem dez mil maravilhas;

São homens tão raros no tempo presente,

Que fazem a todos pasmear de repente.

E com este artigo—regale-se a gente.

ROMANCE.

Era noite de horrivel pensar,
Toda a terra em silencio jazia,
Eu só, triste, velava no mar,
Que a paixão de minha alma exprimia.

Minha sorte constante cumpria,
E no fado tyranno pensava,
Eu sózinho nas aguas me via
Esperando a quem tanto adorava!

Longas horas se tinham passado,
E já triste somente chorava!
Eis que chega com passos mui lentos,
Caro bem por quem tanto esperava!

Porque tardas cruel? quando vens
Dar alivio a quem tanto pensava!!
— “Não maldigas, ingrato, diz ella,
Que eu jamais ao contracto faltava.

E o velado que su bre demora,

Não crimines quem tanto te adora,
Foi a causa sómente um engano.

Horas mortas já eram no bairro,
Eu sómente a viagem emprendia,
Eis que acorda mamãe assustada,
E, gritando, chamou-me—Sophia!

O Caminho tomei do meu leito,
E fingindo que estava dormindo;
Ella chega, e me vendo deitada:
Ella dorme (assim falla), sahindo.

Mas apenas no leito deixou-me,
Em viagem me torno outra vez,
O Caminho procuro mais perto,
Que natura sómente nos fez.

E partindo, qual louca por ti,
Pelas brenhas me fui entranhando,
Como as horas se tinham passado,
Vinha triste, de ti me lembrando!

Do caminho perdendo o seu trilho,
No deserto fiquei sem destino,
Louca alliciata reclamo soccorro;
Apparece-me um astro divino!

Tão garboso seu dia mostrando,
Tão formoso meus olhos o viam,
Tão brilhante, que em luz excedia
Seus iguaes que nos céos existiam!

Mergulhado, não vês, n'esse monte,
Como surge pomposo e altivo!
Como gyra e percorre os espessos
Esse astro, com fogo tão vivo?

Foi o guia que trouxe-me aqui,
Esse astro que vês tão brilhante;
Adoremos, porque tão sómente
Me guiou onde estavas, amante.

Inda queres, cruel, criminal-mar!
Inda dizes que muito tardei!
Não tens pena? Vê quantos tormentos
Eu sómente por ver-te passei!

Mas agora, que livres estamos,
Dos perigos que a noite amaldiçoava,
Só nos pôde talvez perturbar
Bella aurora no trazer-nos o dia!”—

— “Sim devemos já tudo esquecer,
Minha bella, pois estamos ligados:
O passado lancemos de parte,
E lembremos que somos amados.

Nossos votos ergamos aos céos,
Pela dita que faz-nos gozar;
E juremos que sempre continuemos
Nesse amor jamais para mudar!

Amor e juntos digamos unidos:

Sempre firme serei em te amar!
Até quando a vil pareça tyranna
Nossos corpos quizer separar!!

Não maldigas a sorte que tens,
Não maldigas meu triste viver,
Se constante não temas desgraças,
Que eu constante contigo hei de ser.

Sacrificios da Bella que adora
Fido amante não sabe esquecer:
Quanto fazes por mim venha,
O proverbio---Querer é Poder---

Si entre os homens ha homens ingratos,
De corrupto, infiel coração:
Tô commigo serás venturosa,
Que o teu premio será minha mão.

M. A. B.

SONETO.

A uma mulher perjura.

MOTTE.

Mulher casta e fiel, pura e constante.

Mulher, dize:--porque fostes perjura
Aos sacros juramentos que fazias
N'essas horas de amar, em que dizias
Qu'en só era teu bem, tua ventura!...

Não recordas, mulher, aquella jura
Que então fizestes ao céo quando fingias,
Que de amor fido e casto tû sentias
Atear-se em teu peito a chama pura!...

Oh! falsa! oh! fementida!-- quem pensara
Ingrata ver-te um dia ao peito amante,
Que tenro amor constante te votára!...

Adeos, impia, perjura!-- N'este instante
Quiz o céo ostentar-me ser mui rara
Mulher casta e fiel, pura e constante.

M.

*A'os olhos mais bregeiros, e gaiatos que te-
nho visto.*

Esses olhos me maltratão
E me matão
Em um singello volver;
São olhos que só de os vêr----

Me arrebatão
Me arrebatão sem querer,

Olhos de tanta poesia
De magia,

Quem os vê não se intristece;
E d'elles, nunca me esqueço

C'o alegria,
D'esses olhos, que enlouquece.

Vê'os ternos exsitando

Convitando...

Tão jocosos á sorrir....
Quem pode d'elles fugir

Insistir,

A' esses olhos brincando?

São elles qual dous brilhantes
Diamantes,

Engastados n'uma flor:
Tem elles tanto pudor

Tanto amor

Tanto amor esses infantes.

Esses olhos me maltratão
E me matao,

Com tal força e tal pudor....
Que perdi todo o querer

De viver,

Sem esses olhos que matao.

RICARDO.

MOTTE.

Que lucros tira quem ama.

CLOZA.

Na rua, feito um bufão,
Estava eu embebido
Vendo só um bem querido
A quem dei meu coração;
Mas levo tal encontrão
Que vou-me esbarrar na lama,
Inda mais, a minha dama
Se pôs a rir por me ver:
Pergunto, e quero saber,
Que lucros tira quem ama?!

J. M. S. J.

Os Cabellos.

Mimosas madeixas
Tão pretas que são,
Qual d'ebano fios....
E' forte prisão

São elles que prendem
O meu coração.

São mimos de amor
Aquelles cabellos,
Que alli se deslisão
Atlagos tão bellos
Que a todo o instante
Meu bem quero vê'os.

Foi n'esses cabellos
Que vi sympathia,
São elles quem gerão
Amor, e magia
São elles feitiços
De candida Armia.

Parecem azeviche

Não vê que elles teem,
São lindos caxilhos
Mimosos, do bem.
Como esses oh! Bella,
Não vi de ninguém.

RICARDO.

Epigrammas.

De varas fiz uma cruz
Sendo a base um grande couso,
Trajei com rico vestido
Que ficou-lhe todo souso.
Mas que importa? com cautela....
Arranjei-lhe a perfeição,
Metendo d'aqui, d'alli....
Bocados de algodão.
Depois de prompta, se visses....
Derieis,—que linda moça!
Era por fora,—perfeita,—
Por dentro,—toda era ouca!

RICARDO.

Aquelle rapaz mui feio,
Anda sempre a namorar;
Não sabe ler, e nem tem
Caneta para mudar.

Que importa lá essas coisas?
Amorinha n'uma violaõ?
Canta e dança, embora mal,
E tem nisto presumpção.

As moças, que não distinguem
As boas letras das tretas,
O amam, inda mais porque
Prega petas, faz caretas.

J. R da R. A.

COUSAS QUE CAUSAM GRANDE DESESPERO.

Ao negociante.

Vencer-se uma letra no dia em que elle não tem
o dinheiro na gaveta.

Mandar caixeiro fora, e este demorar-se na rua.

Saber que o socio tem moça, ou perde a noites a
jogar.

Brigar com visinho, e este, por birra, vender os
generos mais baratos.

Aos namorados.

Pilhar a amante em namoro, ou saber que ella se
corresponde com outro.

Ter a namorada n'um baile, e não ser para elle
convidado.

Dar um presente do gosto, e vel-o depois em po-
der de um rival.

Estar brigada com a bella, e vel-a muito a seu
gosto rindo com as camaradas.

Adivinhações.

O nome do meu querido
Começa por letra P;
Mas tambem nelle ha um C
Em certo lugar mettido.
Sem ficar muito escondido
Um D se lhe encontrará.
Um E; porém nunca um A,
Apezar de ter um O:
Com I. N. U. e R. só.
Prompto o leitor o verá.

OUTRA.

Por um A principio tem
De pessoa um bello nome;
Porém o que me consome
E' ter elle um I tambem!
Dous DD lhe dizem mui bem,
Pois bem lhe diz outro A;
Completo inda não está;
Mas com dous EE, separados,
E um L, dos meus peccados,
Completo então ficará!

CHARADAS.

1.

Sem mim poetas não ha, —
Christão sem mim não existe;
Umaz vezes sou alegre,
E sou outras vezes triste.

2.

Das aguas produzido e desprezado —
A um tempo não existe e é vivente. —
Sendo na estação fria abandonada,
Uso frequente tem na estação quente

3.

Minha falta suprir o homem pode. —
A minha pode só o Omnipotente: —
Dizem que viajei de muito longe
E gosto me acham todos excellente.

4.

No ministro sou um crime, —
Faço o homem respeitavel: —
Em todo a humanidade
Sou um vicio detestavel.

5.

Sou o abrigo dos homens. —
Sou o flagello do gato! —
Nunca digo de direito
E sempre digo de fato.

Significação das charadas do n. antecedente:
a 1.ª Aipo, a 2.ª Cachoeira, a 3.ª Escoteiro,
a 4.ª Spatula, a 5.ª Capoeira, a 6.ª Escoteiro.

Maranhão: Typ. da "Temperança"—1851. Imp.
M. P. Ruyes, rua Formosa n. 9.

A MARMOTA MARANHENSE.

POEMA LITTERARIO, E DRAMATICO.

Publica-se uma ou duas vezes por semana, na Typ. da Temperança do Sr. M. P. Rinos, rua Formosa n. 9, onde se recebem assignaturas a 480 reis por 9 números, pagos á entrega do 2.º numero, folhas avulsas 60 reis.

Minha linguagem será. Heide os vícios abater—
A linguagem da verdade, A virtude heide exaltar,
Pois sobre molo detesto Sem das raíças da decencia
Tudo quanto é falsidade. Um só ponto disrepar.

A MARMOTA

A CURIOSIDADE.

Assim como os homens tem molestias privativas que soffrem por causa dos seus vícios ou máos hábitos, assim também as mulheres mal educadas tem a sina do outras não menos prejudiciaes; e como nesta occasião tratamos das molestias ou achaques moraes, é de advertir que o peor d'elles, no sexo feminino, é a *curiosidade*, doença agudissima que ataca o pensamento por tal forma que o doente não se pode occupar de mais nada; apparece-lhe uma sede indagativa, continúa um desejo por irate, vilenio, e aneias mortaes do saber tudo quanto ha; o doente de curiosidade não admittre demoras, deseja umas vezes transformar-se em passaro para voar, e ir aonde quer, e outras vezes em pulgas para se escorregar e entrar nos lugares mais escondidos.

As beatas de mulheres de mantilhas são as mais curiosas que existem sobre a terra; ellas procuram varios motivos para nutrirem a sua infinita curiosidade; umas, entrando nas casas para offerecerem rendas e costuras para se comprarem; outras, levando recados e noticias de casamentos e novidades que tem apparecido na vizinhança; e as senhoras donas das casas, que muitas também são curiosas, recebem essa gente com todo o agrado, convidam logo as mexiqueiras para passarem o dia, só com o fim de ouvirem as noticias que a maior parte das vezes são mentirosas; outras ha, das taes *risitantes*, que estando em uma sala, e desejando entrar pelo interior da casa, para bisbilhotarem o que se passa, inventam uma dor de cabeça para ir ver se lhe mandam entrar até o quintal; e chega a tal ponto o prazer que sentem as taes senhoras em nutrir a curiosidade, e depois contarem o que viram, que até no confegionario vão dar noticia de tudo aos padres quando se confegoriam!

Em summa, uma d'essas mandriões quando vai a uma casa de familia equivale a uma importante gazeta que traz avisos e correspondencias de tudo quanto se passa na cidade, e até dentro das casas: as taes abóbas introduzem-se por todos os cantos e lugares: são igues ás baratas, que por mais que se enxotem de casa, sempre apparecem: o officio da mulher embusteira é servir de correo de amor, trazer novidades ás casas, e assistir as festas de igreja; e ahí são ellas infalliveis, a ponto de verem no mesmo dia duas e tres festas.

Comtudo, tornando á curiosidade, ella é util á sociedade, e a qualquer individuo em particular, quando é bem entendida, e applicada a fins licitos: como por exemplo: a curiosidade do homem estudioso augmenta e esclarece as sciencias; a curiosidade do chimico descobre lindas operações; a curiosidade do artista melhora e abrevia a factura das obras, e por isso a curiosidade também se entende como amor ao bello e á perfeição, o que vemos em rapazes que por ahí existem tocando muito bem instrumentos, só por curiosidade, sem saberem uma só nota da musica.

CONVERSA

Da Xiquinha, e sua mãe Joanna.

J. Quero saber quando é que o Sr. Ernesto pretende concluir este casamento que lhe prometteu?

X. Minha mãe, Vm. não tem mais interesse do que eu, pois que eu sempre pertencerei a Ernesto—quando é este dia não desejo para mim, porém sabe o que elle me responde? não tenho pressa, menina, o dia ha de chegar.

J. Está boa resposta—o dia ha de chegar, o dia ha de chegar e nunca chegar ha uns annos que vem aquelle brigueiro em minha casa.

X. Não diga assim minha mãe, não chame Ernesto brigueiro, pois elle é um rapaz de boa familia e tem palavra.

J. Essa palavra he de chegar, ha de chegar, e disso não passa; que me importa que elle seja de boa familia se elle é um refinado malandro? por certo que se elle continuar com a mesma resposta, hoide deital-o pela porta fóra.

X. Estou certa que Vmc. não fará isto a um rapaz tão amavel como é Hernesto, e de mais elle mo ama e eu tambem amo a elle, e não consentarei que se faça isto.

J. Muito bem, muito bem, eu não mando nada nesta casa, pois agora lhe digo que heide fazer o que entender a tal respeito.

X. Pois bem, faça Vmc. o que quizer, o que lhe digo é que Vmc. se deve lembrar que Hernesto é quem paga a casa, onde moramos e se Vmc. o deitar para fóra, elle não pagará mais.

J. Não faltará quem pague.

X. Porém quem pagar é por meu respeito e assim tem sempre Vmc. de marchar no mesmo terreno.

J. Pois seja como fór, póde ser que o que venha a pagar case contigo, o que o pelintra do Sr. Hernesto não faz.

X. Desta forma serve Vmc. de anzol e eu de isca, e assim lhe digo que eu quero agradecer a um e a outro, pois esteja certa que eu não sirvo para cataguetaria, amo a Hernesto e quero outro.

J. Muito bem, arranjada com tal rolinha, has de dar com os burros n'agua. já disse uma vez e torno a dizer que quem lhe governa sou eu.

X. Pois disse e torno a dizer, que meu coração é de Hernesto e não será de outro: Diabos me levem se eu lhe fór falsa—nunca ninguém me dice isto.

J. E' o que ella sabe é diabos, e ser muito atrevida.

X. Nunca ninguém me dice isto. Vmc. só é que sabe disso; e eu retiro-me, porque Vmc. está hoje muito quizilenta. Adeus que vou tomar o meu cristel, antes que chegue Hernesto.

F. G.

SONETO.

Meu amigo João, stou p'ra casar
Com moça bem bonita, e feticheira;
E se alguém me disser que faço asneira,
Respondo que só eu a vou aturar.

E' brincado, juntando a gente achar
Quem lhe traga um caldinho na sepeira?
Nos ruas passar semana inteira
Trazendo ao lado a bella a conversar?

Costou de ver casado o pai Adão.

Por fava a menina não sou eu a parlar,
A ella dedicou seu coração...

Dizem tolos que é máu viver assim;
Siga qualquer a sua opinião;
Quem disto não gostar, deixe p'ra mim!

O meu desejo.

Se eu pudesse singrar esses mares
Como singra o ligeiro barquinho,
Eu de certo que agora apertara
Em meus braços meu caro beinzinho.

Se eu pudesse romper esses arcos
Como rompem as aves ligeiras,
Eu de certo que agora esbantara
Suas vozes gentis e fagueiras.

Se eu pudesse ofertar-lhe daqui
Um dos beijos que fallam de amor,
Só com isto ficara contente
E mil graças daria ao Senhor.

Se eu pudesse enviar-lhe um suspiro
Que pintasse o meu triste soffrer,
Meus desejos findavam-se aqui
Pois findava-se o meu padecer.

Porém eu que não posso ofertar-lhe
Nem se quer, nem se quer um só beijo.
Que não posso romper esses arcos,
Mas que nutro sómente o desejo;

Que não posso enviar-lhe um suspiro
Que lhe pinte o meu triste penar:
Nem desejo que ardente me acaba
Brevemente heide a vida acabar!

E. A. B.

MORTE.

*Certa mocinha facieira,
Quiz comigo variar.*

GLOZA.

Era esperta a tal bregueira,
Quando junto de mim jurava!
Que só a mim é que amava
Certa mocinha facieira,
Tomando por benfazeira.
Meu amor, que era o meu par:
Me fazia às vezes ralar...
E della me aborrecer.
Depois é que vim a saber
Quiz comigo variar.

L. J. S.

*Não será mais publicada
Esta filha interessante?*

GLOZA.

Is não sendo annunciada
Por uma semana a *Marmota*
Me perguntou D. Cota.
Não será mais publicada?
Não sei não, prima adorada.
Respondi no mesmo instante:
Eis que o Redactor prestinha
Pôz termo nos nossos temores,
Dando logo a seus leitores
Esta filha interessante!

I. B. S.

MOTTE.

*Toda moça bandedeira
Fica velha sem casar.*

GLOZA.

Virtudes, laçura, osneira,
Que só nos dão privações;
Só pode excitar paixões
Toda a moça bandedeira.
Aquella que, rezadeira,
Vive em casa a trabalhar,
Sem á janella chegar,
Lá pelo buraco,
Atta sempre a dar cavaco,
Toda velha sem casar.

MOTTE (1)

*Ha n'um citio aqui bem perto
Menina que amor excita.*

GLOZA (2)

Senhor Antonio isto é certo,
Julgue embora ser asneira,
Uma Joven feiticieira
Ha n'um citio aqui bem perto.
Como o Senhor, sou esperta,
Gosto de moça bonita,
Se me dissesse onde ella habita!
Mas não me quero explicar,
Pouque quem desejar,
Menina, que amor excita!

I. B. S.

A Quaresma.

E' chegado o tempo proprio
Do crime se minorar,
E aos pés do Confessor
As culpas se declarar.
Meninas, cheguem a campo,
Contem suas breguidades;
E' tempo de descobrirem
Com quem foram namoradas.
Para as nossas traficantes,

(1) Vido *Marmota* n. 29.

(2) Pelos mesmos consoantes.

*Não, nada de clemencia,
Deve o padre responder-lhes
Dêz surras por penitencia.*

Senhores que tem rouhado
Os outros sem compaixão.
De purgarem seus peccados
E' chegada a occasião.

Vigorios, que tem vivio
Na via concubinados,
Com corceias bem torcidas
Sejam todos agoutados.

A benta de mantilha
Fica toda alvoraçada,
Na Igreja de noite e dia
Fazendo a sua morada.

Tod as ellas recommendam
Jejuar para salvação;
Eu vi uma jejuando
Com quatro vintens de pão.

E pelo meio do dia,
Por estar muito fraquinha,
Por ordem do *sinhô padre*
Chuxou sua birraninha.

E que tal, n' tal sugita!
Que jejum tão penitente!
Pois bobou em cima d'isto
Um copinho d'aguardento.

Este tempo do quaresma
E' bem bom p'ra o taverneiro,
No azeite, e no bacalhão
Augmenta muito o dinheiro.

Não fallo do tempo santo,
Dos abusos é que eu fallo;
P'ra uns é tempo de resa,
P'ra outros é de regalo.

Na quarta feira de trevas
Começa a tafalaria;
Enche-se a Igreja de padres,
De empadas a Sacristia.

As trevas moltem horror
Pelo que n'ellas se faz:
Não ha corpinho que escape
Aos beliscões do rapaz!

A funcção da quinta feira
E' festa do grande tam:
Em casa não fica nada.
Seja máo ou seja bom.

As Procissões... a Alleluia...
Depois a Resurreição...
Emfim não ha *Penitencia*
Na Quaresma, ha só *Função!*

As moças em toda parte
Mesmo aos pés do Confessor,
Vão tão chibantes, que fazem
Tentação no peccador!...

A gente que menos pode
E' que e fiel ao preceito
Da Igreja, que para os outros
Nada mais que respeito.

A uma Bella

Passando por certa rua,
Recozada na janella
Arisei certo mentes
Rasgada, morena e bella.
Trajava simples vestido,
Mas decerto e delicado:
Calcinado-lhe o lindo collo
Um bello lenço encarnado.

Seu cabello cãr da noite
Trazia bem pintado:
De seu peçoço pendia
Aurora de enlaxado.

Seuqta e se bem melhavam
Ao lindo bato de resa,
Que com o nasser d'aurora
Se torna linda e formosa.

Se por junto d'esses labios
Alguem abelha passasse,
Suppondo que fosse rosa,
Mesmo talvez os chupasse!

Por certo não se enganava;
Pois labios tão delicados
Haude por certo ser doces
Como fructos sazoados!

Tudo n'ella é sympathico:
Sei, bella, que a gostar
Sua terra sem duvidas
Seu coração se enlaxa.

Apresenta-se a mim
Do papel de...
Sei-me ficar...
E ficar...
E ficar...

Quem poderia impassivel
Encarar com taes pinturas?
E' por certo tal belleza
Obra prima da natura!

Se o mais puro cherubim
Se puder pôr n' seu lado,
Certamente o cherubim
Haude ficar eclipsado!

Recebe, pois, joven bella,
A quem no mundo amo tanto,
Estes sinceros louvores
Que ao som da lyra hoje canto.

M. S. M.

EPIGRAMMA.

Sem dinheiro ninguém pôde
Seus parentes enterrar,
Baptisar os seus filhinhos,
Nem os santos festajar.
Desta sorte por dinheiro
Se pratica a caridade;
Se enriquece muita gente
Com a lei da cheismandade.

J. R. R. A

EDITAL PUBLICO.

As moças todas
Vou declarar,
Que muito breve
Me vou casar.

Serei feliz
Se Deus quizer,
Terei comigo
Boa mulher.

Quero que seja
Religiosa;
Nos seus agrados
Fina, extremosa.

Eu não exijo
Sabedoria,
Basta que faça
Boa harmonia.

Não quero bailes
Nem theatrics,
Bastam-me apenas
Suas meiguices.

Não quero vinho
Superior:
Nos labios d'ella
Tenho licor.

Varemos juntos,
De madrugada,
Romper a aurora
Bella, engraçada.

A esta hora,
Vivendo assim,
Irei às flores
Do meu jardim
E não me importo
Com os parentes;
Todos da Eva
São descendentes.

Embora seja
Triste enfeitada:
Sendo bonita,
E' minha amada

No berço e cova
Não ha nobreza:
São todos nobres
Por natureza.

Eu não procuro
Muito dinheiro;
Quero amor puro
E verdadeiro.

Nós comeremos
Nossa farinha;
Ambos vivendo
N'uma casinha.

Se não tivermos
Grande riqueza,
Teremos boijos
Por sobre-nesa.

Em sendo noite,
Melhor que um rei,
Nos braços d'ella
Descançarei,

E quando o frio
Tudo cortar,
Tenho o seu peito
P'ra me aquecer.

Irei á fonte
Refrigerante,
Banhar o côlo
Da minha amante.

Verei cahindo
Na pelle fina,
Bella agua doce,
Bem crystalina.

Assim procuro
Passar meus dias;
Pois não desejo
Tafalaria.

Não quero sedas
E nem toquim
N's sentaremos
Sob o capim.

Adão e Eva
Forão viventes,
Sem terem luxo
Resplandecentes.

Esta é minha
Opinião,
Tal qual a tenho
No coração.

Digo o que sinto,
Sem fingimento;
Não tem rebulhos
Meu pensamento.

Quem na poesia
Falta a verdade,
E' pobre tolo,
Quem tem maldade.

Adivinhações.

Fere quem diz Coração,
A letra que eu mais preciso;
Do centro do Paraíso
O dos A A me emprestarão;
Do S e T me emprestarão,
Do G e N N (mas um I).
Do um C e p'mo a que
Do S e T me emprestarão.

Tendo um O, fica acabado
O nome que aponto aqui!

O nome, que escrevo agora,
E' o da minha paixão!
Dous A A nelle encontrarão,
Por ser nome de senhora;
Um C, que fica por fóra,
Um L no centro posto,
Um R, e I de que eu gosto,
Um O, e a final um A;
Ahi meu Deus!... embora eu pene
Dai-me a ver sempre o seu rosto!

LOGOGRYPHO.

A primeira é muito fina,
Tão fina que é transparente;
Dobrada a minha segunda
Torna a galinha doente.

A primeira e'a segunda,
Ou dá pressa, ou da vagar;
A terceira e'a primeira
Dá gritos d'incomodar.

A terceira com a quarta
Não se vê senão pintado;
E' coisa que não existe,
E' um ente imaginado.

Se aqui estou, se está me vendo,
P'ra que m'está procurando?
Atira o papel p'ra o lado.
P'ra que está me adivinhando?

CHARADAS.

Sou do Brazil uma fructa, — 2
De Pedro tenho a cadeia: — 2
Sou districto, carregando
A syllaba derradeira.

Nado, voo, e ando em terra, — 2
Nunca mudo de lugar. — 1
Sou a senhora do mundo,
Sem mim não ha que esperar.

Sou porta porque entram ricos, — 1
Titulo de fidalguia: — 2
Sou mui bem visto de noite,
Mal me percebem de dia.

Ha um bicho nojento, e venenoso, — 2
Nos muros dá da sua côr da frente, — 3
E sem ser castanheiro nem palmeira,
Dá cocos e castanhas juntamente.

Sou um homem que não falla, — 2
Fecunda sem fertilidade; — 2
Fruta que tem duas cascas; — 1
E um remedio na verdade.

Sol. das Adivinhações da n. antec. fonte: — a 1.^a
Prudencia — a 2.^a Adelaide — E das Charadas — a
1.^a Estrofe — a 2.^a Lampião — a 3.^a Pecego —
a 4.^a Verdade — a 5.^a Coração.
N. de R. — a 1.^a — a 2.^a — a 3.^a — a 4.^a — a 5.^a — a 6.^a — a 7.^a — a 8.^a — a 9.^a — a 10.^a — a 11.^a — a 12.^a — a 13.^a — a 14.^a — a 15.^a — a 16.^a — a 17.^a — a 18.^a — a 19.^a — a 20.^a — a 21.^a — a 22.^a — a 23.^a — a 24.^a — a 25.^a — a 26.^a — a 27.^a — a 28.^a — a 29.^a — a 30.^a — a 31.^a — a 32.^a — a 33.^a — a 34.^a — a 35.^a — a 36.^a — a 37.^a — a 38.^a — a 39.^a — a 40.^a — a 41.^a — a 42.^a — a 43.^a — a 44.^a — a 45.^a — a 46.^a — a 47.^a — a 48.^a — a 49.^a — a 50.^a — a 51.^a — a 52.^a — a 53.^a — a 54.^a — a 55.^a — a 56.^a — a 57.^a — a 58.^a — a 59.^a — a 60.^a — a 61.^a — a 62.^a — a 63.^a — a 64.^a — a 65.^a — a 66.^a — a 67.^a — a 68.^a — a 69.^a — a 70.^a — a 71.^a — a 72.^a — a 73.^a — a 74.^a — a 75.^a — a 76.^a — a 77.^a — a 78.^a — a 79.^a — a 80.^a — a 81.^a — a 82.^a — a 83.^a — a 84.^a — a 85.^a — a 86.^a — a 87.^a — a 88.^a — a 89.^a — a 90.^a — a 91.^a — a 92.^a — a 93.^a — a 94.^a — a 95.^a — a 96.^a — a 97.^a — a 98.^a — a 99.^a — a 100.^a — a 101.^a — a 102.^a — a 103.^a — a 104.^a — a 105.^a — a 106.^a — a 107.^a — a 108.^a — a 109.^a — a 110.^a — a 111.^a — a 112.^a — a 113.^a — a 114.^a — a 115.^a — a 116.^a — a 117.^a — a 118.^a — a 119.^a — a 120.^a — a 121.^a — a 122.^a — a 123.^a — a 124.^a — a 125.^a — a 126.^a — a 127.^a — a 128.^a — a 129.^a — a 130.^a — a 131.^a — a 132.^a — a 133.^a — a 134.^a — a 135.^a — a 136.^a — a 137.^a — a 138.^a — a 139.^a — a 140.^a — a 141.^a — a 142.^a — a 143.^a — a 144.^a — a 145.^a — a 146.^a — a 147.^a — a 148.^a — a 149.^a — a 150.^a — a 151.^a — a 152.^a — a 153.^a — a 154.^a — a 155.^a — a 156.^a — a 157.^a — a 158.^a — a 159.^a — a 160.^a — a 161.^a — a 162.^a — a 163.^a — a 164.^a — a 165.^a — a 166.^a — a 167.^a — a 168.^a — a 169.^a — a 170.^a — a 171.^a — a 172.^a — a 173.^a — a 174.^a — a 175.^a — a 176.^a — a 177.^a — a 178.^a — a 179.^a — a 180.^a — a 181.^a — a 182.^a — a 183.^a — a 184.^a — a 185.^a — a 186.^a — a 187.^a — a 188.^a — a 189.^a — a 190.^a — a 191.^a — a 192.^a — a 193.^a — a 194.^a — a 195.^a — a 196.^a — a 197.^a — a 198.^a — a 199.^a — a 200.^a — a 201.^a — a 202.^a — a 203.^a — a 204.^a — a 205.^a — a 206.^a — a 207.^a — a 208.^a — a 209.^a — a 210.^a — a 211.^a — a 212.^a — a 213.^a — a 214.^a — a 215.^a — a 216.^a — a 217.^a — a 218.^a — a 219.^a — a 220.^a — a 221.^a — a 222.^a — a 223.^a — a 224.^a — a 225.^a — a 226.^a — a 227.^a — a 228.^a — a 229.^a — a 230.^a — a 231.^a — a 232.^a — a 233.^a — a 234.^a — a 235.^a — a 236.^a — a 237.^a — a 238.^a — a 239.^a — a 240.^a — a 241.^a — a 242.^a — a 243.^a — a 244.^a — a 245.^a — a 246.^a — a 247.^a — a 248.^a — a 249.^a — a 250.^a — a 251.^a — a 252.^a — a 253.^a — a 254.^a — a 255.^a — a 256.^a — a 257.^a — a 258.^a — a 259.^a — a 260.^a — a 261.^a — a 262.^a — a 263.^a — a 264.^a — a 265.^a — a 266.^a — a 267.^a — a 268.^a — a 269.^a — a 270.^a — a 271.^a — a 272.^a — a 273.^a — a 274.^a — a 275.^a — a 276.^a — a 277.^a — a 278.^a — a 279.^a — a 280.^a — a 281.^a — a 282.^a — a 283.^a — a 284.^a — a 285.^a — a 286.^a — a 287.^a — a 288.^a — a 289.^a — a 290.^a — a 291.^a — a 292.^a — a 293.^a — a 294.^a — a 295.^a — a 296.^a — a 297.^a — a 298.^a — a 299.^a — a 300.^a — a 301.^a — a 302.^a — a 303.^a — a 304.^a — a 305.^a — a 306.^a — a 307.^a — a 308.^a — a 309.^a — a 310.^a — a 311.^a — a 312.^a — a 313.^a — a 314.^a — a 315.^a — a 316.^a — a 317.^a — a 318.^a — a 319.^a — a 320.^a — a 321.^a — a 322.^a — a 323.^a — a 324.^a — a 325.^a — a 326.^a — a 327.^a — a 328.^a — a 329.^a — a 330.^a — a 331.^a — a 332.^a — a 333.^a — a 334.^a — a 335.^a — a 336.^a — a 337.^a — a 338.^a — a 339.^a — a 340.^a — a 341.^a — a 342.^a — a 343.^a — a 344.^a — a 345.^a — a 346.^a — a 347.^a — a 348.^a — a 349.^a — a 350.^a — a 351.^a — a 352.^a — a 353.^a — a 354.^a — a 355.^a — a 356.^a — a 357.^a — a 358.^a — a 359.^a — a 360.^a — a 361.^a — a 362.^a — a 363.^a — a 364.^a — a 365.^a — a 366.^a — a 367.^a — a 368.^a — a 369.^a — a 370.^a — a 371.^a — a 372.^a — a 373.^a — a 374.^a — a 375.^a — a 376.^a — a 377.^a — a 378.^a — a 379.^a — a 380.^a — a 381.^a — a 382.^a — a 383.^a — a 384.^a — a 385.^a — a 386.^a — a 387.^a — a 388.^a — a 389.^a — a 390.^a — a 391.^a — a 392.^a — a 393.^a — a 394.^a — a 395.^a — a 396.^a — a 397.^a — a 398.^a — a 399.^a — a 400.^a — a 401.^a — a 402.^a — a 403.^a — a 404.^a — a 405.^a — a 406.^a — a 407.^a — a 408.^a — a 409.^a — a 410.^a — a 411.^a — a 412.^a — a 413.^a — a 414.^a — a 415.^a — a 416.^a — a 417.^a — a 418.^a — a 419.^a — a 420.^a — a 421.^a — a 422.^a — a 423.^a — a 424.^a — a 425.^a — a 426.^a — a 427.^a — a 428.^a — a 429.^a — a 430.^a — a 431.^a — a 432.^a — a 433.^a — a 434.^a — a 435.^a — a 436.^a — a 437.^a — a 438.^a — a 439.^a — a 440.^a — a 441.^a — a 442.^a — a 443.^a — a 444.^a — a 445.^a — a 446.^a — a 447.^a — a 448.^a — a 449.^a — a 450.^a — a 451.^a — a 452.^a — a 453.^a — a 454.^a — a 455.^a — a 456.^a — a 457.^a — a 458.^a — a 459.^a — a 460.^a — a 461.^a — a 462.^a — a 463.^a — a 464.^a — a 465.^a — a 466.^a — a 467.^a — a 468.^a — a 469.^a — a 470.^a — a 471.^a — a 472.^a — a 473.^a — a 474.^a — a 475.^a — a 476.^a — a 477.^a — a 478.^a — a 479.^a — a 480.^a — a 481.^a — a 482.^a — a 483.^a — a 484.^a — a 485.^a — a 486.^a — a 487.^a — a 488.^a — a 489.^a — a 490.^a — a 491.^a — a 492.^a — a 493.^a — a 494.^a — a 495.^a — a 496.^a — a 497.^a — a 498.^a — a 499.^a — a 500.^a — a 501.^a — a 502.^a — a 503.^a — a 504.^a — a 505.^a — a 506.^a — a 507.^a — a 508.^a — a 509.^a — a 510.^a — a 511.^a — a 512.^a — a 513.^a — a 514.^a — a 515.^a — a 516.^a — a 517.^a — a 518.^a — a 519.^a — a 520.^a — a 521.^a — a 522.^a — a 523.^a — a 524.^a — a 525.^a — a 526.^a — a 527.^a — a 528.^a — a 529.^a — a 530.^a — a 531.^a — a 532.^a — a 533.^a — a 534.^a — a 535.^a — a 536.^a — a 537.^a — a 538.^a — a 539.^a — a 540.^a — a 541.^a — a 542.^a — a 543.^a — a 544.^a — a 545.^a — a 546.^a — a 547.^a — a 548.^a — a 549.^a — a 550.^a — a 551.^a — a 552.^a — a 553.^a — a 554.^a — a 555.^a — a 556.^a — a 557.^a — a 558.^a — a 559.^a — a 560.^a — a 561.^a — a 562.^a — a 563.^a — a 564.^a — a 565.^a — a 566.^a — a 567.^a — a 568.^a — a 569.^a — a 570.^a — a 571.^a — a 572.^a — a 573.^a — a 574.^a — a 575.^a — a 576.^a — a 577.^a — a 578.^a — a 579.^a — a 580.^a — a 581.^a — a 582.^a — a 583.^a — a 584.^a — a 585.^a — a 586.^a — a 587.^a — a 588.^a — a 589.^a — a 590.^a — a 591.^a — a 592.^a — a 593.^a — a 594.^a — a 595.^a — a 596.^a — a 597.^a — a 598.^a — a 599.^a — a 600.^a — a 601.^a — a 602.^a — a 603.^a — a 604.^a — a 605.^a — a 606.^a — a 607.^a — a 608.^a — a 609.^a — a 610.^a — a 611.^a — a 612.^a — a 613.^a — a 614.^a — a 615.^a — a 616.^a — a 617.^a — a 618.^a — a 619.^a — a 620.^a — a 621.^a — a 622.^a — a 623.^a — a 624.^a — a 625.^a — a 626.^a — a 627.^a — a 628.^a — a 629.^a — a 630.^a — a 631.^a — a 632.^a — a 633.^a — a 634.^a — a 635.^a — a 636.^a — a 637.^a — a 638.^a — a 639.^a — a 640.^a — a 641.^a — a 642.^a — a 643.^a — a 644.^a — a 645.^a — a 646.^a — a 647.^a — a 648.^a — a 649.^a — a 650.^a — a 651.^a — a 652.^a — a 653.^a — a 654.^a — a 655.^a — a 656.^a — a 657.^a — a 658.^a — a 659.^a — a 660.^a — a 661.^a — a 662.^a — a 663.^a — a 664.^a — a 665.^a — a 666.^a — a 667.^a — a 668.^a — a 669.^a — a 670.^a — a 671.^a — a 672.^a — a 673.^a — a 674.^a — a 675.^a — a 676.^a — a 677.^a — a 678.^a — a 679.^a — a 680.^a — a 681.^a — a 682.^a — a 683.^a — a 684.^a — a 685.^a — a 686.^a — a 687.^a — a 688.^a — a 689.^a — a 690.^a — a 691.^a — a 692.^a — a 693.^a — a 694.^a — a 695.^a — a 696.^a — a 697.^a — a 698.^a — a 699.^a — a 700.^a — a 701.^a — a 702.^a — a 703.^a — a 704.^a — a 705.^a — a 706.^a — a 707.^a — a 708.^a — a 709.^a — a 710.^a — a 711.^a — a 712.^a — a 713.^a — a 714.^a — a 715.^a — a 716.^a — a 717.^a — a 718.^a — a 719.^a — a 720.^a — a 721.^a — a 722.^a — a 723.^a — a 724.^a — a 725.^a — a 726.^a — a 727.^a — a 728.^a — a 729.^a — a 730.^a — a 731.^a — a 732.^a — a 733.^a — a 734.^a — a 735.^a — a 736.^a — a 737.^a — a 738.^a — a 739.^a — a 740.^a — a 741.^a — a 742.^a — a 743.^a — a 744.^a — a 745.^a — a 746.^a — a 747.^a — a 748.^a — a 749.^a — a 750.^a — a 751.^a — a 752.^a — a 753.^a — a 754.^a — a 755.^a — a 756.^a — a 757.^a — a 758.^a — a 759.^a — a 760.^a — a 761.^a — a 762.^a — a 763.^a — a 764.^a — a 765.^a — a 766.^a — a 767.^a — a 768.^a — a 769.^a — a 770.^a — a 771.^a — a 772.^a — a 773.^a — a 774.^a — a 775.^a — a 776.^a — a 777.^a — a 778.^a — a 779.^a — a 780.^a — a 781.^a — a 782.^a — a 783.^a — a 784.^a — a 785.^a — a 786.^a — a 787.^a — a 788.^a — a 789.^a — a 790.^a — a 791.^a — a 792.^a — a 793.^a — a 794.^a — a 795.^a — a 796.^a — a 797.^a — a 798.^a — a 799.^a — a 800.^a — a 801.^a — a 802.^a — a 803.^a — a 804.^a — a 805.^a — a 806.^a — a 807.^a — a 808.^a — a 809.^a — a 810.^a — a 811.^a — a 812.^a — a 813.^a — a 814.^a — a 815.^a — a 816.^a — a

A MARMOTA MARANHENSE.

FOLHA LITTERARIA, E RECREATIVA.

Publica-se uma ou duas vezes por semana, na Typ. da Temperança do Sr. M. P. Ramos, rua Formosa n. 9, onde se recebem assignaturas a 480 reis por 9 numeros, pagos á entrega do 2.º numero, folhas avulsas 60 réis.

Minha linguagem será Heide os olhos claros—
A linguagem da verdade. A virtude heide exultar,
Pois sobre modo detesto Sem das raias da descreta
Tudo quanto é falsidade. Um ao ponto de repôr.

A MARMOTA.

O THEATRO.

—Deve-se fazer justiça a quem a tem, e honra a quem a merece.

A deliberação tomada pela Assembléa Provincial para que se salvasse o nosso theatro das ruínas que lhe estavam eminentes, é um daquelles actos que o hade sempre honrar.

A boa vontade com que o Exm. Sr. Azeredo Coutinho sanccionou essa lei, e o empenho que tem mostrado para que se faça uma obra digna de tão magestoso edificio, hade fazer com que S. Exc. seja sempre lembrado, com sandade, pelos maranhenses, ainda mesmo por aquelles a quem hoje o espirito de partido tem levado a fazer-lhe uma guerra, talvez, pouco leal.

Felizmente na obra do theatro não tem havido partidos, e praza aos ceos que não appareçam. Ali todos tem feito o que tem estado ao seu alcance, e temos a satisfação de dizer, que a todos vemos empenhados pelo bem acabado da obra.

O Sr. Dr. Tiberio, que ja em diversas obras publicas tem dado provas da sua actividade, nesta tem sido incansavel.

E forçoso é dizer, que nunca vimos no Maranhão uma obra publica andar tão depressa, e ser feita com tanta economia! A intelligencia, e o zelo que elle tem empregado nesta administração, honra-o sobremaneira.

Sabemos tambem que o Sr. Albuquerque se offereceu ao Governo, para *gratuitamente*, e com os seus discipulos, os educandos artífices, fazer os relevos e desenhos necessarios para a decoração da sala. O procedimento do Sr. Albuquerque confirma a boa idéa que geralmente della se faz, e nós folgamos que elle tenha esta occasião de publicamente mostrar o adiantamento desses jovens, que tem a Província por Mãe, assim de ver apreciadas as suas obras de escultura, cuja correção e bom gosto

mais de uma vez tem causado a admiração de alguns entendedores.

Sentimos outro tanto não poder dizer do Sr. Tribuzi—paciencia. Mas temos fé, de que para uma elegante decoração da sala, não precisamos mais do que o Sr. Albuquerque, e o Sr. Rocha Pereira; que sabemos tambem se prestou de boa vontade para fazer o que estiver ao seu alcance na sublime arte de pintura.

A dedicação do Sr. Rocha Pereira pelo theatro, não nos deixou duvidar um só momento de que elle havia de tomar uma parte muito activa na sua restauração. E pelo que diz respeito a pintura de scenario, que toda é de perspectiva, e de um genero muito differente da pintura vulgar—confessamos, que para essa nunca contámos senão com elle, e com o Sr. Brandão.

Todas as alterações que se tem feito, ou estão fazendo no theatro tem sido muito bem calculadas, e merecido a approvação geral, como seja o ter-se rebaixado e dado mais inclinação ao palco scenico; o rebaixamento tambem da platea, para a qual se abriram os compartimentos que não tinha; a collocação das camarins no fundo da caixa; a abertura dos camarotes, que os torna mais arejados e bem policiados; a mudança da illuminação para gaz; a collocação do relógio com mostrador transparente; o forrar o sallão de papel pintado, e pôr-lhe vidraças nas janellas &c., &c., tudo, como ja dissemos, tem merecido a approvação geral, mas e preciso não parar ainda aqui; nós temos tambem uma reclamação a fazer a S. Exc., e uma reclamação em nome do bello sexo maranhense.

As grades da frente dos camarotes tem um defeito desde o seu principio, que é serem muito altas; e este defeito não pôde agora remediar-se, porque para o fazer seria preciso gastar muito dinheiro. Temos pois a pedir que se mandem fazer para cada camarote quatro taboretes, ou mouchos de palhinha mais altos, e ou ó polegadas do que as cadeiras regulares,

CORRESPONDENCIA.

SNR. REDACTOR.

R. F., 1.º de Março de 1851.

—Mais vale tarde, que nunca. móro longe, e por isso só agora é que me proponho a pretender a mão da moça dos 200 contos (*) se ainda estiver em leilão; e para chegar ao meu fim esta é a carta que lhe dirijo.

—SENHORA.— Aqui está um moço bonito, esparto, vivo, elegante, perfeito, amoroso, apaixonado, affectuoso, e enfim, um ente perfeito, sincero, e tudo quanto existe de bom; elle não tem parentes alguns (excepto os da parte de Adão e Eva); não usa fumar; sabe tocar tres instrumentos a saber: fole, realejo, marinha (tudo isto sem aprender), e pratos se também quizer, e farrinhos se bem lhe aprouver, e se quizer mais, de-lhe um junquillo e um corpinho, verá como ella toca *optime cum laude!* (estes são os prediados que poucos tem), e ainda elle sabe mais cousas; faz guolas, méxas, torcidas, pavios, e também phosphoros; também faz versos, e por isso foi approvado por Orpheo (que tenho muita honra de o conhecer) Apollo (muito meu amigo), e as Musas (meus amores). E que tal, diga-me, Senhora Dona, se o rapaz não é chibante, não é patusco?!!

E é por isso que elle se anima a offerecer a sua dextra á d. Vinc. ou V. S., ou Megestade, ou Reverendissima, (eu não sei o titulo de que usa,) por isso...ahi vão todos em comitante e serva.

Agora: *In nomine patris, et Spirito Sancti.— Amen.*

Ouça esses conselhos bem:—

1.º Assim que casar comigo deverá rapar a cabeça.

2.º Deverá estar todo o dia assentada; e olhe que eu n'isso sou pratico e conheço a palmas quem todo o dia está assentada; isto é, apalpan-do o assento.

3.º Deverá andar muito direitinha.

4.º Quando chegar á janella deverá ter sempre um lenço na mão para tampar a chocateira.

5.º Não deverá atreditar em feitiços.

6.º Não deve gostar muito de carne.

7.º Quando passar por lugar onde houverem moços, deve virar a cara para uma banda, como faz a gente feia.

E basta, que com isto me contento.

Diga-me, onde mora, que quero ver o seu mimoso semblante (mimoso pelos 200 contos); em quanto eu, móro na ponta dos Anzóes, voltando á direita logo a esquerda, passando uma

casa, no pé logo da outra. Os padrinhos estão arrançados, e são: o P. Ruas, e a D. Maria. Seu esposo futuro,

Logeero M. I.

A' EDITOR.

Meu amigo, e camarada
Ahi remetto esse aviso,
Para dar publicidade
A'cerca do prejuizo.
Que vos presso á relactar;
Por não poder aturar.

A' bem do povo Christão, avisamos dos Reverendissimos Vigarios, tanto das differentes Paroquias do interior, como da capital, que tenham todo o cuidado sobre as crianças que forem receber o Sancto Baptismo; por quanto vemos hoje muitos dos que serão tidos por creaturas, degenerados em grandissimos brutos: e para haver menos d'esses entre nós, é o motivo que nos levou á communicar semelhante falta de indagações a cerca do expellido:

Por tanto espero
Ser attendido.

—R.

SONETO EM ACROSTICO.

Cantar os dotes teus, não me é dado
Anjo, filha do céu, querida alma!
Não me é dado cantar a tua glória
Tesse rosto gentil, formosa e bela.
Imperas sobre mim sem ser torçado
Depor em teu favor toda a magia:
Do menor mandamento, co'alegria
Dos teus pés submisso estou prostrado.
Zulher, anjo do céu, feitiço d'alma!
Onde fostes formada obra divina?
Responde-me se amor te deu a palma.
T'és tú demonio acazo que fascina?
Emhora, sejas má, amor me acalma
Enindo-me á ti, que és minha sina.

RICARDO.

MOTTE.

Quem não gosta da Marmota,
Não sabe o que é cousa boa.

GLAZA.

Quanto a mim, bella Carlota,
Este amado jámais foi.
Misero é (Deos me perdão),
Quem não gosta da Marmota.
Moço, ou moça, bem se nota
A ser tal, que é muito á toa...
Roa-se pois quem se roa...
Querendo Deos que ella ature,

(*) Vide Marmota n. 2.

Todo o que a lèr não procure,
Não sabe o que é causa boa.

D. J. C. B.

MOTTE.

Os olhos da minha amada
São *Gentios* de *Guiné*:
De *Guiné*, por serem pretos,
Gentios, por não ter fé.

GLOZA.

Qual meninos sedutores
Que já tem namorada...
São assim apaixonados
Os olhos da minha amada.

São travessos, bolichosos,
São românticos até;
São gaitos traquinando,
São *Gentios* de *Guiné*.

Ora erre! — *Tapuios* negros!
Muza, fomos indiscretos;
Mas embora — explicarei,
De *Guiné*, por serem pretos.

Mas *Tapuios* também são
Eu direi porque assim é:
São meninos no brincar,
Gentios, por não ter fé.

RICARDO.

A inconstancia.

A moça e a borboleta.

Em manhan clara e serena
Por uma vargem amena
Passeava,
Divagava

Uma formosa donzella

Eis vio voando adiante
Borboletinha galante,
E curiosa

Cubiçosa

De arohar — lá vai 'traz d'ella.

Para um — para outro lado

Vai o lindo insecto alado
Adejando,
Volteando,

E balda os passos da moça,

Que segue ligeira ardente

Aqui — ali — diligente

A esquiiva

Fugitiva

Mas sem que alcançal-a possa.

Ora a volátil travessa

Se libra sobre a cabeça

Da donzella,

E junto a ella

Paira, gira, folgaça.

E a menina, ora correndo,

Os seus braços estendendo,

Ou saltando,

Voilaa dando,

A persegue com afan.

Ora, o insecto pousava
Sobre as flores, que encontrava,
E engraçado,
Namorado,

Seu calix beijar queria:

Vinha a moça cubiçosa,

Pé — ante pé — cautelosa,

E ao tocál-a, —

E ao pegal-a —

A borboleta fugia...

Já cansada estava a moça

Deste continuo lidar,

E sobre a mimosa relva

Se assentou por descansar;

E d'ali saudosas vistas

Pela campina alongando,

Via a linda fugitiva

Já numa flor — já voando.

Até que em sombria relva

D'ali mui proxima entrou

E a moça que a vio admir-se,

Co' um suspiro assim falou: —

" Engraçadas borboletas

" Neste prado vejo mil;

" Todas trajão bellas côres,

" Mas nenhuma tão gentil.

" Ah! que si eu asz tivera,

" Tu não zombaras de mim;

" Eu te seguia nos res,

" Eu te prendera por fim.

" Mas que importa? és uma ingrata;

" Quo vagos de flor em flor;

" Todas beijas, todas deixas,

" Sem saudades, sem amor!"

X. Y. Z

O que eu sinto!

Tenho um tumulto no peito,

É meu corpo Cemiterio,

Onde as lagrimas sepulto,

Onde incerra-se mysterio.

La se acha para sempre

Um terrivel soffrimento,

Tem por distico na louza

— Aqui jaz negro tormento! —

Sim Leonora, sepultei

No lugar qu' é de costume...

Incerrar... Queres saber?...

— Sim, o que? — Negro ciúme.

Ah! de novo que não surja

Para não me afoliar...

N'essa louza com teus crimes

O teu corpo sepultar.

RICARDO.

Lamentos de uma praça.

Gosa o rico mil prazeres,

O pobre cumpre o seu fado

Q' é melhor mil vozes sim,

Do que a vida do Soldado.

O mendigo, inda vagando...

Não se julga desgraçado...

Tem comtudo mais prazeres

Do que o misero soldado.

O perverso, criminoso...

A maldição condemnado,

Izento dos seus remorsos

Folga mais do que o Soldado.

O mancebo destituido,

Pela amante despresado...

Tem prazeres que não tem

Qualquer um, sendo Soldado.

Se por ventura aproveita

Estar só co' amante ao lado...

Da corneta o som roncuento

Arranca d'ella o Soldado.

E se em outra occasião

Tem amor já es tido,

Estridentes écos soão

Chamando á guerra o Soldado.

Triste sorte! — sem carinhos...

Vive assim o desgraçado,

No rigor da disciplina...

Sofre e cala-se o Soldado.

RICARDO.

Adivinhação.

Um nome, um pouco comprido.

Que tem tres AAA, vou fazer:

Talvez mesmo sem saber

Se estou em boas mettido!...

C'ò principal de Mundo,

Dous RR, um D, e um I.

Um G que nunca vedi,

Do nome digno de amor,

Por ser de Santa e de flor,

Ficam as letras aqui.

CHARADA.

As flores devo a existencia — 1

É longa a ancia que tenho — 2

Não fallo, poreo callada

Mostro bem o que contenho.

AVISO.

Esta reimprimindo-se os primeiros da desta folha; e assim que estiver concluida a impressão, será annunciada. Rogamos as pessoas que desejão possuir collecções inteiras, queirão dirigir-se a esta typ para tratar com o encarregado della.

Sig. das adivinhações do n. antecedente a 1.ª Constança a 2.ª Carolina Das charadas a 1.ª Caetano a 2.ª Patara a 3.ª Phosphoro a 4.ª Sapocaira a 5.ª Calamulanos

Maranhão Typ. da — Temperança — impresso por M. P. Ramos, rua Formosa casa n. 7.

A MARMOTA MARANHENSE.

FOLHA LITTERARIA, E RECREATIVA.

Publica-se uma ou duas vezes por semana, na Typ. da Temperança do Sr. M. P. Ramos, rua Formosa n. 9, onde se recebem assignaturas a 480 reis por 9 numeros, pagos á entrega do 2.º numero, folhas avulsas 60 réis.

Minha linguagem será Heide os vícios abater—
A linguagem da verdade, A virtude heide exaltar,
Pois sobre moio d'esteio Sem das raizs da decencia,
Tudo quanto á falsidade. Um so ponto diz repór.

A MARMOTA.

Classificação dos Maridos.

—O negocio de ser marido não he tão simples como por ahi se julga. Ha por ahi sugelinhos que em tendo quatro enbellos na cara, e achando-se arrumados em continuo de qualquer repartição, ou guarda d'alfandega, ficão logo tão cheios de si e empavonados, que sem mais em nada cuidar, se atrevem a subir escadas alheias para pedir mulher para casar. Parece que não pensão: Não seria por certo filha minha que a tues plingados eu desse. O negocio do matrimonio não he por ahi arroz cozido que não ha quem não saiba fazer, ou banana, que he fructa de todo o tempo. Tem seu xiste, e incerra muito mystério; por isso o ser marido ne cousa grande e de consideração.

Ha porém muitas classes de maridos, e muitos d'estes que não valem uma pitada de rapé em corniaboque de velho. Classifiquemos.

Ha maridos bons, e que comprehendem seu officio. Estes cuidão da vida, regulão suas despesas, dão educação aos filhos, não fogem do trabalho, não desejão ver sua mulher com trastes cuja origem não conhecem, e se exforção para que lhes não falte o necessario. O ser marido assim, tem que se lhe diga, e não he para qualquer; e maridos d'estes apparecem presentemente tão raros como as moédas de ouro. São elles tambem os unicos que merecem o nome de maridos, que tudo mais he phantasmagoria marital!

Além d'estes, ha maridos patuscos, que sem se importarem com o necessario para casa, e nem que o aluguel d'ella se esteja vencendo, e que a lavadeira já não queira fiar, sahem de casa, e levão em pagodes dias e noites, noites e dias, e quando voltaão para casa, nem inquirir da mulher porque maneira se passou, e o que se comeo. Estes, não sei porque capricho da sorte, quase sempre encontraão mulheres vir-

tuosas, honradas, e boas, que são martyres de seus debuxes.

Ha maridos jogadores, que regulão a casa pela bussola da jogatina. Hoje que tem felicidade na banca, a mulher apparece coberta de sedas, e filós, rendas e adereços, nada lhe falta. Amanhã que a banca foi a gloria vai-se tudo pelos ares, e são capases de deixar a mulher embrullhada n'uma coberta, para vender e jogar a importancia de seus vestidos.

Ha maridos da raça desesperada, e estes são os peiores, porque levão o negocio debaixo da tempestade do cacete, e d'esta maneira arrumão todas as questões e ~~valem~~ todas as necessidades da familia.

Outros ha de bom humor, e excellente estomago, que vão vivendo funcionando dentro de casa da melhor maneira que podem, sem darem cavaco com os negocios particulares da mulher. Que se importaão elles com as desgraças alheias, se passão bem? Que tem que perguntar-se a uma mulher, onde comprou tal vestido, e com que dinheiro, quando ella se apresenta com elle, e tem suas rendas na rua, e suas agencias? He humna optima class. de maridos, e muito gostão d'elles certas mulheres, a ponto que já vi uma maudando dizer uma missa para que Deos lhe desse um marido que não quizesse esmerilhar tudo.

Ha maridos embirrantos e tolos, que tem ciúmes da mulher quando não devião ter, e são francos de mais quando não o devião ser. Não querem que a mulher receba ninguém em sua ausencia de casa, e não falle nem com um pobre que vá pedir esmolla na escada, e com tudo vão com ella aos proseprios do natal, e as festas dos conventos.

Emfim a classificação dos maridos he tão grande e vai a um ponto tal, que para ser feita de uma vez, jamais se acabaria; por isso fica aqui, e o mais supráo os leitores.

COMUNICADO

HUMA BELLA MARRA

(Continuação da 21)

Inútil fora o querer descrever as formas angelicas de seu corpinho; porque tanto esforço não cabe á linguagem dos homens; e em toda a natureza apenas achar-se-ia, para dar uma pobre mesquinha idéa do que ella era, a nuvem purpurea e transparente a percorrer um céu de anil soprado braudamente pelas perfumadas virações de uma tarde de primavera; e assim mesmo nada fora, comparado com os encantos d'ella; valeria muito menos ainda que o topazio á par do diamante!

Oh! que n'aquella hora, travada de martyrio, e gosto para mim, podesse eu penetrar no augusto santuario, onde ella estava, e nós ambos estar podéssemos a sós, escondidos ás vistas invejosas do mundo; eu me ajoelitaria ás suas plantas; sim... me ajoelitaria, porque sei dobrar humildes os meus joelhos ante uma divindade, e então lhe diria:—Eu vos amo, vós sois o ente unico na terra para quem eu vivo, e por quem folgaria de dar a minha vida se

passados e ardentes como uma barra de ferro em brasa, me esmagaria o coração, e me aniquilaria a vida,—e eu não tenho coragem para tanto; não, não!... Mas que digo?! Eh—um Anjo, e um Anjo é sempre bom, é sempre compassivo; e assim ella se compadeceria de mim, procuraria extinguir os meus tormentos com uma só palavra, que comprehendesse todas as harmonias, todos os encantos, todas as delicias do céu, e que em viçosos e amenos jardins convertesse os desertos áridos em campos do meu futuro. Em—sim—que eu lhe escutasse, encheria o vasio immenso d'esta alma, e eu seria na terra um Nume!...

Porém, amarga e atroz realidade! Eu a vi
sómente uma vez, e ella desapareceu como
um perillampo, e na alma, para meu martyrio,
ficou-me o seu reflexo, como o clarão pallido
e vacillante, que deixa na terra o sol quando
em seu acaso vai repousar das fadigas do
dia!... Oh!... sempre e em toda a parte ella
comigo!

Se durmo, a vejo em meus sonhos sempre ella, sempre seductora, e sempre esquivo! Se vou alla noite quando repousa toda a creação, ella é o querido objecto das minhas vigílias!... De dia, ao deitar-me neste polso solidão, ella me apparece como a minha sombra, e eu a vejo em

tudo, e em tudo escuto a sua voz! Nas florin-
has do prado, bem que não tenham as suas
graças. julgo vel-a; no arroyo, que murmura
nas devesas, bem que monótono, creio ouvir
as harmonias do seu canto. Sempre e em to-
da a parte elle me ouço, e sempre ouvindo-a, e
sem poder alcançar uma esperança de felici-
dade, sem poder agarrar-a em meus braços e di-
zer-lhe umas palavras do fundo d'alma ar-
rancadas e elevadas de um amor immenso, e uni-
co na terra: E, vos amo; este coração até
hoje virgem de amor, e nunca dominado por
outra mulher, vosso, meu Anjo! minha vi-
da! meu tudo!

Oh sempre impossível entre nós ambos!...
Antes todos os martírios do inferno, do que
amor sem esperança!....

SONETO.

(Imitando a Francisco Manoel do Nascimento.)

Sahia de um pagode em noite escura
Tombando aqui, alli... sem ter destino....
Sargento emborachado, que sem fim....
Deu c'as ventas num canto.— Oh! crentes!

Disse;—e com a mão logo á cintura
Tirando a espada:—Olha que te ensino
Sacrilego jumento!—e poz-se a rir
Tremendo golpe deu na cabeça

Com tal força, que d'ella se foyssa
O'a ferrugem espada em combate;
De subito, llo brada accezo em ira;

Ah! tens arma de fogo!—és imprudente!
 Dizendo assim, do canto se retira
 —Nao brigo por ser arma diferente—.

RICARDO.

NOTTE.

Toda moça dá desfructo:
Quando chega a namorar.

6107.1.

Que por que attenda, ou escute
 O namorado as paixões
 Não, que sem excepções
 Toda moça dá desfrute:
 Dellas não ha quem refute
 O modo de se portar:
 Leva a rir, leva a chorar
 Suspira, soluça, e geme
 Faz que morre, faz que trema
 Quando chega a namorar.

NOTICE.

*Já não presta para nada
Se tralou seu casamento.*

01074

'Toda moça arrebatada

Sempre tem algum sendo;
 Todo o que promete a mão
Já não presta para nada.
 Essas moças é logo empada,
 Já não tem encantamento,
 Tê chamam bicho nojento
 Ao mais etibante sujeito,
 Se conserva amor perfeito,
Se tratou seu casamento.
 Aristarco das Moças.

Desprecho com que certa menina indeferio
 Um requerimento do seu antigo amante.

Já te quiz, hoje não quero.

GLOZA.

Eu ha muito que te amei
 Como pode um peito amar,
 Se quizesse cassar....
 Sem pensar te abandonei.
 Nunca mais esquecerei
 Teu amor tão fero
 Que não soube ser sincero.
 Veste agora submisso....?
 Eu respondo á tudo isso
Já te quiz, hoje não quero.

RICARDO.

PRIMA,

Ver a lua no seu tecto,
 Mansamente á passear,
 Qual menina tão donzella
 Num festim meiga á dançar...
 Vê assim toda correndo
 Entre nuvens esconder-se,
 Qual virgem foge medrosa
 Do seductor esconder-se....
 Vê-a saltando rissonha
 Envolta n'um mar de anil,
 Qual meigos olhos nadando
 Num rosto d'encantos mil...
 Não te vence na belleza,
 Não se mostra mais brilhante,
 Como tu querida prima,
 Como o teu lindo semblante.

RICARDO.

DEVANEIO.

Ignor!—Só a mente de um poeta, será capaz de conceber uma idéa do quanto tens do terravilhoso em ti; mas com tudo será inexacta para discrever os adinões d'essa belleza.
 Esta mulher, basta apparecer para agradar, basta fallar para vencer; é sufficiente que se os olhos volva um singello olhar de sympathia, sobre qualquor objecto da sua predilec-

ção, para inspirar-lhe a vida: oh! e que linguagem esse olhar exprime! elle denuncia a sensibilidade de seu coração, e o sentimento que nutre a sua alma angelica!... Leitor, se te eu pudesse expôr a minha mente aberta como as paginas de um livro....talvez que d'esse modo houvesse probabilidade de comprehender algum dos traços da sua perfeição; (mas não realidade!)

Se esta mulher te apparecesse deitada em uma relva de flores, com os pés descalços, e os cabellos de ébano á discripção da brisa...tendo para occultar a castidade do seu corpo, um véo de cassa transparente...o que fariéis?—nada!—Os teus pés ficarião arraigados na terra, o teu corpo como estatua de gello, e a mente incendiada em uma atmosphera de chamas!—e ella...sorrindo da tua ingenuidade; e se esta mulher te dissesse toma um beijo?—oh! ficariéis como eu, louco por esse demónio....fascinado por esse anjo....duvidando do que estava vendo....do que tinha ouvido....como ainda duvido que ella me ame assim como eu adoro á ella.

RICARDO.

EPIGRAMMAS.

Em outro tempo as mulheres
 Com densos véos se cobrião,
 E ás vistas dos curiosos
 Por modestia se escondiam.

Os véos só convem ás feias,
 Que ás bellas não pode ser.
 Porque esconder não se deve
 O que os olhos devem ver.

X. Y. Z.

Aqui jáz um pobre moço
 Que morreu d'uma paixão;
 Está visto,—que mulher
 Só morre por condição.

RICARDO.

COMMUNICADO

DE UMA MOÇA ANONIMA.

Recordação do ingrato.

Que silencio tão saudoso
 Meu coração enterneca,
 Em doce scismar d'amor
 Minha alma entregue adarineco!
 Como a lua vem nascendo,
 Tão faceira, e tão mimosa,
 Minha bella, quanto invejo
 Tua existencia ditosa.

Leve brisa como vao
 Entre as folhas da palmeira

Ah! se eu fôra como a brisa
Tão mimosa, tão faguoira!
Silencio, brisa, e levar
Escutai os meus queixumes,
Deste meu peito arredei
Os cruéis negros ciúmes.
Eu vivia bem contente
Os meus dias eram flores,
Essas flores dos meus dias
Eram brancos dos amores.

Quando eu via o sol nascer
Eu saltava de contente;
Meu prazer, minha alegria
Toda estava em Deus somente.

Mais um dia, estando eu só,
Jovem bello entrar eu vi,
Foi bastante só eu vê-lo,
No meu peito amor senti.

Lindos olhos me lançando
Nos seus labios vi posar
Um sorriso que seu peito
Só poderá me enviar.

A seus encantos rendida
Toda a ella me entregui;
Mas depois de amor jurar-me,
Foi caminho que não sei.

D'elle saudosa aqui venho
Com as flores conversar
Que os anjos de seus cabellos
Com encanto se levam.

Ah! pois sempre abandonou-me
O jovem das meus amores!
Saudosa aqui me deixou,
Sofrendo cruentas dores!

Assim são todos os homens!
Querem tudo conquistar!...
Tudo querem!... para terem
Prazer em tudo deixar!...

A Pombinha.

CONSELHO.

Cobra o chato Francisquinha
Põe o pente recortado;
Anda á vár o namorado,
Que para a Missa caminha.

Mette no lenço a cartinha
Ajoelha junto a grude;
Pois com mais facilidade
Ali se ouve a gracinha.

Bate no peito formoso.
E leva os olhos ao Céu;
Mas escuta o Chischibêo,
Terno, doce, e fervoroso.

E se o maganão geitozo
Inclinar o seu chapão,
Desvia a ponta do véo
Da-lhe o bilhete amorozo;

Se depois o confessor
Te ralhar importunente

Diz-lhe que seja prudente
Com as servas do Senhor;

Pois se desterrar amor,
Do Templo do omnipotente,
Hade vêr mui pouca gente
Ali entrar com fervor.

F. C. A.

A inconstancia.

Vamos tratar da inconstancia,
E de quem não sabe amar;
Quem tem coração volúvel
Que não pode captivar.

Vive sempre desprezado
Não goza do puro amor,
E' qual borboleta esquivada
Voando de flor em flor.

Assim como o inconstante
A ninguém conserva agrado,
Do toda gente no Mundo
Será sempre desprezado.

Quem varia em seus amores
Tem de louco a natureza,
E de amar, e ser amado
Nunca pode ter certeza.

E' bem que amor tenha sempre
Um pouquinho de azedume,
De firmeza quantidade.
Muito pouco de ciúme:

Porém quando amar
Procura a mais bella,
De pois vende outra
Esquece-se della:

As Moças não gostam
De tal casuada;
Nem uma, nem outra
Lhe attende a mais nada.

Quem isto pratica
Tem vil coração.
Que expõe seu amor
A' venda em leilão.

Usando de amor
Com toda firmeza
Alcança e domina
A toda belleza.

Nas aras de amor
Devemos jurar:
Vencer ou morrer
E nunca mudar

Por uma Senhora.

A minha Lyra.

Esta lyra que Deus me doou
Tem por fado somente carpir,
E jamais esta lyra sou
Sonar dores que sabe sentir.

Quintas fibras tem o meu coração
Tantas cordas contem do tornura;

E por uma qualquer sensação
Só tanger—me sabe—tristura.
E' sim triste, quando ella deplora,
Tambem tera, quando olla supplica;
Suspirando... pareço que chora,
Quando chora, que dores complica;

Esta lyra que Deus, me doou, ...
Só não diz... terás um amor,—
So não diz... porem já sou
Ah! consola-te meu trovador.

Ricardo.

Adivinhação.

Tira de um ANNO
Letra final,
E em lugar della
Põe, por cautella,
A principal
Dobrada ficam,
Interessantes,
E em vogaes presas
As consoantes!
Tendo isto feito,
Dime—hás agora;
Se é nome de homem,
Se de Senhora.

CHARADAS

Purifico a dona de casa — 1
A moça cerra por um livro — 2
Quem está no mundo — 3
Não vir cá na hora da hora.

Da primeira ninguém gosta — 1
A segunda sempre agrada; — 1
Para servir este officio
Requer-se cara estanhada.

Dividi o povo Hebreo, — 2
Pelão a Thet's juntei; — 1
E do povo dos Romanos
Os direitos sustentei.

Sou elemento da vida — 1
Sou elemento da morte — 1
Do sol ao homem abito;
Do homem, o torno forte.

Ajudo á vegetação — 2
Sou em poder singular — 2
Sou do brabalho instrumento,
Do descanço sou lugar

Sig. da adivinhação de n. ...
dente é *Margarida*. — Da Charada é
— *Melancia*. — E o Logographo do
n. 33 é — *Logographo*

Maranhão Typ. da — Temperança —
impresso por M. P. Ramos, rua
Formosa casa n. 9.

A MARMOTA MARANHENSE.

FOLHA LITTERARIA, E RESPECTIVA.

Publica-se uma ou duas vezes por semana, na Typ. da Temperança do Sr. M. P. Ramos, rua Formosa n.º 9, onde se recebem assignaturas a 480 reis por 9 numeros, pagos á entrega do 2.º numero, folhas avulsas 60 reis.

Minha linguagem será Heide os vícios abater—
A linguagem da verdade, A virtude heide exaltar.
Pois sobre modo detesto Sem das raías da decencia
Tudo quanto é falsidade. Um só ponto de repór.

AOS SNRS. ASSIGNANTES.

Com o presente numero termina a quarta assignatura desta folha. Os Redactores têm grandes vistas a respeito da continuação da *Marmota* baseada no geral acolhimento que do publico recebem todos os dias.

Esperam os Redactores da bondade dos Senhores subscriptores a continuação de suas assignaturas.

A MARMOTA.

O conhecimento dos homens.

São tantos e tão diversos os caracteres dos homens; são tantas as formas por que elles se fingem, e tantos os modos de praticar de cada um, que a maior difficuldade que ha no mundo presente é sabermos com quem fallamos, e com quem estamos; além das naturezas serem diferentes, os genios designaes, e os corações occultos; o juizo mais penetrante, ou o talento mais apurado, nada pôde avaliar com certeza; porque as acções dos nossos semelhantes nesta época andam sempre coloridas com a impostura, e assombreadas com a hypocrisia.

Por isso, com toda razão, alguns homens já escabellados dos enganos em que tem cahido, duvidam sempre neste seculo, em que tudo anda falsificado, em que todas as cautellas são inúteis, todas as seguranças falliveis, todas as hypothecas baldadas; neste seculo, em que o amigo que mais perto está de nós é o primeiro traidor; o parente mais elegado é consanguineo, o primeiro a fazer a guerra o arrancar tudo quanto pode atracar com as unhas; neste seculo, dizemos, em quo a sinceridade se gasta ás oitavas, e a vellucaria ás arrobas; como pois ter conhecimento dos homens?! Só se abrindo o coração, só se cortando a cabeça e deixando a de dentro! Esmém, por nossa desgraça a ladroeira e falsificação tem-se introduzido em

tudo; nos comestiveis, nas drogas, nas fazendas, nas pedras e nos metaes preciosos, só não se encontra illusão no nariz que a gente tem na cara, porque apalpando-se, sempre se acha no mesmo lugar, e do mesmo tamanho. E ainda ha quem diga que estamos no seculo das luzes, e que a instrucção tem dado muita moralidade! Se a moral é assim, Deos nos livre della, e antes a estupidez da innocencia. Toda esta incerteza e perversidade é quanto ás transacções commerciaes, e tratos da vida; o que diremos das palavras e pensamentos figurados dos homens no tempo de hoje! Ha sujeitinhos por ahi que se assigna —seu venerador—, mas, ao contrario, é seu deímetor, outro assigna —patricio do coração—, e é inimigo sem compaixão; se encontra o amigo, diz com muita basofia: —aquella casa está á sua ordem—, mas quando o procuram esconde-se, para não dar um simples copo de agua; outro parolla, diz com ar de protector, para alardear generosidade: —se precisar do dinheiro, conta comigo—; pede-se uma quantia, não dá nem um figo, e com tantas mentiras, e hypocrisias, enfeitadas em palavras doces, como se pode ter um conhecimento perfeito do homem verdadeiro para ser apreciado e procurado?! A experiencia, filha do tempo e mestra da vida, só nos dá um conhecimento certo mostrando a cada passo que o character da maior parte dos homens é variavel, como as aguas do mar, e por conseguinte devemos ter conhecimento de que tudo é duvidoso; todas as conjecturas são susceptiveis de mudanças; todas as esperanças são precarias, e todos os planos fallham quando menos se espera: o homem seguro e discreto no seu modo de pensar deve só contar consigo, com o seu braço, e com a sua gaveta, quando esta não for visitada por algum fiegueiz occulto. A melhor receita que ha para termos algum conhecimento dos homens é observar-os de longe, e occupar-os poucas vezes. Ora, isto é quanto cá a nós homens de calças; o que diremos porém da tal gente que veste saia?! Isso é um D.

nos acuda!—Quanto mais se cava, mais profunda vai a mina do conhecimento; quanto mais se applica o telescópio da observação, mais escura se achava a atmosphera em que ellas vivem, de sorte que nunca se chega ver uma estrelinha de certeza.

O marido mathematico acaba louco, porque nunca acerta com o calculo da opinião da mulher; quando o marido quer applicar a algebra do talento, ella accrescenta os algarismos da magica, de sorte que o pobre padecente nunca pôde tirar a prova real da conta, e saber quanto possui nella! Certo é que a maior parte das mulheres são doutoras na sciencia das lograções; vemos por ali meninas tão espertas, e tão macacas, que cada uma é capaz de enganar a meia duzia de homens velhos e experientes; fingem um agradinho lisongeiro e o vão applicando com regra de proporção; á medida que o pupalvo vai-se mostrando apaixonado, ella vai contando pêtas e aproveitando os meios que pôde; mas assim que vê o sujeito de algibeira vazia, volta-lhe as costas, solta-lhe uma gargalhada de mangação, e ahi fica o pobre do José Bauana com a língua na boca, dando o cavaco pela bolha que se quebrou. Nada, nesta não vale o filho do velho, porque é rato velho, que tem perdido por muita ratoeira!....

Paulo, de tempos em tempos, fazia reflexões, fazendo ver que a vida humana, que de dia em dia o comia, era mais difficil e mais impossivel pela corrupção dos costumes, falta de sinceridade, e volubildade de caracter.

ROMANCE.

Uma victima d'Amor.

■ ■ ■

OS AMORES.

—ANNO DE 1829.—

D'un si gentil ambianto
Chi non sarobbe amante?
Qual barbaro potrebbe
Mirarlo, e non languir?

METAST.

Emilia era um objecto digno de idolatrar-se; sua idade não excedia de 15 annos; possuia uma formosura admiravel, uma voz encantadora, e maneiras em extremo fagueiras; seus paes lhe haviam dado excellente educação; finalmente a muda expressão de seus olhos elevava o coração de qualquer joven.

Uma magnifica sala de Baile, onde se via grande quantidade de Bellas, nenhuma lhe captava a preferencia. Seu negro vestido deenhava sua esbelta figura, fazendo realçar a

candidez de sua cutis; esta côr atra rememorava uma mãe cariciosa; o termo de seu lucto estava expirando, as rosas, que cingiam sua cabeça, já o faziam colorir; seu ar injucundo produzia uma sensivel opposição com as flores, que a coroadavam.

Não mui afastado della, um mancebo, que parecia ter 19 annos, a mirava com extasis; seus olhos estavam fitos n'ella, e pareciam traçar o menor de seus meneios. A estranha belleza d'Emilia ateu em seu coração a flamma do amor; quanto mais a attentava, mais seus encantos o subjugavam. Emilia lançando por acaso os olhos para o logat, onde estava o joven, eucontra-os com os delles, e por algum tempo o observa; sua elegancia parecia haver-lhe n'alma inspirado aquelle sentimento indissolvel, que muitas vezes torna gostosa a existencia.

Paulo, assim se nomeava o mancebo, não perdeu esta particularidade, e discerniu a attenção, com que Emilia sobre elle havia demorado seus olhos; julgava-se já o mais afortunado dos homens. Quanto é fraco o coração!....Quantos paradoxos não apresenta!....Mas quão seductores são os seus sophismas!

Paulo informou-se a respeito de sua familia, fazendo todas as pesquisas proprias de um joven em identicas circumstancias. Tinha comprado o relógio da madrugada, e retirara-se para retirar; Emilia despede-se das suas amigas, e esta separação é assellada com o effeito da amizade. Emilia pelo braço de seu pae caminha em silencio; Paulo a segue em pequena distancia, e vê a habitação da sua amada.

Havia já decorrido um mez quando por intervenção d'um criado conseguiu a entrega de uma carta, em que lhe descrevia o fogo do seu amor. Com quanta alegria não leu Emilia esta carta? ah! ella se imaginava a tuais venturosa das amantes.

■ ■ ■

O ADEUS.

— 1830. —

Ah! Marilia! vendo em pranto
Esses lindos olhos teus,
Cresco a pena do deixar-to
E não posso dar-te adeus.
F. E. LEONI.

Um anno já havia volvido, e os dous amantes sem descontinuaem na sua correspondencia; o amor entre elles crescia progressivamente, quando Paulo é forçado a ausentar-se para uma de suas fazendas; que transição cruel para um perfeito amante! que angustias terribel!....

Só monstros do egoismo,
Só damnado pedantismo
Não saberaõ cultos dar
A amor, que soube espalhar
Em todo o mundo—ternura!...
Desde o berço á sepultura
Quem pôde deizar de amar?!

MOTTE.

Por ti suspiro meu bem.

GLÓRIA.

Só vivo por ti—meu Anjo.
Não vivo por mais ninguém,
Por ti sinto puro Amor
Por ti suspiro meu bem.
Quando gozo os teus carinhos
Mais feliz não vejo quem,
Pois cheio do teu Amor
Por ti suspiro meu bem.
Se quando estou a teu lado
Doce teu sorriso vem,
Em brando enlevo de Amor
Por ti suspiro meu bem.

S. K. S.

Quem pôde de amar e não poder!

Vem só para adorar-te
Mas não para amar-te Annarzia!
Quer um Douce—é minha amo
Seres Anjo, e não me des-te.

Quando te vejo a mim
1. "Bella" e "Bella" e "Bella"
2. "Bella" e "Bella" e "Bella"
Me parecees uma estrela!

Q'entre a purpura d'aurora
O seu brilho paledeja,
Como a d'alva, que festeja
Essa tão magica hora.

E ao ver-te oh! Bella, assim
Com um menino á vadiar,
Dando beijinhos não provar...
E ter olhos?... ai de mim!

RICARDO.

A Viuva.

Mulher de grande fortuna
Infeliz enviuvou;
Ficou-se bem co'o defunto;
Muito por elle chorou!
Mas, dos bens qu'ia perdendo
Não podia assim cuidar:
Mulher só não vale nada;
Tornou por isso a casar.
Deu este com tudo á solta;
Mas, felizmente espixou;
Para ter de que viver
Tentou-a o demo, e casou.
Já tinha chorado tres,
Tornou o quarto a chorar

A mulher, que não tem homem,
Chora sempre por casar!

Declaração Amorosa.

Tu de amor cego ignorava
Qual a dura escuridão,
Em amor nunca cuidava
Meu sincero coração.

Perdão, querida Amalia,
Esta ingenua confissão,
A minha alma é toda tua,
Só a ti tem subjeição.

Não sou amado,
Não sou querido
Não sou chorado;
Sou perseguido.

Mas, tu podes, prenda amada,
Melhorar a minha sorte;
Não queiras, por ser ingrata,
Ser causa da minha morte.

Sou criminoso
Só por amar?
Siereço odio
Por te adorar?

Quem despreza amor sincero
E louco, não tem razão,
Do mundo Deos sobre a terra
Põe a maldição.

Deus tem, bella Amalia,
De mim compaixão!

I. F.

A FLÔR INIGMATICA.

Eu dei uma flôr
Mimoso, e singella,
De meigo formato
Cheirava, mui bella.

Não era açucena
Que falla tão pura,
Mas da sempre-viva
Tinha a fermosura.

Não era suspiro
Nem mesmo saudade,
Fallava de amor,
Tambem de amizade.

A rosa, não era
Espinhos não tem,
E' linda e fermosa
Eu dei á meu bem.

Ah! não, não supponhas
Que é sensível,
Ind'è mais mimosa
Ind'è mais captiva.

Tem da herboleta
Aquella formato.
Porém seu aroma
Rescenda mais grato.

O gozo não era
Nem mesmo caricia,

Porem é tão rara
Como a balcemia.

Tem como do lirin
A cor crystalina,
Porem mais faceira
Do que a bonina.

E do cardamomo
Apenas o cheiro,
Porem seu aroma
Ind'è mais lagueiro.

E' tão reascendente
Assim como a esponja,
Porem nada tem
Da fera lizonja.

Achei-a tão rara
N'um roso fermoso.
N'uns labios de narar
Que fallu amoroso.

Se chama, supponho...
A flôr—simpathi...
Quereis conhecê-la?
Olhai para Armia.

RICARDO.

*Cousas que fazem damnar a
quem se casa.*

Mulher amiga de bailes.
Mulher dorminhoca.
Mulher dançadeira de polka.

Mulher que gosta de petimetre.
Mulher que espia o marido.

ADEVINHAÇÃO.

De Antonin Martha Rodrigues
Tira as letras principaes:
Vai buscar Amelia Ignacia,
Faz o que fizeste ás mais.

Com estas letras arranja,
Postas como devem ser,
Sobre-nome de varões,
Nome proprio de mulher.

CHARADAS

Vai-te esconder quando não.—1
Eu faço tudo em poeira;—1
Um irmão que Deos me deu
Me pôz o sal na moleira.

E' bom, e digno Juiz.—2
Todo o homem busca sor;—2
E no dom da persuasão
Os outros deve exceder.

Sig. das Charadas do n. antecedente:
1. "Pateta"—2. "Malsim"—3. "Tri-
buna"—4. "Ardor"—5. "Almofada".
E da Adivinhação—Anna

Maranhão: Typ. da Temperança—
1851. Imp. por M. P. Ramos, rua
Ferreira, 100.

A vespera do apartamento está chegada. Meia noite acabam de annunciar as torres dos templos da Capital; a casa de Emilia jazia em profundo silencio, só ella em seu aposento velava, onde uma cançada luz apenas clareava; uma labutação de idéas occupava a sua mente; sentada em uma cadeira aguardava o momento de horror; este silencio só igual ao dos tumulos era de quando em quando interrompido por um doloroso suspiro, com o qual parece lançar a alma atormentada. Um leve rumor a sobresalta, levanta-se, e vê abrir-se a porta da sua camara; uma figura um pouco alta, enbuçada em um capote, se introduz cuidadosamente, e com timidos passos; apenas perto de Emilia deixa conhecer-se; ella ao vê-lo, recua exclamando.

—Que vejo?!...é elle!... Paulo?....ausentas-te?!...deixas-me?!...ah! retira-te.... queres reduplicar as minhas magoas?!...aumentar as minhas afflições?...ah! dize, como poderei sopportar esta labareda, que as entrannas parece abraçar-me?.... Paulo!.... o amor é, para ti, um vocabulo maldito.

Emilia, diz elle com voz magoada, não mereço essa linguagem; negocios uteis, como sabes, me chamam á minha herdade; eu parto, mas a minha ausencia será breve.

Com estes, e outros colloquios a noite quasi findava a sua derrota: os dous amantes são obrigados a se apartarem; neste lugubre momento a infeliz se lança nos braços de Paulo, e depois de lhe jurar uma constancia eterna, perde os sentidos, e desfallecida cae no pavimento.

Paulo sac conduzido pelo confidente de Emilia.

(Continuar-se-ha.)

MOTTE.

Vingado estou de ti por meus rivais!...

SONETO.

Pela ultima vez. Gelia inconstante,
Ouvirei os teus ais e os teus queixumes,
Já que o fogo infernal d'atros ciúmes
Te cerca de tormento devorante!...

Tu quizeste rasgar meu peito amante
Da terrivel trahição c'os ferreos guines;
Mas debalde, cruel, que os mesmos Numes
Negaram que o teu plano fosse avante!...

Eu te amei, é verdade; eu te adorava;
Mas tu querias inda muito mais!...
Amor, adoração não te bastava!...

Oh! o tempo é bom mestre dos mortais!
Deixei-te...achei em Joanna o que te dava:
Vingado estou de ti por meus rivais!...

M. C.

A' PEDIDO.

Doce beijo na candida face
D'um infante, donzella, imprimiste,
E de ardor era cheio esse beijo
E com elle minha alma feriste!

Ah! que desse momento perdido
N'esse beijo foi minha ventura,
N'esse beijo tão cheio de graças,
N'esse beijo de tanta doçura!

Já não gozo da paz deleitosa,
Minha sorte de todo mudou,
Meu socego, donzella, esse beijo,
Esse beijo fatal m'o roubou.

J. J. M.....

MOTTE.

*Mai Zabé dixé pla mi
Vacê memo nan qué nada.*

GLOZA.

Oia pla mi Há Zuaquê,
Desglaza mi acuticêo:
Sai daqui sua Zudeo
Mai Zabé dixé pla mi;
Nunca vio muilhé assi
Cu sua pávbra danada
Faze gente de glazada;
Num dias que Deo quize
Eu pla elle hade dizê,
Vacê memo nan qué nada,
Pazido prô Pá Mané Cazango.

MOTTE.

*Tu acordas para a vida,
Eu para a dôr acordei.*

GLOZA.

Te desperta.—Foi ouvida
Esta voz no meu sonhar;
Outra vez ouvi bradar
Tu acordas para a vida:
Nisto vi minha querida
Quando mal me levantei....
C'o rival!—pronunciei
Nesta horrivel confusão,
Ah! não é uma illusão
Eu para a dôr acordei.

RICARDO.

MOTTE.

Quem pode deixar de amar?

DECIMA.

Só soberbo fanatismo,
Só muito audaz ignorancia,
Só phantasmas da inconstancia,

este ponto sem termos ainda sido casados, e pelo menos criado filhos, mas acontece que muitas vezes por observações tiramos resultados certos sem precisar immediatamente da experiencia propria, e nesta conformidade diremos o que sentimos a este respeito. E' na verdade assás difficiloso, principalmente no nosso paiz, o desempenhar plenamente o cargo de pai de familia, cumprindo os deveres com exactidão para merecer o nome de verdadeiro pai de familia, e não, o titulo de fabricante de filhos. Bem poucos são os casados que se podem chamar pais de familia, ao contrario vemos em geral pais indiscretos, pais corruptos infundindo máos exemplos aos filhos, este cruel veneno que mata inteiramente a educação moral na mocidade volúvel, e falta de experiencia; vemos até pais que crião os filhos só a comerem, e a dormirem.

O certo é que o homem pensativo e calculador com razão recusa casar-se, porque tendo filhos procura trabalhos, e amarguras, principalmente na nossa terra onde existem varios motivos que concorrem para o atraso da educação dos filhos; o contacto com os escravos no interior das casas, a falta de Religião, e a relaxação dos mestres são tres correntes que prendem o filho incauto, e o conduzem para um abysmo de erros e perversidades.

Devem os pais de familia usar de muito geito e cautella para desviarem seus filhos das primeiras e más inclinações, porque conseguido isto, encaminha-se o menino para a estrada da boa moral, onde depois de acostumado segue por si só sem dar mais trabalho e nem precisar mais a guia dos pais; porem o que estamos vendo presentemente? pais de familias insensatos com um amor de basbaques mandados, fazendo todas as vontades as crianças, ou por outra, cevando a má criação dos filhos, sem observarem que vontades ha tão prejudiciaes, que equivalem a um damno terrivel, e é uma regra sahida de experiencia, que as privações a tempo dominão a altivez do espirito humano, o tornão docil, e accommodado aos inconvenientes da vida; mas os papais da moda para mostrarem ao publico que são muito antiteticos e se habão pelos filhos, fazem das crianças macacos de divertimentos, aos quaes se dão pãosinhos, e brinquedos de toda qualidade para se ver a habilidade; o acostumado nisto vai crescendo o Sinhorsinho, exige logo seu relógio, seu cavallo para passear, e vizitar as primas no sitio, exige uma casaca de dous em dous mezes porque as abas já estão fôa do ultimo gosto, precisa já ter dinheiro na alacaria para comprar os xarutos de regular para si e para os collegas, que apparecem, e ouvindo elles contarem suas façanhas namor-

caes, deseja tambem ter a sua amazia, e aqui temos o rapaz estabelecido com uma boa regra de vida; enquanto existe o pandorga do pai bem vai o negocio, mas quando morre o que acontece? o filho acostumado a gastar sem trabalhar, a nada se sujeita, quando muito quer ser empregado publico com bom ordenado, porém só hindo quatro ou seis dias no anno a repartição, porque o mais é flagello para um moço que seu pai lhe fazia todas as vontades.

Ia-nos esquecendo mostrar que a má educação principia em vestirem as crianças com um luxo demasiado, e fazerem-lhes as vontades de mandarem de uma escolla para outra, só porque o mestre o *chingou*. Donde se conclue que o maior empenho dos pais de familia deve ser, cuidar attentiosamente na educação de seus filhos, embora nada lhes deixem de fortuna pecuniaria, porque muitas vezes o dinheiro a um malcreado, se torna um instrumento de vicios e desgraças.

Dos bons pais de familia depende a felicidade de um paiz, porque delles vem os filhos que tem de os substituir na população, e dos máos filhos, só resultão máos companheiros, máos amigos, máos cidadãos, e geralmente homens infelizes, prejudiciaes a sociedade, e desamparados pela Providencia Divina.

ROMANCE.

Uma victima d'Amor.

(Continuado do n. 36.)

O CONSORCIO.

— 1831. —

As arvores, e as mulheres
Correm quasi a mesma sorte:
Pendem ambas com o vento
Já ao sul, já ao norte.

F. E. LEONI.

Quantos são capciosos os vicios! Ditoso d'aquelle, que se não enleva com as lindas expressões d'uma mulher; feliz d'aquelle, que postergando a belleza, esse frivolo presente da natureza, que muitas vezes destino me, busca só penetrar o amago de seu coração. Quantas vezes um lindo rosto não dissimula uma alma insidiosa, e um amor perfido! Já oito mezes tinham decorrido da ausencia de Paulo; um individuo, que com bastante confiança frequentava a casa do me de Emilia, começa a experimentar por ella uma viva inclinação. Emilia, que só conhecia as primeiras impressões, cedeu logo ás suas attentões, esquecendo-se já do infeliz Paulo. Este homem soli-

cita a mão de Emilia, e seu consorcio foi celebrado dentro em um mez; no entanto que Paulo garantia a constancia da sua perfida amante. Quantas ignaes a esta se não encontram? A diversidade, e o prazer da novidade constituem hoje as delicias das nossas Bellas, e com especialidade, das que assiduamente concorrem ás grandes sociedades e bailes, esse contagio terrivel, que tanto as tem corrompido; onde se habituam a receber os obsequios de muitos cavalheiros, ricos de expressões amorosas, divi-sando-se apenas *noites* uma elegante apparencia.

O SUICIDIO.

— 1832. —

..... sacrilogo attentado
De que trema a Razão, o a Natureza!
BOCAOE.

Paulo, sabendo do casamento de Emilia perde a razão; as furias todas parece aquarteladas em seu peito, e detestando a vida o infeliz intenta suicidar-se! Nesta horrida sanha tudo parece abandonal-o!

—Antes de deixar o Mundo, dizia elle, este vasto campo de traições, quero escrever-lhe; perdida!...clamava o desgraçado no excesso do seu furor, perjura!...mulher sem amor!...ta, ávida buscas a minha morte, cava a minha sepultura, assassinas-me na aurora da vida, mas a minha vingança....Quando ao lado estiveres do teu consorte, no silencio da noite despertada, minha sombra verás entrar urlando vingança; aproximar-se do leito conjugal, e arrastar-te com uma mão mui differente da do amor, arrastar-te pelo soalho, e no peito infame banhar um ferro;....e quando pouco a pouco na placida escuridão da morte te fores entranhando, o esposo acordarei com ensanguentada mão, e só de meus labios sairão palavras de aversão.....

Com os braços encruzados, e os olhos fitos no chão o infeliz por muito tempo permanece nesta posição. Um novo pensamento acaba de tiral-o d'esta apathia cruel; sentando a uma mesa, onde um candieiro ardia com luz incerta, escreve a carta seguinte:

"Eis-me, Senhora, na borda do abysmo; um só passo, um leve movimento me resta para nelle cair. Quanto me é odiosa a existencia! Julguei que um veneno activo poderia em poucos momentos livrar-me; contudo este veneno é muito forte que aquelle, que o amor fez girar em minhas veias!...Suppoz dever muito avel conservar a tranquillidade de meu cerebro nesta

"quero dirigir minhas derradeiras idéas, manifestando-vos os sentimentos, que me do-minão. Ah! occupar-me de vós no momento, em que devo deixar o mundo é um sup-plicio, todavia delle necessito, ainda me conserva a vida, bem como este veneno, que só por instantes retardará minha agonía. Encerrado na minha camera me os olhos sobre a bebida, que em breve deverá gelar meu sangue. Eu vos escrevo no mesmo aposento, onde muitas vezes, sem poder recomen-tar-me nos braços de Morfeo, vós ereis o unico objecto de meus pensamentos; ah! com esta recordação terrivel a minha aflicção parece crescer. A minha ausencia bastou para o vosso esquecimento; eis-me sem vida, sem uma mulher falsa, uma perjura, entreguelhe o meu coração ardendo na chama do amor, e recebi um sem calor, tão duro como o bronze e frio como o gello. Senhora, as horas passam, são 4 e tres quartos da manhã e me espera, sua mão descarnada ha muito que sustém a pesada lousa do meu tumulo; devo dormir eterno somno; adeu, Senhora, ponpal-a a tão grande oppres-são."

Escrita estas ultimas linhas larga a perna, permanece por um tempo, levanta-se, dá alguns passos apressados, senta-se novamente, e lê a carta; ao leve som d'uma cadeira, o mesticó só lhe apresenta, Paulo silencia e examina, e diz.

—Ves esta carta?....de ti a confio; conheces a pessoa, a quem a dirijo, é quanto basta:....retira-te.

Apenas este se havia ido. Paulo toma o veneno, e no curto espaço de duas horas extingue a alma.

R. J. de S. Netto.
(EXT.)

SONETO.

Se é doce amar constante, e ser amado
Por formosa donzella meiga o par,
Palpitando de amor, gosto e ternura
Contemplar o seu rosto idolatrado;
Se é doce no lugar, dia aprazado,
Achal-a com meiguice, e com candura,
Empregar-lhe na face com doçura,
Um beijo, longo tempo desejado;
Se é doce ver a bella extasiada,
Influida de Amor a respirar
No fogo da paixão toda abrazada;
Mais doce inda a ver a ser conservada
O brio do pudor na vida guardada,
E nunca um só abito abandonar.

R. J. de S. Netto.

A MARMOTA MARANHENSE.

FOLHA LITTERARIA, E RECREATIVA.

Publica-se uma ou duas vezes por semana, na Typ. da Temperança do Sr. M. P. Ramos, rua Formosa n. 9, onde se recebem assignaturas a 480 réis por 9 números, pagos á entrega do 2.º número, folhas avulsas 60 réis.

Minha linguagem será Heide os vícios abater—
A linguagem da verdade, A virtude heide exaltar.
Pois sobre modo detesto Sem das raízes da derrocia
Tudo quanto é falsidade. Um só ponto dis repór.

A MARMOTA.

OS VELHOS.

Não ha coisa com que dê tanto cavaco certa coisa como seja a velhice! Inventam artes para encobri-la, e serão capazes de arrancar o nariz a quem lhes chamar velhos. Nas mulheres, principalmente, é o maior insulto que se lhes pode fazer, pelo que, arrehtentão antes do que dizerem ao certo a idade que têm; nunca passam de maiores de vinte e cinco annos, e se já não são mais, são velhas, e velhas são todas as mulheres, nasce d'ahi o não que-

pela idade, porém dos trabalhos e afflicções por que têm passado. Não perdem tambem um lugar de dirigir suas foscas em publico, ao bello sexo, para que o julguem valente campeão nas guerras de amor, quando elles já não acompanham nem a bagagem do exercito d'esse general. Outros, prohibem aos netos de chamal-os —avós:—levam pela manhã boas duas horas a pintar os cabellos brancos, raspam de cima para baixo, e de baixo para acima, a barba, para que se não conheça por ella a sua idade, e usam de oculos fixos como se fossem myopes desde a infancia.

Nos officios, e nos trabalhos de qualquer inda são maiores: penteam-se no ultimo gosto:

graça nas contradanças; lamentão o gosto dos fandangos; brigam contra as janellas rasgadas das casas que usam agora, e fazem o elogio das rotulas e urupembas, atravez das quaes as nhânhãs do tempo carunchoso olhavam para os que passavam, e namoravam furiosamente, com quanto digam ellas que as moças do seu tempo eram o typo da honestidade; fallam dos vestidos decotados, como fallaria um pregador em tarde de quaresima; enfim, vingam-se da velhice com estas e outras cousas. As velhas, entram em analyses e comparações mais minuciosas; fazem uma critica aturada e constante sobre as moças que não cuidam senão de fazer postigos, andarem pelas ruas tão cheias de pano, com um balão fumaça, e namoram cinco e seis; fallam de que se mande ensinar a ler ás senhoras, que por isso anda tudo perdido com cartinhas de namoro de um lado para outro, quando o namoro positivo é melhor e mais rendoso para as mulheres; enfim, acabam sempre com as suas costumadas lamentações, com o seguinte estribilho:

—Tempos que foram não voltam mais!—

Se todos os velhos comprehendessem sua posição veriam que a velhice é a aposentadoria dos trabalhos da vida; que os velhos acham na sociedade como empregados avulsos, que são chamados para aconselhar nas occasiões

gustia. Assim, pois, o homem precisou, pediu emprestado, e deveo a outro homem. D'aqui vieram todas as transacções e convenções mutuas. Da lei da necessidade das cousas nasceo o commercio, seu filho primogenito.

Ha gente, porém, do diabo; e quanto differe ella, no momento em que está na abundancia, daquelle no qual precisou, e necessitava de ser servido! Ha uma differença como da agua para o vinho. Quando achou-se em precisão, elle abençoou a mão que o servio; suas palavras foram as do mais vivo reconhecimento: quando o momento da precisão passou, e chega o instante do pagamento, e da remissão da divida, contrahida, a soberba preside a seus modos. pôe duvidas, se não nega a divida, e quer ajustar a conta lá a seu modo. Não é este o sentimento geral dos homens; porém muitos assim procedem.

De todas as maneiras porém se ajustam contas. O heróe do romance—Filho do Diabo—as ajustava indo ás vias de facto, e a menor duvida era decidida com muita cutilada, e á força de bala. Entre nós ha muitos que ajustam suas contas desta maneira. Pedem dinheiro e mais dinheiro emprestado, folgam quando soccorridos na necessidade, e quando o momento de pagar chega, calam em seu coração todos os sentimentos, e mandam ahi por qualquer desalmado tirar a vida ao honesto pai de familia. que outro crime não tem senão haver sido bom

Se não estivéssemos tão chegados
bbado d'aleluia, não me dava
curado a sua auzencia; mas o
que eu tenho de que a rapa-
o tenha por ahí fillado para Ju-
é muito grande—não porque el-
não mereça pela caçaria que
pregou de se pôr de *casaca* no-
mas porque desta forma ficámos
rados dos seus luminosos escrip-
e sobre tudo do novo systema ora-
o que elle quer introduzir, pelo
muito bem se dispensa em qual
rermão—o exordio, proposição,
ção, epilogo, divisão de pontos
tras ninharias com que o velho
e Vieira maçava aos nossos nvós.
tanto eu fico ancioso esperando
sua resposta, porque eu não posso
ançar em quanto não tiver noti-
as deste *magandão de bom gosto*.
Ade a Sr. Redactor! No exerci-
o do meu novo emprego pode con-
como sempre com

O Tinoco Maça.

*conselho de uma velha ás moças
namoradeiras.*

Toda a moça que quizer

depressa cazar,

deverá saber que noute e dia

não cessa de namorar.

E quem não tem a todos
Marqueses e Reis.

Eu pelo menos assim fiz,

E mal que me deu,

E p'ra prova de que digo

Bem caza a caça.

Ai! meu tempo, meu tempo...

Que não me tenha a vir!...

Agora é que me falta

E' teu *conselho de velha*.

Namora, tu és de meninas,

Aproveita o teu tempo:

As delicias da vida

E' metade do *casório*.

Toda moça que namora

Tem *celebridade* de *padão*,

Principalmente se é

Dotada de *bom coração*...

Eis os *conselhos de velha*

Que foi *mal namorada*,

E que *apenas* de *seis* sessenta

Inda está *namorada*.

J. F. C.

NOTA

Eu te amo, Sr. Maria.

Oh! mas elle não ignora!

Resposta

La não

—De chumbo dar-te-hei alguns:
Terás em casa uma guarda!

T. J. L.

VERDADES PURAS

TAÕ SINGELAS COMO DURAS.

Negociante á carreira.

Tem apertos n'algibeira.

Caixeiro sempre em passeio,

Serve ao amo mez e meio.

Marido que se levanta

Sempre depois da mulher,

Quando *sofre*, é porque quer.

Seja boa, ou ma demanda,

Escrivão p'ra tua banda.

Menina de roupa preta

De tarde, andando em passeio,

Não tem outra na gaveta.

Quando fallares de alguém,

Repara que perto rein

Viuva que falla em honra

Tanto a chorar, como a rir,

Tem *mazella* que encobre.

ADEVINHAÇÃO.

Bem no centro tem um E

O nome, que escrevo aqui:

Qual o nome que tem?

Logo um A depois no pé.

tar, e franco no regular de suas contas; sempre cavalheiro.

Nada mais simples, contudo, do que um ajuste de contas. Não se esqueça o homem da hora da necessidade, que tudo anda ás mil maravilhas. Trilhe a creatura o verdadeiro caminho, que não terá difficuldades. E' um dos maiores prazeres da vida o dia em que o devedor solve suas dividas.

QUEIXAS DO POETA.

Almas de ferro em corpos alabastro !
Tanta crueza unida á tanto encanto !
Ai repugna meu Deus ! Ai que dóe muito !
J. S. M. Leal Junior.

Eis-me só, aqui ninguém respira
Mais do que a brisa mensageira
Pelo bosque frondoso que me cerca ;
Aqui só eu, ninguém mais ouve
Os queixumes do Bardo, desprezado
Pela ingrata que ama. Insensato !
Julguei que seus labios tão divinos
Proterissem jamais tão disfarçada
Mentira, que julguei ser juramento:
Louco ! aonde consta uma verdade
Já dita por mulher ?—onde promessa
Que jamais cumprissem ? desdenhosas
São todas, disfarçando c'os affectos

Sem d'ella m'importar indifferente ?
Mas agora....soberba desdenhando
Meus affectos, affagos, e ternura ----
Zombando, (lizongeira,) demonstrando
Mesquinho proceder d'uma inconstante,
Natural d'ella mesma !—refalsada !
Pagaste-me assim sem rebuço
O bom-grado fiel, dos meus extremos...
Que al, nunca julguei tal recompensa !
Com tudo Bella, amo-te, (confesso,)
Ainda o Bardo sou, mas vergonhoso
De ser assim cobarde censurado !
Deixar-te?...oxalá se eu pudesse
Prescindir d'este amor, em quanto é tem-

Não posso resistir ! em vão pretendo
Fugir daquella ingrata !—bem quisera
Riscar a da idea para sempre.
Eu amo-te mulher, é o meu destino
Sofrer o teu rigor, mas sempre amando
Quem me não sabe amar.

Agora mesmo,
Aqui n'este dizerto unicamente....
Eu vejo-te, adoro-te, me fallas....
Mas ironica sim, porem tão bella,
Como sempre tu és, como tu éras
No primo dia que, me enlouqueceste....
Sem que eu tempo tivesse á regeitar-te:
Não fui senhor de mim no breve espaço
De magico atractivo ! éras sultana,
No teu divan sentada me ordenando

A MARMOTA MARANHENSE.

FOLHA LITTERARIA, E RECREATIVA.

Publica-se uma ou duas vezes por semana, na Typ. da Temperança do Sr. M. P. Ramon, rua Formosa n. 9, onde se recebem assignaturas a 480 reis por 9 numeros, pagos á entrega do 2.º numero, folhas avulsas 60 réis.

Minha linguagem será Heide os vícios abater—
A linguagem da verdade, A virtude heide exaltar,
Pois sobre modo detesto Sem das raízes da decência
Tudo quanto é falsidade. Um só ponto discrepar.

A MARMOTA.

Carta para a Marmota.

AMIGO E SR.—Prosperos dias lhe desejo, por que estou certo de que no meio da prosperidade, que peço a Deos o faça desfructar prosperamente, não se hade esquecer deste seu velho amigo.

Tantas novidades tem havido por aqui que não é possível caberem no espaço em que deve ser comprehendida uma carta.—Fallando a verdade, meu caro amigo, eu sou bastante la-

novo entre nós; só até as 3 horas, chuva das 4 ás 6, e bom tempo para a noite; o calor tem sido intenso; não chove effectivamente, ha dois mezes; mas pode-se dizer, sem medo de errar, que tem chovido um dia sim, outro não. E que temos nós que admirar, que os tempos antigos voltassem, se tudo voltou com elles? Voltou o gosto das mobílias, a moda das saias compridas, as saias das moças com mangas como as *anquinhas* do tempo de D. Maria de Ô, e voltou o ouro e a prata, de que hoje já ninguém faz caso; se voltar o uso de vender-se licores com pão de Lot, de manhã cedinho, como usavam as moças do tempo da minha

meu amigo, que se de caxorros se fizessem exercitos, não haveria nação estrangeira que nos não respeitasse por isso!

(Continua).

Deixando incompleta a carta que lhe dirijo, faço este appendice para dizer-lhe que o nosso Natal, tão esperado, e que nos devia dar este anno o prazer que não gozamos no passado, por causa da febre amarella, foi tão chuvoso que não deu logar a cousa alguma. Como sabe, ninguém quer passar a festa na cidade; ha hoje no Rio de Janeiro tantos vehiculos de communição, que a gente iria a toda a parte (1), sem incommodar, se houvessem ruas e estradas em estado de poderem ser por elles transitados. Apesar, porem, disto, muita moça esteve fóra; e com quanto dessem cavaco por não poderem mostrar os *su-fás* que apromptaram para os passeios campestres—vestidinhos de bellas cascas de cores de tres a seis ordens de babados com mangas novas de boca de sino, e manguitas brancas de pôr e tirar, chapelinho de palha, gravatinhas de côr e colarinho voltado, botim de chadrez no pé pequenino, &c., fizeram o que

podem, dão passos para as mangas. Sem fim. Meu amigo, queiraõ as moças brincar, ou haja quem as faça querer, que não ha nenhuma que não goste do festa como de limão de cheiro! Oh! brincassem ellas comigo, que eu seria *felicissimo!*----

Bem, ou mal, mas em todo o caso melhor sempre que o anno passado, passou-se a festa; o tempo promete alguma cousa de bom; porem o tempo é velho, e em velhos sempre ha rabugisse. Deos queira que o tal barbudo da fouce não ponha em sitio outra vez as amaveis patricias, afim de que haja muito que ver, para que tenha tambem novos e agradaveis motivos para escrever-lhe o

Seu Amigo.

AS MOÇAS.

Não vou fallar das moças; não senhores; menos isso; não se diga que fallei *das* moças, por que entender-se-ha que fallei mal, não tendo eu senão bem, e muito bem para fallar d'ellas. Tambem não vou fallar *com* ellas; pois agora estou eu aqui muito bem sosinho, rodeado de quatro paredes nuas; mas como estou rodeado de quatro paredes nuas, e de quatro paredes nuas, vou ver se não posso fazer

do chega a minha vez eu também hei de ficar cego pela minha luz!...

Depois d'isto, ainda temos outra circumstancia; se posso fallar, vou-lhe dizendo ao pouco tudo quanto acho de novo cá por dentro; mas quem disse que a menina me hade crer?! Sahe-se logo com uma resposta de me pôr sal na moleira! Não é mais nem menos do que isto:—São muito lindas palavras, Sr., assim não tivesse o que ellas significam sido jurado tantas vezes, quantas tem sido violado o juramento!... Vaidosas que somos! Valha-nos ao menos esta ventura vã d'estes ligeiros momentos de lisouja que gozamos!...—Eu quizera replicar protestando, jurando, mas...quem lhes ensinou a ellas aquillo? Fico com medo que fosse a experiencia; e fico logo que não posso articular mais nem uma palavrinha. Ora, eu não quero que a moça seja facil, isso não; mas quero que ella seja innocentinha; quero que ella me pareça uma florzinha que eu colha na aurora do seu verdor para a encherter no tronco do meu affecto; quero que ella me mate mais com os seus olhos meigos, do que com a sua falla affectada; quero que me diga mais com o seu ar de pejo, do que com um senhoril vaidoso. E' por isso que eu arripio carreira, e lá se vai de dons feitos morto ao nascer o meu amor!... Ainda temos mais.

Cada moça tem uma conhecida, uma irmã, ou uma amiga que eu conheço; ou por dever, ou por attenção, ou por querer, ou qualquer cousa, pergunto tão somente como passa...ai, meu Deus, que ferida eu lhe abri no coração!... ah! temos nós:—Dá-lhe muito cuidado essa pessoa?...Se eu tivera advinhado faria que ella estivesse aqui em meu lugar...talvez que o senhor lhe não perguntasse por mim?!...—Ora, o meu amor é ainda tão criança, se elle já é amor, que com qualquer cousa se molesta, quanto mais com punhaladas d'estas!

Ahi temos nós outro suicidio, e assim por ahi além; mas de quem seja a culpa, eu não sei; porque isto que a gente sente ás vezes, ou talvez sempre, nem a gente mesmo sabe; quem o sabe são os outros, quasi sempre pelo que a gente faz.

Mas, enfim, meu papellinho, a quem só estou dizendo estas cousas, porque não quero enfiar a mais ninguém isto é, o que eu por ahi tenha passado, se algum anjo por ahi em ti pegar, que quizer ser differente ás mais que hei visto, dize-lhe o que de mim sabes, e quem sou; se alguma te disser que é justamente o bemzinho a quem procura, então—será chegada a minha vez!...

R.

CORRESPONDENCIA.

Senhor Redactor.

Começarão as Preces ao Senhor Bom Jezus dos Navegantes, sabbado 26 do corrente, e mai pouco povo tem concorrido; quando era de esperar, avista do estado lastimoso em que nos achamos, que nem todo o largo daquelle Santo Templo seria bastante para os concorrentes; e muito especialmente sendo só ali onde nos devemos reunir para com nossas supplicas implorarmos ao Altissimo Senhor de todas as cousas para aplacar sua Divina Justiça. Porém, Sr. Redactor, esses poucos concorrentes nada mais fazem que ali apparecerem, e nem ao menos se lembrão que devem levar alguma cousa para deporem em uma salva que se acha em cima do Altar; talvez pela lembrança de que Deus não precisa de dinheiro: mas é nossa obrigação allumiá-lo com cera, e esta deve ser ministrada por nós! Queira, Sr. Redactor, fazer este aviso para ver se as Senhoras Madamas podem levar os seus dois vintens no seu bolsinho, pois como todas hoje usam delles não lhes será difficil carregal-os, e em quanto os Srs. Marmanjos, não lhes será muito pesado levarem uma vela, ou cousa que tal possa valer, despendam alguns cobres, que também é sacrificio; e á alguns mais de meia dúzia de palavras injuriosas; isto que aqui digo não é só devoção mas também obrigação de todos, em quanto as Sras. Idosas (visto Vmc. dizer que ellas não querem que lhes chame velhas) essas sempre vão catndo com os seus vintens, pouco sim, mas sempre dão. Por este obsequio lhe ficará grato.

Seu Assignante.
O Boas Noites.

SONETO.

Nasci para ser grande, e ser morgado
Passar vida feliz e ter dinheiro,
Comer podim gostoso um dia inteiro
E de banha cheirosa andar untado.

Pra não andar a pé, mas carregado
Pra ter sege bonita, e bolheiro,
Pra não soffrer jamais um só bregeiro
Pra estar sempre entre as moças beliscando.

Mas nasci pobretão todo lambido,
Ensinarão-me grammatica rançosa,
Na botica vivi todo encolhido.

Tenho roupa esquisita e carmixosa,
Com tudo pra casar já fui pedido,
Por mequina que dizem ser formosa.

MOTTE A'----

A MOÇA JANELLEIRA.

*Hade dizer-me em segredo.
Quem lhe prende o coração.*

Menina não tenha medo
Diga—diga sem demora
Com quem você se namora
Hade dizer-me em segredo.
Não lhe heide fazer enredo
Que lhe traga maldição,
Diga sua opinião
D'onde esta paixão lhe veio,
Diga meu Bem sem receio
Quem lhe prende o coração.

MOTTE A'----

Heide amar-te eternamente!

GLOZA.

Vou te dizer, cara bem,
O qu'este meu peito sente;
Vou te dizer com voz pura:
Heide amar-te eternamente!

Em quanto ess'ave existir
Que os ares talha contente,
Sempre fiel te eide ser:

Heide amar-te eternamente!

Quem te prende o coração?

Quem te prende o coração?

Quem te prende o coração?

Heide amar-te eternamente!

Heide amar-te eternamente!

Heide amar-te eternamente!

Heide amar-te eternamente!

Heide amar-te eternamente!

Heide amar-te eternamente!

Heide amar-te eternamente!

Heide amar-te eternamente!

Heide amar-te eternamente!

Heide amar-te eternamente!

Heide amar-te eternamente!

Heide amar-te eternamente!

Heide amar-te eternamente!

Heide amar-te eternamente!

Heide amar-te eternamente!

Heide amar-te eternamente!

Heide amar-te eternamente!

Heide amar-te eternamente!

Heide amar-te eternamente!

Heide amar-te eternamente!

Heide amar-te eternamente!

Heide amar-te eternamente!

Heide amar-te eternamente!

Heide amar-te eternamente!

Heide amar-te eternamente!

Heide amar-te eternamente!

Heide amar-te eternamente!

Heide amar-te eternamente!

Heide amar-te eternamente!

Heide amar-te eternamente!

Heide amar-te eternamente!

Heide amar-te eternamente!

Heide amar-te eternamente!

Heide amar-te eternamente!

Heide amar-te eternamente!

Tommas, Christoph e Santos
Não tinham mais alva a côr.

Pode ser que disfarçado
Neste rude carpinteiro,
Exista um forte guerreiro,
Que seja útil ao estado;
Se como move o machado,
Mover o ferro luso,
Podem ficar convencido
Do seu desempenho já,
Pois cada golpe que dá,
E' pau de corte perdido.

Concedei-lhe, pois, clemente
A honra de o promover,
Que de vós promete ser
No serviço diligente:
De alferes ou de tenente
Não faz distinção na albarda,
Trocar a longa albarda
Pela banda, é quanto anhela
Para disfarçar com ella
Ruínas da antiga farda.

Questões.

Que mal não queres sentir?

Ouvir.

E qua virtude escolher?

Calar.

E que bem falgua guardar?

Calar.

Que te põde valer

Virtude e maior perigo.

Quando acabares contigo

Ouvir sofrer e calar.

Qual do tudo é o mais forte?

A morte.

E d'ella que mais ouviste?

Triste.

Tem mais que ser penosa?

Espantosa.

E que buscas ser mimosa

Vida que tão pouco dura?

Pois o tempo lha procura

Morte triste e espantosa.

DECIMA.

AS GRAÇAS.

São trez Anjos d'encantar
Que vaguêão sobre a terra;
Que de amar no peito incerra
O mancebo que as olhar!
Os seus nomes, declarar....
Não quizera, pois talvez....
Offendesse á todas trez;
Mas afinal,—são maravilhas....
São do céu candidas filhas....
Maria, Rosa, e Ignez.

Ricardo.

Maximas.

A honra uma vez perdida,
Nunca mais se hade alcançar;
A consciencia é quem pôde
Nesta vida nos guiar!...
Uma choupana de palha,
Onde se vêem só encantos,
Vale mais do que palacio
Onde se ourem só prantos!... (*)

O tempo é quem patenteia
A mentira e a verdade;
E' quem nos mostra e nos diz
Quão louca é nossa vaidade!...

Tendes em vista o presente,
E na lembrança o passado;
E para o futuro, em fim,
Deveis olhar com cuidado!—

Muito melhor se governa
Com modestia, e com amor,
Do que com feroz soberba,
Do que com ferro, e terror!...

Cruz Junior.

CHARADAS.

1.º primeiro dos preceitos

Para um ente viver bem.

E' sem duvida nenhuma

O que a esta syllaba contém.

2.º A virtude que se encontra

Em todos os seres do mundo.

3.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

4.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

5.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

6.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

7.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

8.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

9.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

10.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

11.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

12.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

13.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

14.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

15.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

16.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

17.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

18.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

19.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

20.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

21.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

22.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

23.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

24.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

25.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

26.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

27.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

28.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

29.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

30.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

31.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

32.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

33.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

34.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

35.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

36.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

37.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

38.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

39.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

40.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

41.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

42.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

43.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

44.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

45.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

46.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

47.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

48.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

49.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

50.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

51.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

52.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

53.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

54.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

55.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

56.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

57.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

58.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

59.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

60.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

61.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

62.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

63.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

64.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

65.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

66.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

67.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

68.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

69.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

70.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

71.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

72.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

73.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

74.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

75.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

76.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

77.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

78.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

79.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

80.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

81.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

82.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

83.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

84.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

85.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

86.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

87.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

88.º O que se encontra em todos

Os seres do mundo.

89.º O que se encontra em todos

A MARMOTA MARANHENSE.

FOLHA LITTERARIA, E RECREATIVA.

Publica-se uma ou duas vezes por semana, na Typ. da 'Temperança do Sr. M. P. Ramos, rua Formosa n.º 9, onde se recebem assignaturas a 480 reis por 9 numeroes pagos á entrega do 2.º numero, folhas avulsas 60 réis.

Minha linguagem será Heide os vicios abater—
A linguagem da verdade, A virtude heide exaltar,
Pois sobre modo detesto Sem das fúias da decencia
Tudo quanto é falsidade. Um só ponto discrepar.

A MARMOTA.

Por pedido de um amigo e assignante nosso, suspendemos por enquanto a publicação da nossa carta do Rio, para dar lugar ao seguinte artigo que julgamos interessante.

A JUSTIÇA.

A justiça, quando verdadeira, é a columna da moral publica, é balsamo salutar que cura os vícios dos homens, e a mão de Deus trabalhando na sociedade do mundo.

Passam todos os dias, e ninguém ainda lembra do que passou com a Senhora tão afamada; pois não sabem os leitores, que vamos fazer uma descripção da tal ageitinha: attendão bem, que a historia é verdadeira. Esta Senhora, filha legítima do Sr. Dr. do Nacional, e da Sra. D. Equidade, nasceu no seculo passado, foi baptizada na freguesia da Honra, sendo madrinha a Sra. D. Consciencia Escrupulosa da Boa Fé, e chamou-se D. Justiça Humana da Execução; porém depois que foi crescendo, seu tio, o Sr. Velhaco Mór do Reino, chrisinou-a em D. Tortura Randalha das Patifarias; e desde então, tendo ella antes sido uma senhora muito honesta e fiel, tornou-se uma ladra, e grande ladista, entrou a ter uma ambição desmarcada, perdeu de todo a vergonha, tornou-se soberba, ao mesmo tempo tão vil que constituiu-se uma indigna adúladora dos ricos, desprezando inteiramente os pobres por que vê que delles não pôde arranjar bastante dinheiro; e a final tornou-se uma preguiçosa, e tão deixada, que não attende ás suas obrigações; por mais que se escreve por ella, não sabe de casa para acudir a ninguém; porém, assim que vê dinheiro, ou

No tempo em que a justiça foi boa, andou armada de espada e balança, isto é, para pesar e cortar; porém n'um duello que teve com a Sr.ª D. Fortuna, levou uma bofetada que a pôz cega de todo; vendo-se ella n'este estado, largou a espada, tomou um pau e entrou a communisar-se pelo tacto, de sorte que quando lhe dão dinheiro de esmola ella agradece e entrega o pau para a conduzirem para onde se quizer; e quando não lhe dão esmola levanta o pau e dá bordoadas de fogo; deixou tambem a balança por que os pagamentos agora são em papel e não em ouro e prata, como dantes, e não se sabe telar se não receber a conta, e não se sabe, que ella por cega não conheça, traz consigo uma menina chamada Ganancia da Especulação. Eis aqui a Sra.ª Justiça descripta, cuspidas e es-carradas.

E a vista disto, que se deve esperar da tal mulher no tempo presente!! O que estamos vendo todos os dias.

Aquelles que por obrigação deviam ser os mais rigorosos observadores da verdadeira justiça, são os que mais a corrompem: advogados corruptos e ambiciosos, que illudem as partes dizendo-lhes que as causas, as mais absurdas que dar se pode, tem toda justiça, só para chuparem o dinheiro do importe das razões e mais atrapalhções que elles inventam: tabelliães velhacos fazendo testamentos falsos, e com elles concorrendo para se extorquir os bens de seus legítimos herdeiros: escripturas viciadas, firmas raspadas, autos sumidos, testemunhas compradas, datas trocadas, e quanta casta ha de perversidades para roubarem e causarem damno aos seus semelhantes!!

E que diromos de certos senhores juizes emproados e cheios de altivez, que estão sempre dormindo, ou no banho, para não fallarem ás partes, fazendo-os esperar manhãs inteiras na escada! Estes são impostores por natureza, e ordinariamente estupidos, porque o homem ins-tituído não se ensoberbece por estar em cargo

algum. por mais elevado que seja; outros ainda peiores e muito insupportaveis são alguns, que escandalosamente vendem a justiça, tirando o direito a quem rigorosamente o tem concedido pela lei, e quantos males resultam d'este infame abuso!! O juiz que vende a sentença, injuriando a sua classe e commettendo a barbaridade de criminar o innocente, devia ser immediatamente desterrado do paiz que habita; mas tal é a descaração moderna, que alguns, além de roubarem, com o mesmo dinheiro ganho na ladroeira dão funcções e alardeiam de muito ricos, sem se lembrarem que o publico está calculando seus lucros e seus gastos, e por conseguinte vendo que malversam. E as taes demandas!!! Oh! só do nome tremo d'ellas! são a ruína das familias, e purgatorio dos proprietarios, o potosi das ladroeiras da justiça!! E por demandas injustas, quantos estão por ali possuindo propriedades mal havidas!! Uma demanda encurta, pelo menos, dez annos de vida, a quem a tem, com os flagellos que acarreta de despezas continuadas, fadigas, e passadas debalde, além da dependencia das decisões ou sentenças; por demandas injustas, mal paradas o mal decididas, quantas viúvas estão morrendo á fome o vendo seus bens em mãos de ladrões e usurarios!! quantos orphãos desamparados!! quantas familias perdidas!! Porém, em desconto d'isto, lá está no inferno o diabo com uma palmatoria de ferro em braza na mão para esfregar de bolos a todo juiz que pratica taes deshumanidades.

E' a justiça uma vacca de quarenta mil tetas, onde mamam centenares de especuladores, e todos elles arranjam dinheiro para gastar á larga; isto é assim, que a prova está neste antigo proverbio de uma obra hespanhola antiga, que por acharmos muito conceituoso, o traduzimos e aqui temos:

Um passaro com tantas pennas
Não se pode sustentar;
O escrivão com uma só
Tem dinheiro p'ra jogar!

E assim o devem fazer, por que tudo quanto perdem desforram nos autos; fallo dos velhacos e não dos bons.

O batalhão dos escrivães, tabelliães, procuradores e meirinhos, pode-se reunir ao dos medicos, padres, e armadores, porque todos elles ganham com as afflições alheias; mas em todo o caso valha-nos o dicto do Mazarem:—Dos males o menor,—posto que n'este caso o mal donde elle e os padres lucram é o maior, por que defuncto não tem concerto.

Ora, ora isto, Senhores!! Estou com esta cabeça perdida depois que vi certa moça: eu vinha passando pela rua da Justiça, e fui me

esbarrar na porta do Mazarem! Porém vou já voltar do bordo, o torno ao assumpto da questão, ou ponto da conversa; e para não se tornar maçada, vou dar a conclusão.

Em ultimo apuro é melhor não ter justiça alguma, e entregar os crimes á reforma do tempo, do que ter a justiça mal administrada, sustentando rapinas e perseguindo a innocencia para deixar o crime impune.

Para termos uma justiça bem administrada é de primeira necessidade que haja muito cuidado em nomear para os lugares, ou varas de jurisdição, homens de reconhecido merito, habéis na jurisprudencia; e não rapazolas sahidos dos bancos das academias, ainda estranhos e faltos de experiencia, porque, governar povo não é criar gallinhas, é myster que antes de ser nomeado o juiz, se faça uma indagação *vita et moribus*, e então depois se lhe dé um ordenado sufficiente, e não miseravel, para que elle tenha com que fazer face a cathegoria do cargo, sem precisar de abusar. Exigem as academias que se estude tão somente cinco annos para se tomar o grão de doutor em jurisprudencia, ou sciencia da justiça: e para doutor em medicina exigem seis annos, o que não acho de razão, visto que a jurisprudencia é mais exacta e fundada em principios, mais certos do que a medicina, pelo menos deviam ambas ser consideradas iguaes, visto que um curativo de medico equivale a uma demanda, só com a peor differença, de algumas vezes darem no fim a sentença de morte sem o doente a merecer; se uma reforma exigisse d'ora em diante seis annos para o curso de jurisprudencia seria muito util até para diminuir a facilidade com que se fabricam tantos bachareis, que é impossivel o Brazil d'aqui a poucos annos dar empregos a todos. Em ultima analyse direi que o administrador da justiça deve ser um homem de sciencia e reconhecida probidade, e para exercer o encargo em regra deve ter o juizo agudo e coração neutro ou imparcial.

E basta fallar da justiça; abaixemos o pano d'este theatro magico, para levantarmos em outra scena, e findemos portanto o artigo com a traducção que fez um padre estúpido, o qual vendo no fim de um texto da Biblia as palavras —*parabulam hanc*, traduzio—paremos aqui.

Adeus, amigos, até a primeira.

Creia que sou desta feita
Seu amigo sem suspeita

O bacharel Tobias
Que só come gias.

M. R. na Corte.

Desejos.

Se em teus formosos labios eu tivesse
Um só, um só momento de ventura,
Supportára do mundo a crueldade,
Baixára sem pezar á sepultura!

Se em teus carminios labios depuzesse
Terno premio de amor, por amor dado,
Esquecera do mundo agro tormento,
Acabára contente e sem cuidado!

Se em teus brilhantes olhos encontrasse
A esperança de amor tão merecido,
Desprezára do mundo vã grandeza,
Embora defulhasse em triste olvido!

Se em teus divinos olhos avistasse
Doce pranto de amor a mim votado,
Não quizera do mundo alta grandeza,
Que a grandeza no mundo é ser amado!

Se em teu celeste peito repouzasse
Sentindo o doce, o terno palpitar,
Não quizera do mundo ufanas glorias,
Que nas glorias do mundo ha só penar!

Se em teus pomos de amor eu reclinasse
Minha face, de angustias tão ferida,
Morrera n'esse instante bem ditoso,
Que na gloria acabava a minha vida!

F. B.

NOTICIAS FRESCAS,

Chegadas da Corte, e dadas em segredo por um figurão.

O ministerio está quasi a calir por causa de uma grande desordem que houve entre os ministros em virtude de um decreto que pretendião publicar, e houve tál contenda entre dois d'elles que depois de muita discompostura um delles furou o olho do outro com a pena de aço com que estava escrevendo. Passou o decreto de se criarem mais duas alfandegas uma em Itaparica e outra em Montserrat para desembarque dos generos da Costa. Criou-se um banco monstro que já tem uns fundos de duzentos milhões, e consta que vem uma requisição para se mandar da Bahia officiaes peritos em finanças que tenham servido na caixa economica, e um bom secretario que entenda bem da tctica dos livros. Estão inteiramente prohibidos os titulos, e comendas, porque houve tanta quantidade que se confundirão nas ruas, d'ora em diante só se darão quando houverem novas eleições, e por tanto quem os pretender guarde a barriga para essa occasião. Ultimamente ordenou-se que por causa do grande fador dos tigres se borrissem todos os dias as ruas com agua da colonia, e para

este fim consignou-se a quantia de trez contos de réis por dia, os boticarios tem se regalado com esta lembrança de pexinxa. O Brasil se prepara para declarar guerra ao Rozas, porém o velho mandou dizer que se acomodava se lhe mandassem alguma coisa de sustancia, bem como araruta para os seus mingãos etc. etc., e algum tabaco para o seu nariz, e propõe um tractado de commercio entre nós dando-nos seus chifres em troca do nosso pau Brasil.

Em lugar dos soldados estrangeiros que se forão engajar mandou-se contra ordem para virem moças, porque assim tira-se mais proveito porque cazão com os nossos recrutas que estão no sul, e se forma uma creação maior que depois de alguns annos pode nos fornecer um exercito numeroso na fronteira.

As ultimas modas de mais influencia para os homens são as casacas vermelhas do tempo do Frederico grande, e para as senhoras vestidos de filó de renda sobre o corpo singelamente sem mais nada, talhado segundo o gosto de madama de Mentenou; os chapéos são muito altos e afunilados, e d'elles existem já alguns para se vender no armazem do Fragozo, e Companhia.

Quanto ao mais vai tudo bem, e que houver de novo iremos publicando pouca-a-pouca porque o sujeito que dá as noticias vai dizendo aos bocadinhos e pede muito segredo.

CHARADAS.

Da innocente rez o brado vello
Em que Pallas cimpenha arte, e desvello } 1

Nas aguas de Ceylão seguramente
De margens para margens leva gente, } 2

Não encontrando estorvo, vagabundo
Vai acabar no pélago profundo. } 2

Se saber queres	Sou de cristal
O que eu sou	Fino e brilhante,
Com estes versos	Dando aos sallões
Dizer-te vou.	Luz scintilante.

Por esta causa
Sou dezojado;
Nos grandes bailes
Sempre encontrado.

A alguns artistas sou indispensavel;—1.ª e 3.ª
Um dos peccados mortaes — 2.ª e 3.ª
A monastica veste de puros e castos entes.

Sig. das Charadas do n. antecedente a 1.ª Verdade—a 2.ª Palmatoria.

Maranhão: Typ. da Temperança. 1851. Impresso por M. P. Ramos, rua Formosa n. 9

sultos de que era alvo, respondeu com xprobrações a que os officiaes replirao lançando-lhe a mão. A donzella tendo esgotado os primeiros meios da doleza, e não divizando quem lhe podesse acudir, atirou consigo ao canal. Os officiaes austriacos, em vez de a soccorrerem afastarão-se imprudentemente. A moça foi tirada das aguas a cincoenta passos de distancia do canal do successo; dava ainda signaes, mas succumbio. A paviola que a transportava ao hospital era acompanhada de immensa gente, que não disfarçava a sua indignação, sobre tudo, que pôde ver-se, a mocidade e belleza desta victima.

O sentimento de admiração e respeito á virtude daquella creatura joven, desconhecida e pobre, suscitou a lembrança de uma subscrição para o seu funeral, que foi riquissimo. O povo enfurecido rogava ao ceo que accelerasse o dia da vingança."

Li hontem em casa de um amigo o *Nacional do Porto* o seguinte:

"Na sessão de 11 de dezembro o tribunal da relação do Porto, modificou em degredo perpetuo para a Africa a pena de morte, imposta em primeira instancia a ré Maria Josefa de Anna-dia, accusada do crime de infanticidio, tendo dado a luz uma menina a quem logo matou, cortando-lhe o pescoço com uma navalha, e lhe cortando a cabeça com uma pedra."

Outra!!! a ré confessou o crime."

O mesmo jornal diz o seguinte:—

"Temos de lastimar a desgraçada sorte de 11 pessoas que ha tres dias, tendo sahido a pesca não poderão entrar á barra, e que succumbirão a violencia do mar abraçados uns aos outros, deixando todos mulher e filhos que lhes não poderão valer e hoje chorão sua desgraça. Deos que a que o governo portuguez se compadeça destas victimas hem dignas de seu auxilio."

Hontem, a noite no caffè, contou-me o capitão d'um avio que vinha de Boston a seguinte luta desesperada d'uma baleia contra a barca Parker-Cock em 22 de julho do anno passado.

"Ao primeiro golpe do arpéo, o cetaceo fez soçobrar a lancha que lhe deu caça: o homem do leme ia quasi perdendo uma perna levada pela violencia do cabo senão tivesse presença de espirito para cortar. Veio outro bote recolher a equipagem; e neste intervallo, vendo o capitão que tinha de haver-se com inimigo temeroso preparava a sua lancha e as bombas de arremeço.

"Com effeito a baleia voltou-se contra o navio, investindo-o pela proa com tamanho impeto que o beque lhe entrou pela cabeça dentro, e foi tal o abalo que derribou a gente que estava em cima da coberta. O animal afastou-se obra

de meia milha, mas virou de novo contra a barca ainda que com força menor. Vendo isto o capitão foi a bordo da sua lancha accommetel-a e fez fogo por tres vezes a distancia pouco mais de 30 braças. A cada descarga o monstruoso cetaceo tentou arrojarse sobre o bote, de goela escarnada e com todos os signaes de furor exasperado. O terceiro ataque lhe fez vomitar sangue e não tardou que expirasse. Esta baleia, cuja conquista foi difficil, produziu 300 barris de azeite.

Meu Amigo, Vm. me permittirá que tambem entre pela moda:—

Decididamente o bello sexo este inverno, na europa, adoptou usos á *Oriental*, isto é, nas modas, hem entendido. As fazendas para vestidos são de um luxo e riqueza asiaticos; as fitas e telas empregados nos toucados compoem-se de sedas, veludo, ouro, prata, perolas &c; os collares com tres ordens de perolas, e os braceletes fluctuantes á roda do braço reina absolutamente em todos os salões parisienses. Não se illuda, porém, ninguém, com o character distinctivo das modas presentes: ellas tem o cunho do seculo—*Liberdade!*—N uma reunião de 1:000 pessoas, apparecem 500 gostos diversos, e todos recommendados pelos figurinos da estação! Ha vestidos feichados até á tórax, abertos ou talhados á *Raphael*, ou talhados em

sorte que deixam vêr os bordados, a ponto d'agulha, das camisinhas. As mangas podem ser cortadas como as de casaca, reinatando com uma abertura á mosqueteira, que produz muito effeito quando se cohe um punho de renda ou cambraia bordada; ou tambem, sendo o vestido de passeio, ainda são adoptadas de boca de sino, ou pagodes.

Uma das bellezas da época é, por sem duvida, a composição cheia de gosto e de graça dos penteiados á *Maria Stuart*, *Chambord*, e *Montmorency*; porém appareceram difficuldades na sua execução, e para reparal-as um celebre artista de Paris inventou um systema de pentes arredondados, para serem postos por baixo do cabello, por meio dos quaes se desenhavam perfeitamente, e com segurança, todas as alturas exigidas pela moda.

Já vêm as nossas leitoras que, por ora, as modas não lhes podem interessar directamente, porque ellas são todas relativas ao inverno; porém as do verão hão de necessariamente possuir o cunho que distingue as actuaes. Os moveis, penteiados, fazendas e objectos d'arte tomaram uma apparencia, por assim dizer, inédita, e é de supôr que os cortes e as formas ainda sejam pouco mais ou menos os mesmos para a estação calmosa, com leves modificações.

Fico por enquanto aqui, por esta já ir longa, e continuarei amanhã porque nada tenho ainda lhe dito do que pretendo.

(Continued.)

REGALOS DA VIDA.

Estão os livros dos Padres, cheios da palavra—Céu—e pintão o céu como um lugar delizioso e agradável, onde a alma se compraz recebendo o premio de suas acções boas e virtuosas. Não sei: accredito que assim seja, e desejo bem ir dar com os ossos lá, porque, morrer e ir para o inferno são dois males logo ao mesmo tempo, e dos males, o menor; soffra-se a morte, mas ao menos vá a gente para o céu, a conversar com tanto santo e santa que lá está. Mas, também ninguem me poderá negar que aqui mesmo no mundo, com quanto seja uma valle de lagrimas, como diz a Salve Rainha, ha cousinhas para um filho de Adão desfructar, tão doces e tão assucaradas, que se não são do céu, não sei de onde vieraõ. Siga quem quizer a opinião contraria, grite que os bens do mundo são perecedoiros, que não ha gosto perfeito na vida, e que ella deve ser passada nas mascerações e nos jejuns: eu cá digo, e o troço he que heide achar aqui, e aqui, e aqui, e aqui, que tanto e o céu que he o céu e o inferno, que quanto a vida devesse ser passada no inferno! Não he assim, como para que não se fizesse o contrabalanço. E a não ser a vida sem uma salvação, ou antes as salvação da vida não poderiam ser supprimentos, por faltar-lhe os regules d'ella para fazer um contrabalanço.

São delicias do céu, ou não, as que desfructa um querido da sorte, reclinado no collo de uma deidade, bonita ou feia, mas que é amada, a ser o pasciente de seus agradinhos, a delirar, e a morrer de amores? T'aes momentos são um regalo que penetra até o mais intimo do coração, e deixão a creatura bem satisfeita consigo mesma.

Penso que no cfo não se destructa o prazer que experimenta um garçommo, tendo diante de si uma moza bem servida de cheirosos e variados pratos. Para aquella alma, de telhas abaladas, o melhor regalo: seus sentidos se acaloram, seu coração está n'este o n'aquelle prazer, e elle quizera ter uma barriga de borrego para guardar d'entro d'ella tudo o que ali

Vão sair um casal bom, em noite de lua
 reia com uma mocinha, corzinha de canel-
 lapareuta, a face rosada, cabellos negros
 retos? Vantão santos, penitentes, e san-
 tos em sua frente sustentarei que no
 mundo delicia, mas se ha cêo na ter-
 ra se destructa.

Sobre gostos não ha disputas. Alguem já ouvi eu dizer que não queria ir ao ~~cão~~ as razões que tinha não as pude apreciar, mas, se se pode interpretar parece-me que o tal teinha não encontrar alli as solganças e regalos d'este mundo de tanta miseria boa e agradavel. Com quanto eu não diga assim, contudo, inda mesmo indo para o céu, hei de sentir muito deixar o que se deixa cá n'este mundo. E ésta hade ser por sem duvida umas das lembranças mais terriveis da hora extrema.

Deixar no mundo as riquezas, essa entidade poderosa chamado—dinheiro com que obtinha justiça dos juizes saquaremas ou luzias, com que se tornava o hodiundo mortal formoso vivente, com que se vencia a belleza, e se acurvava nos caprixos do coração, com que se era recebido sempre com agrado por todas as authoridades, inda as mais soberbas, inda as mais cheias de si, que fazia receber pelas ruas, cortezias aos centos, e ter entrada nas deliberações do governo?—eis ahi um regalo da vida, que no céo não ha, e que é custoso com a alma abandonar.

[illegible]

Mas... onde... pensar as ideias que...
 inho hoje emita... o diabo é feio, não
 ro deixar-me... por isso concluiu
 dizendo, que o maior regalo da vida, o unico,
 o só que pode justamente encher o coração
 do homem, he o prazer da practica do bem, e
 a lembrança de que partilhará a bemaventu-
 rança dos justos. Aqui sim he que existe re-
 gallo. Quem pensar differentemente terá de
 ajustar contas com um tal sujeito, de nariz re-
 torcido, cara suja, unhas de gavião, um rabo de
 boi em forma de chicote, e a quem dão o nome
 de—diabo—.

SONETO.

Offrece a magestosa Natureza
Nos seus variadissimos aspectos
Para o canto dos vates mil objectos
Grandes, sublimes, cheios de belleza.
Nobres, gratos assumptos com largueza
Nos dá o coração aos seus illectos;
Ali podeis colher fructos selectos,
O vate explorar tanta riqueza!

Deixae Cupido e Venus fabulosos,
Cantae o Amor, Virtude, Formosura
E a Natureza em metros harmoniosos :
Sem recorrer á insípida impostura
D'esses Deuses fictícios, já rançosos,
A vossa gloria, ó vates, é segura.

X. Y. Z.

MOTTE.

*Quen nan guesta de Marãmôta
Nan guesta de côça bom.*

GLOZA.

Bumba ! dentro de grôta,
Debaxo de pé de cambaro,
Turo xujo de cataro
Quen nan guesta de Maramôta;
Nan xêre ôvo de trôta,
Nan cume arô cu fíjon,
Crane sêco cu piron
N'êre gimbata de Fixo;
Quen nan guesta desse bixo
Nan guesta de côça bom.
Fazido Prú Pá Mané Camussinga.

MOTTE.

*Quem não gosta da Marmota
Não gosta de couza boa
He por certo algum pedante.*

GLOZA.

Disse assim D. Carlota,
Numa salla á conversar:
Nos devemos desprezar
Quem não gosta da Marmota;
Que me dizes Maricôta?
E' ser muito ignorante
(Disse a outra) o meu amante.
Tem a mesma opinião;
Até diz que è toleirão
Quem não e d'ella assignante.

Um taful d'orrenda prôa
(Disse assim Dona Quiteria,
Falla d'ella Dona Cleria,
Não gosta de couza boa,
Segundo consta-me, sôu....
(Dona Fausta qu'è amante
Da Marmota?...n'este instante,
Respondeu por acabar :)
O que posso affiançar....
E' por certo algum pedante.

RICARDO.

MOTTE.

*Oh ! meu Deus ! ninguém se entende
Côa chusma dos intrigantes !*

GLOZA.

Na terra

Viver em perfeita paz,
Porque a intriga mordaz
Faz todos o dente ferra !
Faz nascer continua guerra;
Da discordia o facho accendo;
Por detras—a todos vende,
Por diante—lisonjea,
E com desordem tão fêa,
Oh ! meu Deus ! ninguém se entende.

Mil mentiras—para aqui;
Enredos—para acolá ;
Mormurações—para cá,
Ruggeruges—para alí !
T'as cousas inda não vi,
Nem isto é como era d'antes :
Q' tantos são os tratantes
Que si Deus não nos acode,
Que desgraça ! oh ! Ceos ! quem podê
Côa chusma dos intrigantes ?

X. Y. Z.

A virgem da Soledade.

Oh ! Virgem e Mãe Santissima
De Pureza e Castidade,
Valei-me na ultima hora
Pela vossa Soledade.

No meu extremo final
Fuzei com que eu me salve
Pela vossa Soledade.

De todos os meus peccados
Eu vos confesso a verdade;
Perdoai-me, Virgem Pura,
Pela vossa Soledade.

Livrai-me desta triteza,
E da minha iniquidade;
Pelas vossas sete dores,
Pela vossa Soledade.

Quando minha vida finde,
Tende de mim piedade;
Pelo Amor do vosso Filho,
Pela vossa Soledade.

A. de C. P.

CHARADA.

Odorifero nectar e riqueza
Que nos doou a sábia natureza.
Foi o neto daquelle Rei segundo
Que aos Deoses fundou culto profundo.
Por engano foi dada a um pastor
Que a outra consagrou o seu amor.

Do afflicto coração cruel veneno.
E aspera pena, que misera alimenta
Saudades e desgostos, e suspiros.
Com mortal dissabor, e dôr violenta

Sig. das charadas do n. antecedente—*a l*
dario—2.ª Cogula



